

Rita Paula Queirós de Sousa

**“Da Realidade à Ficção -  
A Singular Heroína em *The Scarlet Letter*”**



Mestrado em Estudos Americanos

Orientador: Professor Doutor Mário Avelar

Universidade Aberta

Lisboa

Junho de 2007

## Índice

Introdução.....	1
1. Hester Prynne- Eventual Reflexo de Aspectos Biográficos.....	3
2. Representações do feminino em “Lady Eleanore’s Mantle”, “Rappaccini’s Daughter”, <i>The Blithedale Romance</i> e <i>The Marble Faun</i> .....	24
3. A singularidade da heroína em <i>The Scarlet Letter</i> .....	61
Conclusão.....	92
Bibliografia.....	94

## **Agradecimentos**

As minhas palavras iniciais de agradecimento dirigem-se ao Professor Doutor Mário Avelar pelo constante apoio, tolerância e generosidade revelados desde o primeiro momento em que manifestei interesse em elaborar esta dissertação.

Agradeço também aos meus pais o carinho e o encorajamento que sempre me transmitiram durante o tempo dedicado à concretização desta árdua tarefa. Manifesto ainda o meu reconhecimento pela disponibilidade e pelo incentivo da minha colega e amiga Paula Silva, os quais se mostraram essenciais nas ocasiões de maior dificuldade.

Em último lugar agradeço aos serviços da Biblioteca e do Instituto de Cultura Americana da Faculdade de Letras de Lisboa, cuja colaboração foi extremamente útil na recolha de recursos materiais utilizados na reprodução deste trabalho.



## INTRODUÇÃO

Ao escolher como objecto deste trabalho a leitura crítica de um texto de Nathaniel Hawthorne, autor incluído no que se poderá apelidar de “cânone clássico” das Letras Americanas, considerou-se merecer tal escritor, ainda hoje, um olhar atento embora dificilmente se possa pensar em termos de uma abordagem que se pretende inovadora.

A presente dissertação tem por objectivo geral analisar o papel significativo desempenhado pela figura feminina na vida e nas obras de Hawthorne. Visa ainda esclarecer a forma singular como a principal personagem feminina de *The Scarlet Letter* reage à situação em que se encontra envolvida, ou seja, a de uma mulher residente numa colónia puritana que enfrenta uma acusação de adultério.

O propósito deste ensaio é o de revelar o meio através do qual Hawthorne propõe, através de Hester Prynne, uma diferente leitura da função exercida pelas mulheres no século XVII da Nova Inglaterra. Analisaremos em que medida a personagem se evidencia em *The Scarlet Letter* não apenas enquanto conselheira para aquelas que se achavam descontentes com as respectivas condições de vida, mas também como uma espécie de profetiza anunciando uma época e um local preferíveis ao Boston colonial.

No que concerne a metodologia adoptada, optou-se por dividir este estudo em três partes. A primeira recai sobre uma observação de Hester Prynne enquanto eventual reflexo de aspectos biográficos relacionados com Nathaniel Hawthorne. Procura-se observar se a mãe do autor terá servido de inspiração permitindo-lhe conceber a personagem de Hester, com a qual eventualmente partilhará circunstâncias da sua vida. Tentar-se-á esclarecer ainda se a amizade estabelecida com Margaret Fuller o terá influenciado decisivamente, levando-o porventura a criar Hester com traços de personalidade idênticos.

A segunda parte refere-se às representações do feminino em Hawthorne, nomeadamente, em “Lady Eleanore’s Mantle”, “Rappaccini’s Daughter”, *The Blithedale Romance* e *The Marble Faun*. Escolheu-se estas obras devido ao facto de nelas se poder detectar a presença de

personagens femininas marcantes pelas suas características psicológicas e pelo modo de agir, as quais podem ser relacionadas ou em certos casos contrapostas a Hester.

Com efeito, Hawthorne caracteriza nos seus livros uma diversidade de personagens que ostentam a sua independência e auto-confiança, mas também outras que incorporam as expectativas mantidas relativamente às mulheres na América do século XIX. Verificar-se-á deste modo se o escritor se mostra indulgente ou não quanto à maioria deste tipo de personagens, divulgando a complexidade da vida das mulheres numa altura assinalada por uma determinante mudança social.

A terceira e última parte concentra-se na peculiaridade da heroína em *The Scarlet Letter*. Pretende-se aclarar a maneira como Hester consegue evoluir, passando de transgressora a heroína. Reflectir-se-á ainda sobre a possibilidade de tal propensão indisciplinada entrar ou não em disputa com a índole maternal de Hester, podendo resultar numa sobreposição da sua entidade como mãe à sua tendência sensual e insubordinada.

## CAPÍTULO I

### Hester Prynne – Eventual Reflexo de Aspectos Biográficos

Hawthorne's career . . . had few perceptible points of contact with what is called the world, with public events, with the manners of his time, even with the life of his neighbours.

Henry James, *Nathaniel Hawthorne* (1879)

Em “Nathaniel Hawthorne and His Mother: a Biographical Speculation” (1982), Nina Baym propõe que a morte da progenitora terá motivado a criação de *The Scarlet Letter*, no qual Hawthorne concebeu Hester Prynne como uma versão da sua mãe. De acordo com a esposa do autor e com a biografia elaborada por Julian Hawthorne, *Nathaniel Hawthorne and His Wife: A Biography* (1884), Elizabeth Manning Hawthorne era uma mulher com um comportamento esquivo. Os diários de Hawthorne e as cartas dirigidas à família testemunham a sua forte presença.

Hawthorne cresceu apartado da influência paterna, tendo o pai falecido quando o escritor tinha apenas quatro anos de idade. Hawthorne desenvolveu-se numa extensa família, sob a alçada das irmãs mais velhas Elizabeth e Maria Louisa. A avó, em conjunto com as tias, disponibilizou-se desde o início para financiar a educação de Hawthorne em Salem. Quer a sua mãe quer as irmãs encorajaram desde sempre as suas aspirações de se tornar escritor. Emily Budick em *Engendering Romance: Women Writers and the Hawthorne Tradition, 1850-1900* (1994), e Walter Herbert em *Dearest Beloved: the Hawthornes and the Making of the Middle-Class Family* (1993) notam que esta infância vivida no seio de uma variedade de figuras femininas proporcionou a Hawthorne uma perspectiva eventualmente feminista e anti-patriarcal da realidade circundante. O autor conhecia em primeira-mão o cruel empobrecimento das mulheres solteiras, como era o caso das próprias tias e das irmãs, bem como das mulheres enviuvadas, sendo esta a situação da mãe. Embora se encontrasse afastado da progenitora durante grande parte da sua adolescência, Hawthorne conseguiu apreender a sensibilidade feminina e aprendeu a respeitar o dinamismo das figuras que o rodeavam. (Baym, 5)

Segundo Barbara Ellis, em “Some Observations about Hawthorne’s Women” (1993), todo o contexto familiar de Hawthorne, além da leitura de escritores detentores de ideias vistas como revolucionárias para a época tais como Rousseau, contribuiu para que o autor considerasse as mulheres companheiras quer a nível intelectual quer profissional. (Ellis, 6) Por seu turno, William Heath defende, em “The Power of Passion: Hawthorne’s Tales of Thwarted Desire” (1999), que a popularidade de Hawthorne enquanto escritor dependia das noções sentimentais típicas do seu tempo, numa altura em que as mulheres eram representadas como meros anjos cuja missão seria refinar as imperfeições masculinas. Hawthorne ter-se-á debatido, assim, com um dilema artístico, desejando em simultâneo espiritualizar as representantes do género feminino, salientando a irrelevância da matéria, e não conseguindo evitar uma óptica contrária que reconhecia a complexidade feminina.

No decorrer do século XIX a consciência das diferenças entre os dois géneros e as atitudes feministas manifestaram-se na imaginação literária, alterando de forma definitiva o modo como as obras femininas seriam encaradas. Um número crescente de mulheres começou a exprimir na respectiva escrita a insatisfação sentida quanto às relações estabelecidas entre os dois sexos e quanto à condição feminina. Por conseguinte, o lugar ocupado pelas figuras femininas no universo social ou artístico tornou-se um assunto largamente debatido. (Heath, 9)

O sucesso experimentado entre as escritoras, superior ao dos seus contemporâneos masculinos, terá levado Hawthorne a denominar tais criadoras de ficção popular “scribbling women” (Mitchell, 12), uma definição obviamente humilhante. Noutros momentos de maior prudência o autor acabou por admitir a relevância feminina na construção e subsistência da respectiva carreira. Não de forma surpreendente as suas obras apelavam a um público constituído sobretudo por mulheres, graças ao assunto e um estilo considerado ao mesmo tempo claro e elegante. Tal conformidade com as leitoras revelou-se extremamente positiva para a popularidade de Hawthorne.

Na altura coincidente com a publicação de *The Scarlet Letter*, em 1850, Hawthorne lutava para obter êxito como autor. A sua via literária tinha sido até esta altura, de acordo com o próprio Hawthorne, algo medíocre. O escritor nunca encarou os respectivos trabalhos como feitos notórios, um hábito derogatório evidente numa carta dirigida a Henry Longfellow em 1837, onde se pode ler: “As to my literary efforts, I do not think much of them. If my



writings had made any decided impression, I should probably have been stimulated to greater exertions, but there has been no warmth” (Derrick, 36).

Hawthorne trabalhou durante toda a sua vida sob a influência de figuras femininas, o que o terá levado a modelar as respectivas obras em função do seu ponto de vista. Como referimos, o autor encontrava-se rodeado por mulheres invulgarmente dotadas, cujos talentos artísticos o auxiliaram. As irmãs desempenhavam a dupla função de colegas e de colaboradoras nos seus esforços iniciais para desenvolver a respectiva voz. O facto de ter encontrado nas mulheres do seu meio familiar uma audiência atenta, composta por assistentes capazes e leais, não deve, porém, ser sobrevalorizado.

Mais tarde Hawthorne encontrou apoiantes adicionais, igualmente inteligentes e hábeis entre as irmãs Peabody, residentes em Salem: Elizabeth, Mary e Sophia, a sua futura esposa. Estas demonstraram um interesse idêntico pelos seus escritos, provando ser de grande utilidade na sociedade intelectual de Boston ao apresentar o reservado autor a importantes editoras e às comunidades de artistas ou de filósofos entre os quais deveria tornar-se conhecido. Rose, a filha mais nova do autor, escreveu o seguinte a este propósito: “Literature, art, and intercourse were the three gracious deities of the Peabody home” (Idol, 7).

Em *Rediscovering Hawthorne* (1977), Kenneth Dauber informa que os dias anteriores ao casamento com Sophia Peabody foram ocupados pela escrita e pelas conversas mantidas com a irmã. Elizabeth exerceu uma função central na evolução profissional de Hawthorne devido à atenção dada a assuntos de teor psicológico e estético. Ela afigurou-se um par intelectual, auxiliando-o na expansão da própria visão, imbuída de uma imaginação associativa. Repetindo o modelo colaborador previamente estabelecido com as irmãs, Hawthorne continuou a considerar a esposa uma potencial colega de profissão. Sophia partilhava o seu apreço pela leitura, transformando-se na sua principal espectadora, ouvindo-o ler em voz alta trabalhos de autores como Shakespeare, Milton e claro, ele mesmo. Sophia foi certamente a admiradora mais devota do marido, caracterizando-o nas respectivas cartas como o criador mais original à face da terra. (Dauber, 32)

Talvez a sua maior contribuição para o trabalho de Hawthorne consistisse na preocupação revelada quanto ao seu estudo. Neste sentido, Sophia empenhou-se em fazer do espaço de trabalho de Hawthorne um local com o máximo de conforto além de visualmente agradável.

Estabeleceu ainda a regra de em circunstância alguma o interromper enquanto ele escrevia, impedindo que as crianças ou as visitas adoptassem tal conduta. Além disso, Sophia esforçava-se por o proteger de qualquer contacto social aparentemente fatigante para o esposo.

A sua vida de casado e a dedicação aos filhos significavam que ele estava preparado para tratar com profundidade as existências domésticas das mulheres, podendo recorrer à própria experiência para descrever com facilidade os detalhes dos cenários, da caracterização das personagens e do enredo das narrativas. Hawthorne agradava em particular às leitoras que ambicionavam identificar algum aspecto do universo íntimo na respectiva leitura, usufruindo assim da oportunidade de se reconstruírem através da mesma. (Dauber, 34)

As figuras femininas intrincadas e as preocupações relacionadas com os dois géneros são fulcrais nas suas obras. A sua abordagem positiva das mulheres poderá ter contribuído para apresentá-las como virtuais salvadoras sociais. Nina Baym afirma o seguinte a este respeito no ensaio “Revisiting Hawthorne’s Feminism” (1976): “Cautiously, Hawthorne advances the notion that if society is to be changed for the better, such change will be initiated by women...Although in his later works Hawthorne was to answer the question negatively, in *The Scarlet Letter* the possibility, though faint, is there” (Idol, 10).

Não obstante esta admiração pelas representantes do sexo feminino, a relação estabelecida com Elizabeth Peabody revelou-se, em situações particulares, contingente. As tentativas efectuadas por Elizabeth no sentido de obter apoio para os seus escritos abolicionistas, por exemplo, não surtiram qualquer efeito junto de Hawthorne. Tal recusa em ler literatura abolicionista foi interpretada pela autora como uma falta de percepção relativamente à conjuntura dos escravos. Turner adianta em *Nathaniel Hawthorne: A Biography* (1980) que Hawthorne se opunha à escravatura, temendo porém que a emancipação imediata se pudesse tornar prejudicial. Embora concordasse em parte com os princípios anti-esclavagistas, Hawthorne considerava os abolicionistas responsáveis por comportamentos denunciadores de fanatismo e, de acordo com a sua mente, perigosos. (Turner, 81)

O seu cepticismo quanto à catarse do país através da supressão da escravatura tinha como origem, conforme declara Larry Reynolds em *A Historical Guide to Nathaniel Hawthorne* (2001), a sua crença de que qualquer tentativa executada para livrar uma região ou até todo o

mundo do mal produziria um efeito oposto ao desejado, em especial se os meios utilizados fossem violentos. A sua resposta ao panfleto enviado pela cunhada consistiu, portanto, no seguinte: “vengeance and beneficence are things that God claims for Himself. His instruments have no consciousness of His purpose; if they imagine they have, it is a pretty sure token that they are not His instruments. The good of others, like our own happiness, is not to be attained by direct effort, but incidentally” (Bell, 42).

Outros traços psicológicos de Hawthorne geradores de alguma controvérsia eram, também segundo Reynolds, a sua admitida aversão ao povo judeu, a já mencionada indiferença quanto às condições miseráveis dos escravos, e ainda a ausência de comiseração pelos jovens que colocavam as respectivas vidas em jogo ao serviço da União, uma causa em que o escritor não acreditava. Contudo, nenhuma das emoções por ele demonstradas deve ser alvo de uma análise redutora. A respectiva crítica de *Uncle Tom's Cabin* (1852), a título exemplificativo, surgiu como fruto do seu ressentimento devido ao sucesso conseguido por Harriet Beecher Stowe mas também devido à sua ideia de que a política (neste caso o abolicionismo da autora) se deveria manter afastada da arte. Entre as irmãs Peabody foi sem dúvida Sophia quem o defendeu permanentemente da censura alheia, contribuindo de forma notória para o transformar num dos grandes homens de letras da América. (Reynolds, 48)

Hawthorne encontrava-se em conflito com a imagem dominante de masculinidade aceite pela cultura do século XIX. Leland S. Person menciona em “Hawthorne's Early Tales: Male Authorship, Domestic Violence, and Female Readers” (1988) a crise de definição do género masculino patente neste período: “given the identification of masculinity with vigorous, self-reliant activity both inside and outside the home, it must have been difficult indeed for male writers to reconcile their profession with their masculinity” (Egan, 18). O escritor era de facto forçado a lidar com múltiplos e conflituosos temperamentos, ao mesmo tempo que diligenciava conservar uma integridade inventiva. Roy Male salienta em *Hawthorne's Tragic Vision* o pouco valor atribuído aos atributos do sexo feminino pelos contemporâneos de Hawthorne:

In this predominantly masculine enterprise [writing], the role of women has always been anomalous. The notorious ineptitude of the heroine in Western films serves as a constant reminder that in a world of movement in space, a woman was simply an encumbrance. Her alternatives were to remain behind in the ancestral covered wagon and the squatter's hut.

Before *The Scarlet Letter* no American writer understood the values of time, tragedy, or womanhood well enough to create a woman in fiction. (Male, 4-5)

Conforme Baym declara, no ensaio intitulado “Nathaniel Hawthorne and His Mother: a Biographical Speculation”, parte da exuberância encontrada em *The Scarlet Letter* resulta da profundidade da relação estabelecida entre Hester Prynne, um homem e a sua filha, a qual se baseia por sua vez na convivência entre ele e duas mulheres presentes no seu dia-a-dia – Margaret Fuller e Elizabeth Hathorne. Sendo invadido por poderosas emoções na altura do falecimento da mãe, Hawthorne dramatiza, através de Hester Prynne, uma existência que em alguns aspectos se assemelha à vida da figura materna.

Ao mesmo tempo que sofre com esta súbita morte da mãe, na altura com sessenta e nove anos de idade, Hawthorne perde o seu trabalho na Salem Custom House. Para Baym, o senso comum sugere que uma obra tão próxima da perda de um ente querido, retratando uma heroína com a mesma condição maternal, possa consistir na sua substância autobiográfica num memorial a Elizabeth. Apesar de tal possibilidade, prevalece até hoje uma longa e pouco fiável tradição que permite a críticos como Randall Stewart e Arlin Turner, ambos em *Nathaniel Hawthorne: A Biography*, acusar a mãe de Hawthorne do desempenho de um papel grotesco e pernicioso na vida do filho ou, em alternativa, negar-lhe qualquer tipo de função. Para aqueles que procuravam um motivo plausível por detrás da insatisfação e do desprendimento de Hawthorne, quer a suposta rejeição maternal quer o exemplo de reclusão dado por Elizabeth, poderiam servir como pistas. (Baym, 20)

Mark Van Doren, um dos raros autores com um ponto de vista céptico sobre o tema, descreveu a situação do seguinte modo:

His mother has long been the subject of a sentimental legend which no evidence supports. She is supposed, soon after her husband's death, to have shut herself away not only from the world but from the Mannings [her natal family] and her own children. There are hints of a darkened room where she takes her meals alone, says nothing, and mourns ‘in a Hindoo seclusion’ the irreparable sadness of her lot. It appears on the contrary that she was an excellent cook, an attentive mother, and an interesting talker about things past and present. Her son's childhood letters to her, a number of which survive, are addressed to no such awful stranger as the legend suggests. (Baym, “Nathaniel Hawthorne and His Mother” 25)

Em *Hawthorne: A Study in Solitude* (1966), Herbert Gorman parece depender desta representação algo lendária para explicar as idiossincrasias de Hawthorne, as quais se espelhavam na respectiva criação. Para outros biógrafos onde se incluem os nomes já mencionados de Randall Stewart e Arlin Turner, bem como o de James R. Mellow em *Nathaniel Hawthorne in His Times* (1980), desejosos de ligar Hawthorne a uma figura paterna com quem nunca manteve contacto, a alegada ausência de Elizabeth justificava que a excluíssem definitivamente da vida de Hawthorne.

As cartas enviadas a Sophia Peabody representam a primeira fonte onde Hawthorne escreve acerca do excêntrico isolamento de Elizabeth e da mórbida atmosfera perceptível no lar, o qual apelidava de “Castle Dismal” (Baym, “Nathaniel Hawthorne and His Mother” 5). Na perspectiva de Baym no ensaio previamente identificado, as palavras de Hawthorne marcaram de forma significativa os críticos, os quais se mostraram incapazes de as avaliar em exclusivo pelo seu carácter literário. Em suma, aquilo que se detecta nas cartas de Hawthorne não passará de uma estratégia adoptada com o intuito de surgir perante Sophia como um homem carente e infeliz devido à incompreensão dos outros, conferindo à futura esposa o papel de heroína no seu drama romântico.

A simplicidade de Sophia levou-a a aceitar a hipérbole de Hawthorne como uma verdade literal. O autor antecipava tal atitude, sentindo-se fascinado precisamente pela transparente sensibilidade de Sophia, a qual acabou por transmitir esta ideia através de conversas e de cartas. Todavia, Sophia não foi a única a quem Hawthorne se dirigiu nestes termos durante o período que antecedeu o seu matrimónio. De facto, enquanto Julian preparava uma biografia dos pais em 1880, o filho do autor pediu a Elizabeth Peabody que escrevesse as respectivas memórias do cunhado. Verifica-se que as suas declarações se assemelham àquelas apresentadas por Hawthorne a Sophia:

We do not live at our house, we only vegetate. Elizabeth [Hawthorne’s older sister] never leaves her den; I have mine in the upper story, to which they always bring my meals, setting them down in a waiter at my door, which is always locked. “Don’t you even see your mother?” said I. “Yes”, said he, “in our little parlour. She comes and sits down with me and Louisa [Hawthorne’s younger sister] after tea - and sometimes Louisa and I drink tea together. My mother and Elizabeth each take their meals in their rooms. My mother has never sat down to table with anybody, since my father’s death”. I said, “Do you think it is healthy to

live so separated?”. “Certainly not – it is no life at all – it is the misfortune of my life. It has produced a morbid consciousness that paralyzes my powers.” (Baym, “Nathaniel Hawthorne and His Mother” 39)

Embora Julian se apercebesse das discrepâncias presentes no material que tinha entre mãos, ser-lhe-ia impossível contradizer visões de acontecimentos mantidas pelos seus progenitores tendo em conta o respeito filial que sentia, o motivo aliás anunciado para a elaboração de *Nathaniel Hawthorne and His Wife: A Biography*. Assim, optou por transmitir grande parte do relato de Elizabeth Peabody e, partindo da sua exposição, considerou que o feitiço perturbado de Hawthorne era um resultado do invulgar procedimento da figura materna. Não obstante este aspecto, Julian expressa na biografia já mencionada a sua aprovação quanto à educação transmitida por Elizabeth, conferindo-lhe o devido valor ao modelar a susceptibilidade literária do filho e ao encorajá-lo a ler poesia ou romances. Além disso, Julian inclui informações provenientes de outros destinos que contrariam as suas observações iniciais. Ainda assim o autor resiste a envolver-se nas inconsistências da sua narrativa, pois a estranheza de Elizabeth demonstra ser de alguma utilidade ao justificar a sua tese de que Hawthorne descobriu a salvação pessoal e artística através do casamento com Sophia.

Talvez os danos causados à reputação de Elizabeth resultassem inadvertidamente da campanha desenvolvida no sentido de conquistar Sophia, mas de alguma forma a progenitora é responsabilizada pelo “encarceramento” de Hawthorne. Se considerarmos a estrutura típica de um conto de fadas, poderíamos talvez tomar Elizabeth por uma feiticeira cujo encanto malévolos deveria ser destruído através do poder benéfico de Sophia. No entanto, Baym esclarece em “Nathaniel Hawthorne and His Mother: a Biographical Speculation” que Elizabeth não poderia ser qualificada como uma mulher dominadora ou possessiva se nos concentrássemos em factos reais. Deste modo, a presença simbólica que se descobre na ficção de Hawthorne parece ser um sinal indicativo do profundo laço que unia o escritor à progenitora.

O enlace entre a jovem Elizabeth e Nathaniel Hawthorne teve lugar em 1801. O marido regressou à vida de marinheiro pouco tempo após o casamento, encontrando-se ausente durante o nascimento da primeira filha, a qual recebeu o nome de Elizabeth embora fosse vulgarmente conhecida por “Ebe”. Tal acontecimento deu-se sete meses depois dos progenitores de Hawthorne terem contraído matrimónio, algo ignorado pela maioria dos

biógrafos. Dificilmente terá esta circunstância sido insignificante para a mãe e para as irmãs de Nathaniel Hawthorne com quem Elizabeth residia na altura, razão pela qual Baym sugere que tais figuras tenham servido de modelos para o hostil coro de mulheres no princípio de *The Scarlet Letter*. Tudo aponta para que entre os segmentos conservadores de Salem, incluindo a família Hawthorne, Elizabeth fosse alvo de um severo julgamento. Por este motivo, “Ebe” cresceu de forma independente, quase como se tivesse sido ignorada pelas habituais expectativas sociais. Baym afirma no mesmo ensaio que o retrato de Pearl elaborado por Hawthorne constitui um reflexo da sua recordação da irmã enquanto criança.

As leituras tardias efectuadas por Hawthorne sobre a história de Nova Inglaterra levaram o autor a estabelecer um paralelo entre a sentença perpetrada pelos puritanos e aquela executada pelos Hathornes em relação à progenitora. Baym considera ainda no ensaio “Nathaniel Hawthorne and His Mother: a Biographical Speculation” que, no caso de Elizabeth ter sofrido algum sentimento de pudor ou de culpa, então o respectivo tormento psicológico poderia fornecer um protótipo para as ambivalências de Hester Prynne. A ensaísta entende mesmo que uma resposta mais intensa à situação experimentada pela mãe se encontra na origem da compulsão de Hester em *The Scarlet Letter*. (Baym, 25)

Hawthorne parece ter-se sentido ele próprio culpado por carregar o apelido de uma família que condenara a sua mãe e quando encontrou uma variante ortográfica do nome paterno, ou seja, Hawthorne em vez de Hathorne, escolheu adoptá-la. O papel desempenhado pelos antepassados puritanos de Hawthorne quer na perseguição dos Quakers, quer no julgamento das bruxas de Salem em 1693, levou inclusive o autor a elaborar um pedido de desculpas: “As their representative, I hereby take shame upon myself for their sakes and pray that any curse incurred by them...may be now and henceforth removed” (Daniels, 30).

Baym tenta propor no mesmo ensaio uma justificação para o comportamento de Elizabeth Hawthorne, revelando que, durante o casamento de Hawthorne, a figura materna atravessava um período de luto devido ao falecimento da irmã, enfrentando ainda a doença do irmão. O facto de surgir como uma mulher sombria e fugidia aos olhos de Sophia e de Elizabeth Peabody dever-se-ia certamente ao pesar sentido ou talvez à incapacidade de se adaptar a esta nova condição e de preencher o vazio deixado pela ausência dos semelhantes.

Hawthorne parece sugerir que Sophia o salvará e substituirá a figura da progenitora. Portanto, ao consentir que a esposa o resgate poderá levar-nos a pensar que propõe a extinção de Elizabeth. Baym contesta tal ideia ao recordar que não existem provas apontando no sentido de qualquer rivalidade existente entre ambas. Deste modo, a narrativa projectada por Hawthorne resultará unicamente das próprias emoções, insinuando aquilo que o seu romance com Sophia tendia a confirmar – a ligação entre o autor e a mãe era tão intensa que Hawthorne considerava o seu apreço por outra mulher como um tipo de violência contra Elizabeth, quase até como uma espécie de infidelidade.

Embora não possa ser considerada uma autobiografia ou sequer uma biografia, *The Scarlet Letter* pode conter material deste teor, nomeadamente a partir da experiência de Hawthorne em relação à morte da sua mãe. De resto, são diversas as afinidades entre as histórias de Elizabeth Hathorne e de Hester Prynne, desde as questionáveis ocorrências em redor do nascimento das suas filhas, do repúdio por parte daqueles que são responsáveis por julgar socialmente, até à falta do esposo e abandono das crianças ao cuidado particular das progenitoras. De facto, a filha primogénita de Elizabeth fora, à semelhança de Pearl, concebida de forma ilegítima. Além disso, tal como sucede com Hester, Elizabeth é excluída da comunidade de Salem embora devido a um outro motivo, ou seja, o empobrecimento advindo da sua viuvez.

Baym nota em “Nathaniel Hawthorne and His Mother: a Biographical Speculation” que *The Scarlet Letter* apresenta uma tentativa de encarar a figura maternal como um ser individualizado, a qual poderia assim usufruir de uma entidade independente. Porém, ao mesmo tempo que Hawthorne empreende esforços com o intuito de providenciar a Hester uma sobrevivência autónoma, os eventos à volta da personagem nunca se libertam da constante interferência do narrador. Na verdade, o leitor permanece consciente de que Hester depende da intervenção de Hawthorne e neste sentido o autor reverte a relação biológica estabelecida entre mãe e filho, transformando-se Hawthorne no criador da sua mãe. (Baym, 25)

A subordinação de Hester em relação ao narrador aparece revertida somente no capítulo designado “The Custom-House”, onde a personagem se define como uma força criativa exterior ao romance, a qual é em última instância responsável pela inspiração de Hawthorne. Verifica-se por conseguinte uma simbiose entre o símbolo e o artista, entre a descendente e o



progenitor, estabelecendo-se uma interdependência entre os dois: o criador está à mercê da imagem que lhe serve de musa enquanto a cópia é escrava do artista para a respectiva reprodução.

De acordo com Baym no referido ensaio, Pearl representa a principal agente da absolvição conferida a Hester, já que a sua existência legitima o acto da progenitora. Independentemente de haver uma consciência partilhada por Hester e pela sociedade de que um homem participou na concepção de Pearl, a criança não reconhece a necessidade de uma presença masculina na sua rotina diária. Através de Pearl, Hester ganha uma precedência sobre Dimmesdale, uma vez que o universo de *The Scarlet Letter* se organiza tendo aquela personagem por base. (Baym, 17)

Mas Hester paga um preço bem elevado pela sua legitimação. Ao longo da narrativa a personagem quase nunca se afasta de Pearl, motivo pelo qual a imagem de Hester se associa à maternidade em vez de à esperada feminilidade. A cena que decorre na floresta dramatiza a um nível básico o ensejo demonstrado por Pearl de possuir a mãe só para si. A jovem apercebe-se de imediato, através da transfiguração de Hester, de que a figura materna deixou de lhe pertencer por inteiro, exigindo de forma imperiosa que esta reassuma o papel maternal como sua única realidade. No final, os ambíguos incidentes que conduzem o destino de Hester são reduzidos ao pecado de ter procriado.

Em “A Comparison between Hester Prynne, of Nathaniel Hawthorne’s *The Scarlet Letter*, and Margaret Fuller, the Mid-Nineteenth-Century Campaigner for the Rights of Women” (2003), Emma Jones interroga-se sobre até que ponto seria Hester de forma colateral uma mulher figurativa da Nova Inglaterra puritana do século XVII e da cultura americana do século XIX. Estabelece-se aqui o vínculo com Margaret Fuller. Naturalmente Hester é uma personagem fictícia mas se tivesse efectivamente vivido durante o século XVII, a figura feminina limitar-se-ia com forte probabilidade a sonhar com uma subsistência comparável à de Fuller, reconhecendo que, dada a sua condição de vida, a almejada revolução social, respeitante ao lugar ocupado pelas mulheres, seria para si um objectivo inalcançável. Fosse Hester uma mulher do século XIX e tal como Fuller ocupasse a maior parte do seu tempo com a leitura e com a escrita, quem poderá conceber aquilo que teria concretizado em prol dos direitos femininos? O lado negativo de *The Scarlet Letter* assenta, na opinião de Jones,

na repressão de Hester pela sociedade puritana, pois, sem a intervenção das suas sufocantes restrições, a personagem teria certamente florescido a nível intelectual. (Jones, 13)

Segundo Thomas Mitchell, em *Hawthorne's Fuller Mystery* (1998), Margaret Fuller teve um desempenho fundamental ao influir o entendimento de Hawthorne em relação às mulheres e ao seu retrato literário. O trabalho desenvolvido por Fuller denunciou a tensão patente entre as restrições sociais impostas às delegadas do género feminino e a respectiva idoneidade. (Mitchell, 59) Num artigo intitulado “Margaret Fuller - Forgotten American Heroine” (2002), Timko examina o poder de tais coarctações na vida da mulher durante o século XIX, afirmando: “her only true personality consisted of the womanly virtues of piety, passivity, submissiveness, and sexual purity. In America these burdens were made all the more difficult for many middle-class women to bear because of the stark contrast between these womanly ideals and the relative freedom they had often enjoyed in their girlhood” (Timko, 290).

Para Mitchell, em *Hawthorne's Fuller Mystery*, as batalhas travadas por Fuller em nome das mulheres americanas, e de todas as outras no resto da Europa, reflectiram-se no seu próprio percurso de vida e em algumas das suas obras. A autora teve desde a sua infância acesso a livros e a conversas com preocupações intelectuais, recebendo por parte do pai uma educação tradicionalmente reservada ao sexo masculino. A figura materna limitou-se a ser uma débil presença no seu crescimento, enquanto Timothy Fuller dominou os primeiros anos de vida da filha. Fuller declarou também desde uma tenra idade que não nascera para fazer parte do comum lote feminino, sondando durante toda a sua existência o território para além desse conjunto formado pelas mulheres. As suas fervorosas aspirações contribuíram, com efeito, para fazer da sua vida algo de constantemente perturbador para aqueles que a rodeavam.

De acordo com a biografia elaborada por Thomas Higginson em 1884, Fuller ter-se-á mostrado brilhante logo a partir da adolescência. As jovens colegas da escritora não tinham qualquer impressão de que ela negligenciasse as tarefas domésticas a favor do estudo. Higginson observa o seguinte a este respeito: “such was her conceded ability that she was supposed equal to doing everything at once. It was currently reported that she could rock a cradle, read a book, eat an apple, and knit a stocking, all at the same time” (Tonkovich, 14).

Fuller manteve-se uma figura controversa, granjeando o respeito e a admiração de pensadores como Ralph Waldo Emerson, o qual descreve o efeito que a escritora exercia

sobre si da seguinte forma: “It is like being set in a large space. You stretch your limbs and dilate to your utmost size” (Timko, 290). No entanto, as intenções inovadoras de Fuller também geraram alguma desaprovação. Sendo o feminismo um conceito ainda pouco firmado no início do século XIX, não era raro encontrar mulheres que aparentavam satisfação relativamente ao seu estatuto. Nestas incluía-se Sophia Peabody.

Com efeito, a esposa de Hawthorne escreveu numa carta direccionada à mãe: “I could never feel the slightest interest in this movement. It then seemed to me that each woman could make her own sphere quietly, and also it was always a shock to me to have women mount the rostrum. Home, I think, is the great arena for women, and there, I am sure, she can wield a power which no king or conqueror can cope with” (Julian Hawthorne, 257). Fuller aparece então como uma pioneira feminista numa altura em que as mulheres deveriam restringir-se ao lar e ao cuidado dos filhos. Não se identificando com as normas masculinas, a autora encontrava prazer ao produzir ambíguas narrações onde a figura paterna emergia de forma alternada como central ou ausente, cruel ou permissiva.

A respectiva aspiração de se regenerar e, por extensão, as mulheres do século XIX nascidas sob o jugo de uma identidade cultural assente na chamada “True Womanhood” exprimia-se de forma simbólica através da mitologia, fundamentada sobretudo nos paradigmas dos antigos gregos, romanos, egípcios, hebraicos e cristãos. Fuller asseverou numa página do seu diário escrita em 1842 que, embora pudesse atribuir algum valor às vozes críticas, era seu intento ouvir ainda mais atentamente aquela que apelidava a “voz do coração”. Acerca de tal assunto declara: “I am what I am and I will bear the pain of imperfection, but not of doubt” (Mitchell, 2).

Ao obedecer a esta voz interior, Fuller tornou-se uma líder no círculo Transcendentalista, a principal editora da revista *Dial*, uma poetisa e uma crítica tanto de arte como de literatura. Seguiu ainda brevemente mas com sucesso a via do ensino, optando por rejeitá-la e por concentrar antes os seus esforços no auxílio de outras mulheres. Tendo em vista tal efeito, Fuller organizou um grupo de discussão intelectual denominado “Conversations”. A esta associação pertenciam mulheres como Lidian Emerson, Eliza Farrar, Mary Channing, Elizabeth, Mary e Sophia Peabody. Nestes diálogos Fuller efectuou uma aplicação feminista do credo transcendentalista, incentivando as descendentes do sexo feminino a um aperfeiçoamento da própria divindade e a um auto-desenvolvimento. A autora criou assim

um cenário onde as mulheres dispunham da oportunidade de discutir temas do seu interesse, sentindo-se libertas para expor os respectivos pontos de vista e cultivar pensamentos relacionados, por exemplo, com a mitologia clássica, a educação, a arte e o género feminino.

Os direitos femininos constituíram sempre a fundamental preocupação de Fuller, a qual procurou incessantemente processos que facultassem a coexistência das versões feminina e ascética nas mulheres, sem que para isso fossem prejudicadas. A partir de 1842 o seu empenho aprofundou-se com a publicação do ensaio “The Great Lawsuit: Man versus Men and Woman versus Women” (1843) e da sua revisão alargada, *Woman in the Nineteenth Century* (1845). Susan B. Anthony e Elizabeth Cady Stanton admitem em *History of Woman Suffrage* (1881) que Fuller exerceu uma maior influência sobre as ideias das mulheres americanas durante o século XIX do que qualquer outra figura anterior ao seu tempo. *Woman in the Nineteenth Century* terá sido uma das maiores contribuições de Fuller para a sua época, afectando de modo peremptório o movimento dos direitos femininos que teve o seu início formal em Seneca Falls, no ano de 1848. Edgar Allan Poe constatou que apenas uma escritora como Fuller teria capacidade para publicar um livro deste tipo: “a book which few women in the country could have written, and no woman in the country would have published, with the exception of Miss Fuller” (Timko, 290).

A obra designada *Woman in the Nineteenth Century* tornou-se num manifesto em prol do movimento feminista, denunciando a opressão das mulheres ao longo da história. A autora pretendia reprovar a arbitrariedade dos papéis atribuídos aos representantes dos géneros masculino e feminino, advogando um estatuto idêntico para ambos. Fuller defendia acima de tudo o resto a inexistência de uma disjunção entre os elementos masculino e feminino. Neste sentido, nem as mulheres deveriam estar afastadas do domínio público, nem os homens ausentes do ambiente doméstico, convivendo antes num universo comum. A escritora afirmou o seguinte sobre a separação entre os dois géneros: “Male and female represent the two sides of the great radical dualism. But in fact, they are perpetually passing into one another. Fluid hardens to solid, solid rushes to fluid. There is no wholly masculine man, no purely feminine woman” (Timko, 290).

Torna-se inteligível no argumento de Fuller que traços como a receptividade feminina e o rigor masculino seriam resultado de aspectos essenciais como a instrução, a imitação e a prática em vez de algo programado geneticamente. Além disso, a autora insistia na

incapacidade masculina de confirmar a relevância do intelecto feminino, bem como no facto de o casamento ser valorizado pela respectiva conveniência e utilidade, devendo antes constituir um encontro entre almas. Fuller utilizava assim a noção transcendentalista de que a espiritualidade permeia todos os seres humanos, sejam eles homens ou mulheres.

A polémica devida à actuação de Fuller iniciou-se quatro dias após a sua morte em 1850. O amigo Horace Greeley ocupou uma página do seu *New-York Daily Tribune* com o relato de tal acontecimento, prestando ainda um tributo pessoal à memória de Fuller. Greeley recorda a autora como uma destemida agente ao serviço da mudança. Por outro lado, Emerson, Channing e Clarke optaram por salientar em *Memoirs of Margaret Fuller Ossoli* (1972) o seu desempenho próprio de uma verdadeira amiga, relegando para segundo plano a sua ousadia intelectual. Quase catorze anos depois da separação de Fuller, Hawthorne produziu um retrato da autora visto por James R. Mellow em *Nathaniel Hawthorne in His Times* como o modelo de uma mulher simultaneamente vital e problemática. Tentando apreender o relacionamento desenvolvido entre Fuller e Giovanni Ossoli, Hawthorne deixa transparecer um indiscutível desdém por este homem, caracterizando-o como um vulgar objecto sexual:

He could not possibly have had the least appreciation of Margaret; and the wonder is, what attraction she found in this boor, this hymen without the intellectual spark – she that had always shown such a cruel and bitter scorn of intellectual deficiency. As from her towards him, I do not understand what feeling there could have been, except it were purely sensual; as from him towards her, there could hardly have been even this, for she had not the charm of womanhood. But she was a woman anxious to try all things, and fill up her experience in all directions; she had a strong and coarse nature, too, which she had done her utmost to refine, with infinite pains, but which of course could only be superficially changed. ... Margaret has not left, in the hearts and minds of those who knew her, any deep witness for her integrity and purity. She was a great humbug; of course with much talent, and much moral reality, or else she could not have been so great a humbug. But she had stuck herself full of borrowed qualities, which she chose to provide herself with, but which had no root in her.

(Mitchell, 7)

De acordo com Mitchell em *Hawthorne's Fuller Mystery*, tal passagem trai a consciência por parte de Hawthorne de que o mito aliado a Fuller se concentra num cariz sensual. A autora perturbou Hawthorne desde sempre, exercendo sobre si um tal fascínio que, de uma forma ou de outra, o escritor concebeu algumas das suas ficções num esforço para dissolver o mistério

de Fuller. Mitchell defende inclusive que Fuller representou mais do que um arquétipo utilizado na concepção das personagens femininas mais complexas e provocadoras de Hawthorne, afigurando-se antes como a própria origem de tais figuras. Fuller terá constituído assim um enigma que Hawthorne procurou decifrar com maior facilidade através da privacidade e do controlo providenciados pelas veladas alegorias típicas da representação narrativa.

Contrária a esta visão é a de Julian Hawthorne em *Nathaniel Hawthorne and His Wife: A Biography* (1948), onde o autor menciona o antagonismo instalado entre Hawthorne e Fuller durante os últimos anos da sua amizade. A animosidade de Hawthorne em relação a Fuller poder-se-ia dever a múltiplos factores, desde a sua reserva quanto à natureza entusiasta da autora até à rivalidade no campo profissional ou mesmo à inveja devida à celebridade conseguida por Fuller de forma tão rápida. Randall Stewart, por seu lado, contesta em *Nathaniel Hawthorne: A Biography* a possibilidade de existir entre Hawthorne e Fuller algum tipo de atracção física, expressando-se nos seguintes termos sobre tal matéria: “Hawthorne could enjoy Margaret’s company and ideas without feeling, as some moderns have supposed, a sexual interest: such a supposition is incompatible with his marital happiness” (Mitchell, 44). Caso Hawthorne se sentisse efectivamente atraído por Fuller, então o seu matrimónio não poderia corresponder à relação perfeita promovida por Julian Hawthorne.

Já Margaret Allen declara em *The Achievement of Margaret Fuller* (1979) que Hawthorne preferia a submissa dependência de Sophia no que tocava a relações a longo termo, mostrando-se temeroso quanto à impetuosidade e ao arrojo de Fuller. Para a parte puritana que subsistia em Hawthorne, Fuller assemelhava-se mais ao inimigo a ser atacado sem misericórdia. No entender de Nina Baym, em *The Shape of Hawthorne’s Career* (1976), aquelas que pareciam ser disposições anti-feministas em Hawthorne consistiam na realidade na sua desaprovação dos falsos anti-feministas. Neste sentido, Baym explica que a incompatibilidade entre Hawthorne e Fuller se devia ao facto de o autor não considerar genuína a tendência da escritora: “Hawthorne’s dislike for Margaret Fuller has been confused with a general dislike for the feminist movement; but his response to Fuller was a personal reaction that had nothing to do with his suspicion (perhaps right, perhaps wrong) that she was not sincere in them” (Mitchell, 45).

O tempo decorrido entre 1839 e 1844, correspondente ao período no qual Hawthorne e Fuller travaram conhecimento e estreitaram a sua amizade, incluiu os anos mais importantes na vida do autor. Em 1839 Hawthorne emergira recentemente do anonimato com a publicação de *Twice-Told Tales*, além de iniciar o noivado com Sophia. Cinco anos mais tarde encontrava-se já casado, assistira ao nascimento da primeira filha e concluía vários contos entre os quais se compreendiam “Rappaccini’s Daughter” (1844), “Egotism on the Bosom Serpent” (1843) e “The Birth-Mark” (1846). Porém, ainda lutava para descobrir um meio de assegurar o respectivo estatuto como escritor. Entretanto, Hawthorne achou em Fuller uma mulher que resistia ao seu magnetismo masculino. A autora incorporou a oposição feminina ao tipo de encanto pessoal usado por Hawthorne no sentido de dominar o carácter de Sophia. Por este motivo, Hawthorne terá utilizado a sua ficção para reflectir sobre a personalidade de Fuller, uma mulher representativa de tudo aquilo que suprimira na sua esposa.

Segundo Mitchell, na acima mencionada obra *Hawthorne’s Fuller Mystery*, Hawthorne sentia-se atraído por Fuller devido às parecenças existentes entre a autora e Elizabeth, a irmã mais velha de Hawthorne com quem manteve um contacto muito próximo antes de contrair matrimónio. Após o casamento com Sophia, Fuller ocupou o lugar que pertencera a Elizabeth sendo a autora detentora de qualidades idênticas. Tal como a esposa e como a irmã de Hawthorne, Fuller elogiava o trabalho do autor e manifestava a sua fé no potencial do escritor. Todavia, Fuller não se coibia de persistir na ideia de que Hawthorne poderia e deveria aperfeiçoar a respectiva obra. De facto, a autora identificou de forma exacta a direcção que Hawthorne deveria seguir a fim de alcançar o sucesso artístico, promovendo a sua carreira enquanto influente crítica literária.

Quanto aos sentimentos que Fuller nutria em relação a Hawthorne, constata-se que ela apreciava a companhia do autor, desejando aprofundar a relação quase fraternal entre ambos para atingir um nível superior de intimidade. O seguinte excerto do seu diário comprova tal urgência: “H. came down about six and we went out on the river & staid till after sunset. We talked a great deal this time. I love him much & love to be with him in this sweet tender homely scene. But I should like too, to be with him on the bold ocean shore” (Mitchell, 88).

Na opinião de Mitchell, Fuller associa Hawthorne a duas configurações. Por um lado, liga-o a uma cena doméstica imaginando-o portanto como uma figura paternal, um marido e um amigo devoto. Por outro, debate-se com o anseio de estar com um outro homem, aquele que

se mostrasse capaz de satisfazer o coração de uma mulher, sendo este o indivíduo que não conseguiu descortinar em Emerson. William Henry Channing descreveu da seguinte forma o comportamento de Fuller:

I know not otherwise to describe her subtle charm, than by saying that she was at once a clairvoyante and a magnetizer. She read another's bosom-secret, and she imparted of her own force. She interpreted the cipher in the talisman of one's destiny, that he had tried in vain to spell alone; by sympathy she brought out the invisible characters traced by experience on his heart; and in the mirror of her conscience he might see the image of his very self, as dwarfed in actual appearance, or developed after the divine ideal. (Mitchell, 58)

Ainda de acordo com Mitchell em *Hawthorne's Fuller Mystery*, Margaret Fuller surge como a primordial responsável pela criação da personagem de Hester Prynne. De facto em 1843, quase sete anos antes de Hawthorne escrever o final de *The Scarlet Letter*, Fuller tinha já caracterizado George Sand no seu ensaio "The Great Lawsuit: Man versus Men and Woman versus Women" de um modo análogo àquele usado por Hawthorne no capítulo intitulado "Another View of Hester" e no penúltimo parágrafo da narrativa. Fuller descreveu George conforme se passa a citar:

Women like Sand will speak now, and cannot be silenced; their characters and their eloquence alike foretell an era when such as they shall easier learn to lead true lives. But though such forebode, not such shall be the parents of it. Those who would reform the world must show that they do not speak in the heat of wild impulse; their lives must be unstained by passionate error; they must be severe lawgivers to themselves. ... But society is in the right to outlaw them till she has revised her law, and she must be taught to do so, by one who speaks with authority, not in anger and haste. (Mitchell, 130)

Segundo o mesmo autor, Hawthorne não decidiu simplesmente recuperar em 1849 uma personagem de "Endicott and the Red Cross" (1837), onde escrevera:

There was likewise a young woman, with no mean share of beauty, whose doom it was to wear the letter A on the breast of her gown, in the eyes of all the world and her own children. And even her own children knew what that initial signified. Sporting with her infamy, the lost and desperate creature had embroidered the fatal token in scarlet cloth, with golden thread and the nicest art of needlework; so that the capital A might have been thought to



mean Admirable, or anything rather than Adulteress. (Doren, 148)

Também não terá sido intenção única de Hawthorne escrever um romance acerca de uma mãe puritana com uma criança ilegítima no século XVII, concentrando-se depois na vida de uma amiga para explicar o radicalismo de Hester. Através de Hester Prynne, Hawthorne continua o seu diálogo com Fuller e tenta eventualmente interpretar, se não efectivamente resolver, a incógnita em que se tornou a relação entre ambos. Traçando algumas similitudes entre Margaret Fuller e Hester Prynne, averigua-se que, tal como as mulheres frequentadoras das “Conversations” de Fuller as consideraram inesquecíveis, também as figuras femininas residentes na comunidade ficcional de Hester a procuravam para obter conselhos e conforto em alturas difíceis das suas vidas. As sugestões oferecidas por Hester, tais como as de Fuller, implicavam a indispensabilidade de uma auto-preservação feminina bem como a utilização de métodos através dos quais uma sociedade repressiva poderia ser evitada.

Na perspectiva de Emma Jones no seu ensaio “A Comparison Between Hester Prynne, of Nathaniel Hawthorne’s *The Scarlet Letter*, and Margaret Fuller, the Mid-Nineteenth-Century Campaigner for the Rights of Women” (2003), *The Scarlet Letter* antecipa uma teoria que seria elaborada por Sigmund Freud no século XX. Com efeito, Freud acreditava que o único meio através do qual a sociedade poderia evoluir seria validando os impulsos agressivos de todos os seres humanos. As ambições individuais estariam em conflito permanente com as instituições e com as leis sociais vigentes, tendo como consequência a formação opressiva de entidades civilizadas. Freud imaginava assim os indivíduos como borbulhantes caldeirões cujos violentos ímpetos poderiam transbordar a qualquer momento. (Jones, 12)

Através da leitura de *The Scarlet Letter* o leitor apercebe-se igualmente de que Hester não constitui a única pecadora da comunidade do Boston colonial: “she felt or fancied then, that the scarlet letter had endowed her with a new sense. She shuddered to believe, yet could not help believing, that it gave her a sympathetic knowledge of the hidden sin in other hearts” (Hawthorne, *The Scarlet Letter* 108). Apesar disso, só Hester recebe um castigo. O isolamento a que é forçada confere-lhe então a oportunidade de auscultar a sociedade e de realizar severas apreciações, em especial no que respeitava o tratamento dado às mulheres.

Fuller também é qualificada como uma figura alheada na obra *Margaret Fuller: An American Romantic Life* (1992): “A seemingly ubiquitous, modern American intellectual figure. . . a conflicted, alienated, avant-garde thinker who, despite or because of her

alienation, looked hopefully to popular, world-historical transformations” (Capper, 9). Tanto Fuller como Hester são por conseguinte personalidades desarticuladas, embora por motivos diferentes, apercebendo-se das injustiças praticadas graças ao isolamento em que vivem e atrevendo-se a colocar o próprio julgamento antes de qualquer tipo de credo. Irving Howe confirma esta mesma ideia acerca de Fuller em *Politics and the Novel* (1957): “necessary to her was the untrammelled exercise of critical judgment, and the thinking of her own thoughts, instead of accepting those of other people. We may feel sure that Margaret, even to save her own soul, would not and could not have followed any confession of faith in opposition to her own best judgement” (Howe, 13).

Francis E. Kearns adiantou num estudo intitulado “Margaret Fuller As a Model for Hester Prynne” (1965), mais alguns pontos em comum nas vidas de Fuller e de Hester. Ambas são mães e estabelecem um vínculo com a aristocracia, Fuller através de Ossoli e Hester por meio de Pearl, ambas são feministas com ambições reformativas bem como conselheiras para as outras mulheres e as duas são ainda enfermeiras para os necessitados. Mitchell aponta em *Hawthorne’s Fuller Mystery* uma derradeira semelhança entre Fuller e Hester. O autor remete para o momento em que Hester confronta a severidade puritana com uma criança nos braços, comparando-o com o regresso de Fuller de Itália na companhia do filho e de Ossoli. No caso de Fuller ser coagida, tal como Hester, a enfrentar algum tipo de juízes, teria então de aclarar a natureza da união que servira para consagrar a concepção de tal criança. (Kearns, 8)

Além disso, à semelhança de Fuller, Hester reconhecia que nem todos os casamentos se baseavam num afecto de índole sagrada e que apenas tal sentimento ultrapassaria, conforme explica a Dimmesdale, os rituais superficiais do matrimónio legalizado. Por este motivo declara que a sua relação com o reverendo se encontrava espontaneamente sancionada tendo, conforme declara, “a consecration of its own” (Hawthorne, *The Scarlet Letter* 236). O apelo formulado por Fuller no seu ensaio “The Great Lawsuit: Man versus Men and Woman versus Women” corresponde afinal à justa e adequada posição que Hester ambicionava para as mulheres do seu tempo, ou seja, um lugar que permitisse às representadoras do género feminino desenvolver por completo o respectivo potencial. O seguinte excerto retirado do ensaio de Fuller corrobora tal ideia:

A profound thinker has said “no married woman can represent the female world, for she be-

longs to her husband. The idea of woman must be represented by a virgin.”

But that is the very fault of marriage, and of the present relation between the sexes, that the woman does belong to the man, instead of forming a whole with him. Were it otherwise there would be no such limitation to the thought.

Woman, self-centred, would never be absorbed by any relation; it would be only an experience to her as to man. It is a vulgar error that love, *a* love to woman is her whole existence; she also is born for Truth and Love in their universal energy. Would she but assume her inheritance, Mary would not be the only Virgin Mother. Not Manzoni alone would celebrate in his wife the virgin mind with the maternal wisdom and conjugal affections. The soul is ever young, ever virgin.

And will not she soon appear? The woman who shall vindicate their birthright for all women; who shall teach what to claim, and how to use what they obtain? Shall not her name be for her era Victoria? Yet predictions are rash; she herself must teach us to give her the fitting name. (Mitchell, 156-57)

Tendo em consideração os fundamentos expostos ao longo deste capítulo, poder-se-á então concluir que a preponderante intervenção maternal na vida de Hawthorne, bem como o descontentamento causado pela perda de Elizabeth Hathorne, poderão ter estado na génese do concebimento de Hester Prynne, uma heroína que se impõe em grande parte devido à sua identidade como mãe. De forma concordante, as vívidas reminiscências de um convívio tão próximo com Margaret Fuller proporcionaram ao autor a transposição para Hester de algumas disposições típicas da escritora.

No capítulo seguinte verificar-se-á que Hawthorne criou personagens femininas em obras como “Lady Eleanore’s Mantle”, “Rappaccini’s Daughter”, *The Blithedale Romance* e *The Marble Faun* que se distinguem não apenas pelo seu carácter e pelo seu procedimento mas também porque podem ser comparadas ou em algumas situações opostas a Hester.

## CAPÍTULO II

### Representações do Feminino em “Lady Eleanore’s Mantle”, “Rappaccini’s Daughter”, *The Blithedale Romance* e *The Marble Faun*

It is nonsense, and a miserable wrong - the result, like so many others, of masculine egotism - that the success or failure of woman’s existence should be made to depend wholly on the affections, and on one species of affection; while man has such a multitude of other chances, that this seems but an incident. For its own sake, if it will do no more, the world should throw open all its avenues to the passport of a woman’s bleeding heart.

Nathaniel Hawthorne, *The Blithedale Romance* (1978)

Um número considerável de críticos como William Heath, Louisa DeSalvo e Nina Baym comentou a forte influência feminina na vida e no trabalho de Nathaniel Hawthorne. Estes ensaístas discutiram o papel desempenhado pelas mulheres na emergência de Hawthorne enquanto escritor e a forma como estas determinaram o seu tratamento das personagens femininas, além de explorarem a sua visão positiva em relação a tais personagens ou o facto de se encontrarem restringidas pelos valores do universo social que habitam. Melinda Ponder estuda em particular na obra *Hawthorne’s Early Narrative Art* (1990) o envolvimento entre Hawthorne e os membros do sexo feminino na vida pessoal, o qual se reflectiu na respectiva abordagem ficcional das personagens pertencentes ao mesmo género. De facto, ao contrair matrimónio com Sophia Peabody e ao estreitar a sua vivência com a cunhada Elizabeth e com a amiga Margaret Fuller, Hawthorne teve oportunidade de aprofundar o seu conhecimento das mulheres. O seu retrato das figuras femininas tornou-se mais elaborado à medida que desenvolvia o seu relacionamento e aumentava a respectiva consciência das questões levantadas acerca dos cargos femininos. (Ponder, 28)

A forma como Hawthorne representa o feminino nas suas obras é marcada por uma visão predominante no século XIX, ou seja, a teoria que Barbara Welter apelida de “Cult of True Womanhood” (Welter, 66). Tal conjectura implicava uma concepção das mulheres como detentoras de uma função decisiva no seio familiar, além de serem possuidoras de virtudes

tais como a piedade, a genuinidade e a obediência. As descendentes do sexo feminino ocupariam um lugar que era considerado divino – o de esposas, de mães e de guardiãs da integridade moral de todos quanto habitavam o seu lar, devendo o respectivo domicílio servir como um abrigo seguro das agruras enfrentadas no exterior.

Esta óptica conservadora mantinha ainda que as mulheres deveriam permanecer cingidas ao ambiente doméstico, tanto em seu próprio benefício como para o bem comum da sociedade. O motivo por detrás de tal necessidade prendia-se com a presunção de que o mundo seria um local repleto de riscos e de armadilhas para as mulheres. Neste contexto os homens eram vistos como predadores, sempre dispostos a seduzir uma jovem que se atravessasse, desprotegida, no seu caminho. Vivendo em clausura, as mulheres poderiam, por seu turno, tornar-se espiritual e moralmente superiores aos homens, inspirando através de tal mérito a virtude masculina. As implicações de tal perspectiva são claras: as mulheres só conseguiriam alcançar a tão ambicionada grandeza no caso de se encontrarem encarceradas, auxiliando assim o sexo activo na sociedade representado pelos homens.

Enquanto na América colonial as mulheres eram aceites como parceiras auto-suficientes e dinâmicas, tal situação alterou-se durante o século XIX, correspondendo a uma altura em que as figuras femininas foram colocadas num pedestal e passaram a ser veneradas e protegidas do mundo externo. O desenvolvimento económico, a transferência de uma significativa percentagem da população de áreas rurais para centros urbanos e o abandono dos trabalhos agrícolas por outros mais lucrativos são citados como as principais causas para esta transformação. Além disso, surgiram ainda neste período livros que introduziram na América uma imagem da mulher canonizada e assexual, acabando tal reprodução por se tornar um ideal cultural. (Welter, 71)

T. Walter Herbert corrobora, em “Hawthorne and American Masculinity” (1993), a ideia de que durante o século XIX as mulheres se viram forçadas a demonstrar uma candura radiosa, permitindo desta forma que a luxúria associada ao género masculino se transformasse numa admiração reverenciadora. Segundo o mesmo autor, Hawthorne analisa em *The Scarlet Letter* (1850) divergentes noções de masculinidade e de feminilidade retratadas nas personagens de Arthur Dimmesdale e de Roger Chillingworth. Assim, Herbert apoia que enquanto o obsessivo auto-domínio de Chillingworth se pode associar a uma impressão psicológica mais

habitual nos homens, o tumulto emocional visível em Dimmesdale pode ser encarado como uma característica típica do género feminino.

Um aspecto curioso referido por Herbert no ensaio previamente identificado consiste no facto de Chillingworth e de Dimmesdale passarem mais tempo juntos do que na companhia de Hester. De facto, à medida que a narrativa se desenrola verifica-se que as duas personagens masculinas se envolvem mais profundamente nas vidas de cada um do que na de Hester Prynne. Outro ângulo que os une é a coincidência da ocasião em que ambos se defrontam com a morte. Herbert alude também às personagens femininas que aparecem na ficção de Hawthorne, destacando Hester em *The Scarlet Letter*, Zenobia em *The Blithedale Romance* (1852) e Miriam em *The Marble Faun* (1860), por compartilharem o mesmo ressentimento devido à condição feminina e por imaginarem uma metamorfose social que colocaria um fim à sistemática injustiça de que as mulheres eram alvo.

No parecer de Herbert, as obras de Hawthorne permanecerão na memória dos leitores não por efectuarem uma tentativa de destruição da ordem social prevalecente no século XIX, mas por terem conseguido capturar a atmosfera de transição cultural onde se vislumbravam já novas possibilidades para as mulheres. Contudo, Hawthorne era movido sobretudo pela premência de espiritualizar os seus escritos. O seu dilema artístico assentava sobre o procedimento a adoptar em relação às personagens femininas. Por um lado, ansiava por reforçar a validade do elemento ascético, minimizando a importância da matéria. Por outro, o seu conhecimento das mulheres impelia-o a acrescentar uma vertente contrária nos seus trabalhos, a qual confirmava a complexidade feminina. (Herbert, 21)

A sua propensão para idealizar e como consequência desincorporar os objectos do respectivo desejo aponta, na opinião de William Heath em “The Power of Passion: Hawthorne’s Tales of Thwarted Desire”, para um temor relativamente à experiência sensual. Heath considera que Hawthorne se mostrava incapaz de reconciliar a atracção sentida por Sophia com a pureza associada à esposa. Tal reverência de Hawthorne pelo espiritual consiste mesmo, segundo Heath, num disfarce para a sua repulsa pelo lado físico. (Heath, 9)

Em “Wakefield” (1835) e “The Minister’s Black Veil” (1836), ambos escritos após ter contraído matrimónio com Sophia, Hawthorne abordou a tensão perceptível entre o conceito de beleza imaginada e o desejo concreto, detectando-se já um esforço no sentido de

caracterizar as mulheres como seres de carne e osso em vez de anjos diáfanos. No entanto, segundo a perspectiva de Louisa DeSalvo em *Nathaniel Hawthorne* (1987), o escritor acreditava que as representantes do sexo feminino se assemelhavam a criaturas etéreas. DeSalvo descobre na ficção de Hawthorne a presença constante de dois tipos distintos de figuras: a “fair lady”, articulada com a gentileza, a insubstancialidade e a possibilidade de remissão e a “dark lady”, ligada às noções de pecado, de tentação e de ameaça de excomunhão. (DeSalvo, 31)

Num ensaio intitulado “Revisiting Hawthorne’s Feminism” Nina Baym considera que a “dark lady” representa uma mulher real, enquanto a “fair lady” não passa de um mito social inventado pela cultura patriarcal existente na altura. Ainda de acordo com a mesma autora, o principal tema presente na ficção de Hawthorne é a sexualidade feminina. Tomando como exemplo *The Scarlet Letter*, constata que Hester Prynne adopta, embora momentaneamente, uma conduta erótica ao envolver-se numa relação adúltera. Baym realça neste ensaio que Hawthorne surge em *The Scarlet Letter* como um partidário da sua heroína alienada, Hester Prynne. O facto de esta pertencer ao género feminino faz toda a diferença para Baym, levando-a mesmo a classificar Hawthorne como um escritor feminista. Segundo ela, Hawthorne descreve as personagens femininas de duas formas: enquanto ostentações das fantasias masculinas e enquanto figuras que lutam para se libertar da sufocante autoridade exercida pelos homens.

Tal concepção feminista de Hawthorne é contrariada por uma outra que vê o autor como um homem ambivalente e atormentado. De acordo com esta perspectiva as heroínas de Hawthorne, em conformidade com Hester, podem experimentar a oportunidade de ter uma vida ética através de uma ligação à comunidade e também a de iniciar um desafio aos valores impostos. Ensaistas como Michael Colacurcio, Scott S. Derrick e David Leverenz defendem até que Hawthorne via nas mulheres assertivas, rebeldes ou combativas uma ameaça à masculinidade. Deste modo, a contenção e o castigo imposto a tais personagens desafiadoras demonstraria a sua hostilidade em relação às figuras femininas, bem como uma noção moralista do lugar que deveriam ocupar na sociedade. (Baym, 29)

T. Walter Herbert interliga, em *Dearest Beloved* (1993), a ficção de Hawthorne com cartas destinadas à família para demonstrar o grau de interiorização de protótipos sociais como o previamente mencionado “Cult of True Womanhood”. Neste sentido, Herbert elabora um

retrato de Sophia enquanto mulher que se auto-disciplinou a fim de se tornar o esperado objecto de veneração por parte de Hawthorne. Já Baym argumenta em “Revisiting Hawthorne’s Feminism” que se o autor conhecia as iniciativas reformistas e algumas das mulheres activamente envolvidas em tais esforços bem como a preponderância feminina no mercado literário, seria então provável que as respectivas estratégias de contenção do sexo feminino nas suas obras constituíssem um reflexo das próprias intenções.

Com efeito, Hawthorne mantinha relações bem próximas com mulheres envolvidas em agitadas vidas profissionais, as quais decidiram não se remeter ao silêncio. Entre as escritoras, as artistas e as activistas de quem Hawthorne se tornou íntimo, encontravam-se nomes como os de Elizabeth e Mary Peabody, Sarah Josepha Hale, Grace Greenwood e Margaret Fuller. (Herbert, 40) Thomas R. Mitchell escreveu acerca das sensações que, sobretudo Fuller, suscitou em Hawthorne, as quais se reproduziram em personagens como Hester, Zenobia e Miriam, respectivamente em *The Scarlet Letter*, *The Blithedale Romance* e *The Marble Faun*. Deste modo, em “Hawthorne’s Women: the Tyranny of Social Myths” (1971), Baym assume que, ao conceber personagens femininas ativas que posteriormente acaba por emudecer, Hawthorne vislumbrou um meio de se opor ao tempo em que vivia.

Ainda no parecer de Baym, Hawthorne conseguiu abrir na sua ficção um espaço para o feminismo. Em *The Scarlet Letter* constatamos que Hester Prynne introduz ideias facilmente identificadas como feministas. No final da narrativa, por exemplo, ela exprime a sua esperança de que uma nova verdade sobre a relação celebrada entre os dois géneros seja finalmente descoberta:

Women, more especially – in the continually recurring trials of wounded, wasted, wronged, misplaced, or erring and sinful passion – or with the dreary burden of a heart unyielded, because unvalued and unsought - came to Hester’s cottage, demanding why they were so wretched and what the remedy! Hester comforted and counselled them, as best she might. She assured them, too, of her firm belief that, at some brighter period, when the world should have grown ripe for it, in Heaven’s own time, a new truth would be revealed, in order to establish the whole relation between man and woman on a surer ground of mutual happiness.

(Hawthorne, *The Scarlet Letter* 315)



Em *The Blithedale Romance* Hawthorne volta a abordar o assunto através de Zenobia, a qual testemunha o seguinte acerca das mulheres: “thus far, no woman in the world has ever once spoken out her whole heart and her whole mind! The mistrust and disapproval of the vast bulk of society throttles us, as with two gigantic hands at our throats!” (Hawthorne, *The Blithedale Romance* 120). *The Marble Faun* não é exceção, sendo mais uma vez visível a presença do feminismo no capítulo treze, quando Miriam esclarece Kenyon acerca das divergências detectáveis nos sexos masculino e feminino:

Nature has made women especially prone to throw their whole being into what is technically called Love. We have, to say the least, no more necessity for it than yourselves – only we have nothing else to do with our hearts. . . . I can think of many women, distinguished in art, literature, and science – and multitudes whose hearts and minds find good employment in less ostentatious ways – who lead high, lonely lives, and are conscious of no sacrifice, so far as your sex is concerned. (Hawthorne, *The Marble Faun* 121)

Baym argumenta em “Revisiting Hawthorne’s Feminism” que, não obstante as imperfeições atribuídas às personagens depositárias de posturas feministas, tais figuras são tratadas por Hawthorne de uma forma eufórica pois evidenciam um talento causador de mudança, ainda que isso implique com frequência profundos custos para as intermediárias de tal transformação. A autora não contesta a proeminência de uma faceta romântica neste tipo de personagens, vindicando contudo que isso não obriga a uma atenuação da vertente racional. Assim, tal como Zenobia se revela mais arguta do que Hollingsworth, Miriam parece ser mais perspicaz do que Kenyon, e Hester mais engenhosa do que Dimmesdale. (Baym, 8)

Alison Easton efectua, num ensaio designado “Hawthorne and the Question of Women” (1996), uma reflexão diferente da de Nina Baym. Segundo a autora, a posição de Hawthorne nem sempre se identificava com a das mulheres, sendo reconhecíveis nas obras do escritor pontos de vista simultaneamente feministas e misóginos. Tais inconsistências não seriam invulgares se tivermos em mente o longo e conturbado período em que Hawthorne escreveu, já que os seus textos agregavam as contradições adequadas à sua sociedade. (Easton, 7)

Colacurcio insiste num artigo denominado “The Woman’s Own Choice: Sex, Metaphor and the Puritan ‘Sources’ of *The Scarlet Letter*” (1985), na preponderância das personagens masculinas sobre as femininas, patente nas obras de Hawthorne. O autor apoia que Hester em

*The Scarlet Letter* revela uma incapacidade tipicamente feminina de exprimir um pensamento abstracto. Dimmesdale demonstra ao contrário a respectiva masculinidade ao declinar a provocação de Hester, decidindo não abandonar a comunidade de Boston. (Colacurcio, 6)

Por seu lado, Derrick, em *Monumental Anxieties: Homoerotic Desire and Feminine Influence in 19th Century U.S. Literature* (1997), considera que a ligação estabelecida entre Dimmesdale e Chillingworth está no cerne da acção, relegando Hester para segundo plano. Leverenz comprova tal ideia ao afirmar o seguinte num artigo com o nome de “Mrs. Hawthorne’s Headache: Reading *The Scarlet Letter*” (1983): “the cuckold and the lover rise together to an all-male paradise, while Hester mutely returns to Boston” (Leverenz, 560). Os ensaístas acima indicados rejeitam portanto a versão de Baym, notando o modo como Hawthorne inevitavelmente pune e/ou silencia as personagens femininas pouco convencionais, avaliando os respectivos enredos como anti-feministas. Na convicção destes críticos Hawthorne sentia-se intimidado pelo feminismo emergente e pelas mulheres que se dedicavam à escrita, mais concretamente, por qualquer sinal indicador de uma tentativa efectuada pelas representantes do sexo feminino no sentido de melhorar a respectiva condição. (Derrick, 24)

Na verdade, em *Writing for Immortality: Women Writers and the Emergence of High Literary Culture in America* (2004), Anne Boyd declara que o século XIX não se mostrou completamente restritivo no que respeitava as aspirações das mulheres desejosas de se tornarem escritoras. Pelo contrário, foram as dúbias mensagens culturais e as circunstâncias sociais deste período que proporcionaram às mulheres, em geral de raça branca e oriundas da classe média, a possibilidade de seguirem carreiras literárias. Sendo este tipo de negócio conduzido entre autor e editor, entre os quais se estabelecia um relacionamento em que se idealizavam valores como a consideração pessoal, o paternalismo benevolente, a lealdade e o anti-comercialismo, a atmosfera do mercado literário não excluía as figuras femininas. As mulheres conseguiam integrar com sucesso as respectivas qualidades e procedimentos em perseguição das suas carreiras, podendo até concluir-se que o mercado de meados do século XIX as favoreceu. Tal situação não implicava que as representantes do género feminino mostrassem uma atitude menos profissional, pois elas eram extremamente criativas, conheciam a respectiva audiência e recebiam informações sobre as novidades nos círculos literários, aprendendo assim a gerir os seus ofícios.

A América vitoriana encorajava uma abordagem decorosa, didáctica e respeitável da vida, promovendo rígidos códigos sexuais, a responsabilidade social, o trabalho árduo e a sobriedade. O sentimentalismo e a expressão emocional eram considerados desapropriados no mundo dos negócios e apenas aceitáveis na literatura ou em espaços como a igreja e a residência, ou seja, nas áreas encaradas como território feminino. Os vitorianos esperavam mesmo que os dois sexos apresentassem diferenças entre si e executassem actividades separadas. Neste contexto as mulheres eram vistas como mais emotivas e menos interessadas na competição da arena pública do que os representantes do sexo masculino. O lar funcionava como a zona onde exerciam a respectiva autoridade, mostrando-se também peritas em assuntos domésticos. Tal ideologia de esferas separadas era imposta pelos homens no sentido de justificar a ordem social patriarcal. Algumas mulheres, ambicionando lidar com as modificações vigentes, admitiam-na embora defendessem que o respectivo posicionamento não era de sujeição.

A visão conservadora deste século identificava-se com o já mencionado “Cult of True Womanhood”, enquanto a perspectiva mais liberal se poderia apelar de “New Womanhood”, justificando a participação feminina em diversos âmbitos, incluindo o mercado literário. Ambas evidenciavam uma crença na integridade feminina, mas enquanto a primeira desejava restringir a mulher ao lar, a segunda legitimava a presença feminina no espaço social. Entre os críticos desta visão conservadora encontrava-se a sufragista Elizabeth Cady Stanton, a qual argumentava que as mulheres eram seres humanos com pretensões tal como os homens e apenas incidentalmente esposas e mães, com as responsabilidades que lhes eram intrínsecas. Apresentando uma opinião mais moderada, Harriet Beecher Stowe considerava a feminilidade um traço essencial, não concebendo porém que isso tornasse as mulheres mais fracas ou inferiores aos homens.

De acordo com Nina Auerbach, em *Woman and the Demon: the Life of a Victorian Myth* (1982), a maioria dos liberais concordava com os conservadores quanto ao facto de as mulheres se encontrarem preparadas para cuidar dos outros porque eram moralmente superiores. Todavia os liberais defendiam que as figuras femininas poderiam e deveriam deixar o lar, tirando partido das ocasiões propícias ao início de uma carreira. Muitos opinavam até que o género masculino deveria imitar o feminino na respectiva compaixão, na inocência e até na delicadeza, ao mesmo tempo que as mulheres deveriam ser tão auto-confiantes e destemidas quanto os homens.

Embora houvesse diversas provas de que as figuras femininas nem sempre se conformavam às determinações deste culto, tal teoria influenciava de forma acentuada as respectivas actividades, incluindo as literárias. A mentalidade vigente permanecia a de que ser uma “True Woman” representava por si só uma vocação mais distinta do que qualquer outra, logo seria incompatível com a de escritora. Ao assumir a responsabilidade de tal condição, a mulher tornava-se a guardiã dos objectivos culturais, religiosos e morais da sociedade vitoriana, devendo conservar valores não comerciais tais como a benevolência, a esperança e a caridade numa época fascinada pelo negócio e pela expansão ilimitada. Em virtude da sua candura, pressupunha-se que a mulher conseguiria transformar o lar num autêntico refúgio da crueldade e da imprevisibilidade detectáveis no mundo externo.

As vidas e as carreiras das representantes do sexo feminino eram, conseqüentemente, controladas pelos horizontes patriarcais da cultura vitoriana. Independentemente das dificuldades resultantes do facto de serem minimizadas e das obrigações domésticas interferirem com as profissionais, algumas mulheres conseguiram construir carreiras de sucesso. Inclusive quando confrontadas com estereótipos em larga medida criados e perpetuados pelos homens, as descendentes do sexo feminino demonstravam uma individualidade e uma determinação marcantes no seguimento dos seus propósitos.

Apesar disso, as escritoras eram vistas como detentoras de certas desvantagens enquanto mulheres. A maioria dos críticos tolerava-as desde que o seu trabalho deixasse transparecer a respectiva identificação com as “True Women”. Presumia-se então que a feminilidade se reflectiria no estilo literário das mulheres, o qual deveria ser gracioso ou delicado, seleccionando um assunto visivelmente doméstico ou privado e um tom didáctico. No caso de a mulher atingir a excelência artística, assumia-se que fosse através do sacrifício da natureza peculiar ao sexo feminino. (Auerbach, 45)

De um ponto de vista económico, a profissão ligada ao campo literário era considerada uma escolha acertada, embora não proporcionasse uma grande afluência. As mulheres solteiras ou as que se encontravam casadas mas cujos maridos dispunham de rendimentos insuficientes poderiam desfrutar de uma vida mais próspera se escrevessem para jornais e revistas do que, por exemplo, se costurassem ou ensinassem. Além disso, enquanto escritoras as mulheres ganhavam dinheiro sem sair de casa, algo também a valorizar numa altura em que se

acreditava que as mulheres com trabalhos no exterior negligenciavam a família ou arriscavam a sua honradez.

As ambiguidades culturais e as contingências sociais acabaram por criar um lugar paradoxal para as escritoras no século XIX. Por um lado, viviam numa civilização que procurava isolá-las numa esfera separada, limitando a sua participação na comunidade. Por outro, devido à sua origem e à sua educação, as mulheres pertencentes à classe-média abriram o caminho para uma carreira literária. Aquilo que cada uma fazia por si própria dependia, como é óbvio, da respectiva personalidade, dos princípios aceites e do modo como interpretava as suas circunstâncias existenciais.

Devido às ligações que estabeleciam entre si e à popularidade atingida junto do público leitor, as mulheres não estavam destituídas de poder na arena literária. A lucrativa presença neste mercado tornou perceptível a importante obra cultural feminina até aqui oculta sob as idealizações da maternidade. As listas de “best-sellers” comprovavam que em 1850 as mulheres eram autoras de quase metade dos trabalhos literários mais populares. Entre os livros mais comprados encontravam-se *Wide, Wide World* (1851), de Susan Warner, e *Uncle Tom's Cabin* (1852), de Harriet Beecher Stowe. (Auerbach, 56)

Segundo Joyce W. Warren, em *The American Narcissus: Individualism and Women in Nineteenth-Century American Fiction* (1984), Hawthorne agregava o discurso público das mulheres a um acto de exposição, mostrando-se austero sobretudo no que tocava as figuras femininas portadoras de traços psicológicos marcantes. Este modo de actuar devia-se à crença de Hawthorne numa imagem tradicional do comportamento feminino. Por seu turno, Joel Pfister adianta, em *The Production of Personal Life: Class, Gender, and the Psychological in Hawthorne's Fiction* (1991), que as obras de Hawthorne irradiavam um discurso emblemático da classe-média. Pfister ressalta ainda que ele reconhecia a artificialidade de tal discurso: “he is product, agent, and critic of an emerging middle-class interiority, and is aware that his participation in reproducing the forms of subjectivity of his class is political” (Pfister, 183).

O procedimento de Hawthorne em relação às mulheres encontra-se articulado com o seu tratamento textual da questão ligada à pureza feminina. As personagens femininas são amiúde sujeitas à especulação e a rumores acerca da respectiva imaculabilidade nas obras do

autor, raramente saindo exoneradas. Apenas em raras ocasiões, como acontece com Hester Prynne, é que uma personagem feminina emerge com uma vida própria por completo regenerada, tornando-se mais comum que a imoralidade resulte numa penitência eterna, conforme sucede com Miriam em *The Marble Faun*. (Pfister, 55)

De acordo com John Gatta, em *American Madonna: Images of the Divine Woman in Literary Culture* (1997), Hawthorne utiliza duas faces desiguais da mulher sagrada. A primeira é a de “St. Mary the Virgin” e a segunda, mais significativa, é a de “Mother Mary”, aquela que intercede pela humanidade. As duas perspectivas combinam-se para dar origem àquilo que Gatta considera a imagem de uma “Christian Magna Mater” na ficção de Hawthorne. Este retrato da feminilidade divina sob o aspecto dual da Virgem e da Mãe denota alguma ligação com o molde de oposição existente entre as previamente referidas “fair” e “dark ladies”. (Gatta, 45)

Por seu lado, Todd Onderdonk afirma em “ ‘The Marble Mothers’: Hawthorne’s Iconographies of the Feminine” (2003), que a consciência das substanciais aptidões femininas por parte de Hawthorne não deve ser equacionada como uma orientação feminista. Por este motivo, personagens como Hester, Zenobia ou Miriam são caracterizadas como ameaças anárquicas ao patriarcado estável. Ao persistirem numa existência quer física quer espiritual na esfera masculina, as personagens têm de ser contidas ou até destruídas, removidas do ciclo de reprodução. Paradoxalmente, as menos intimidadoras Priscilla e Hilda são colocadas no centro da ordem doméstica tanto em *The Blithedale Romance* como em *The Marble Faun*. (Onderdonk, 9)

Em “Lady Eleanore’s Mantle” (1838), Hawthorne gera uma personagem feminina que elege em certos ângulos uma direcção semelhante à de Hester Prynne em *The Scarlet Letter*. De facto Lady Eleanore, uma jovem inglesa dotada de uma beleza distinta, demonstra uma firmeza idêntica à de Hester. Porém, mostra-se inabilitada para atestar qualquer acto de piedade ou de compaixão, sendo ainda culpada de um grave pecado, o orgulho. De uma forma irónica, quase como se de uma cruel partida do destino se tratasse, Lady Eleanore vê a sua tão amada formosura aniquilada pela varíola, uma doença contraída através do manto usado, o qual representa exactamente o símbolo da sua vaidade e soberba.

A personagem parece ser uma consignatária da classe aristocrática e dos respectivos males. Divergindo de Hester que é condenada a sobreviver irradiada da civilização num estado de desolação, Lady Eleanore utiliza a sua cobertura como um sinal da insularização que ela própria criou com o intuito de se destacar entre os menos afortunados. Curiosamente é esse mesmo manto que carrega o contágio da varíola, acabando por arruinar o motivo da sua altivez. Em *The Power of Blackness: Hawthorne, Poe, Melville* (1958) Harry Levin aponta um outro aspecto que a separa de Hester. Assim, enquanto a letra usada pela heroína de *The Scarlet Letter* acaba por se tornar no final da sua vida um talismã, permitindo à personagem ganhar a aprovação da comunidade, o manto de Lady Eleanore tem o efeito oposto, conduzindo ainda ao extermínio da sociedade. (Levin, 57)

A vítima da desumanidade de Lady Eleanore é, em primeiro lugar, o jovem Jervase Helwyse, cuja devoção é rejeitada pela personagem feminina. Ignorando o pedido efectuado por Jervase no sentido de se desfazer do manto, Lady Eleanore opta por conservá-lo atendendo aos seus caprichos e expondo desse modo uma comunidade inteira aos germes da varíola. Fanny N. Cherry adverte, num artigo chamado “A Note on the Source of Hawthorne’s ‘Lady Eleanore’s Mantle’” (1999), para o facto de Hawthorne ter retirado a sugestão para o manto fatal da obra *Three Weeks in Palestina and Lebanon*, a qual foi publicada anonimamente em Londres no ano de 1833. Outros detalhes inspirados na obra indicada foram a constatação de que a pestilência cessava de forma súbita no auge dos seus ataques e a observação de que após a morte os corpos dos enfermos deixavam de transmitir a doença. De facto, constata-se em “Lady Eleanore’s Mantle” que depois do falecimento de Lady Eleanore, a derradeira padecente da varíola difundida pela capa, a doença desaparece de modo misterioso e repentino. (Cherry, 78)

Segundo David S. Reynolds, em “Toward Hester Prynne” (1985), Hawthorne encontrava-se, tendo em conta as respectivas condições de vida, numa posição ideal para seleccionar de forma sensata entre os numerosos estereótipos femininos do seu tempo e assimilá-los nos seus textos. Por volta de 1840 assistimos a uma nova consciência que se reflecte no tratamento dado por Hawthorne às personagens femininas, pois, a partir desta altura, a sua ficção começou a revelar a sua crescente percepção dos direitos femininos. A exposição de Hawthorne a ideias feministas provenientes de pensadoras progressivas tais como Margaret Fuller durante um período marcado pela depressão económica e pela exploração do trabalho desempenhado pelas mulheres teve, de acordo com Reynolds, um forte impacto nas suas

obras. Em trabalhos como “The Procession of Life” (1843), “The New Adam and Eve” (1843), “The Christmas Banquet” (1844) e “Earth’s Holocaust” (1844), Hawthorne demonstra já uma preocupação relativamente à situação feminina. (Reynolds, 10)

Hawthorne conseguiu até este momento realizar diversas combinações de diferentes tipos femininos mas só através de Beatrice, o anjo envenenado de “Rappaccini’s Daughter” (1844), é que conseguiu conceber uma personagem memorável pela sua complexidade. Na perspectiva de Reynolds, Beatrice surge em simultâneo como vítima e agressora, representando a exemplar angélica e a criminosa, além de se caracterizar por uma voluptuosidade magnética. Dividido entre a paixão e o horror que Beatrice lhe inspira, Giovanni é invadido por um conflito emocional sumariado no seguinte comentário: “Blessed are all the simple emotions, be they dark or bright! It is the lurid intermixture of the two that produces the illuminating blaze of the infernal regions” (Arvin, 208).

A confusão sentida por Giovanni parece, aliás, ser partilhada pelo próprio Hawthorne. A dúvida sobre se Beatrice será um anjo ou um demónio permanece até hoje uma vez que “Rappaccini’s Daughter” não providencia qualquer resposta definitiva. A verdade é que apesar da sua inocência, Beatrice prova ser venenosa para tudo aquilo que alcança. Dada a insondabilidade da sua heroína, Hawthorne poderia enfrentar acusações de uma certa desordem artística. Porém Reynolds relembra que “Rappaccini’s Daughter” é um trabalho transitório no qual chavões por vezes contraditórios se fundem para formar uma só heroína.

Numa fria e calculada busca de sabedoria Dr. Rappaccini viola todos os laços de afeição humana, submetendo a filha a uma solidão constrangida e provocando mais tarde a sua morte. Beatrice equipara-se às plantas do jardim de Rappaccini, as quais são seres estranhamente híbridos resultantes de múltiplas variedades unidas pelo experimentador. Percebe-se assim que, tal como Hester, Beatrice se vê coagida a enfrentar o exílio e a alheação.

Melissa M. Pennell discute em *The Student Companion to Nathaniel Hawthorne* (1999) a complexidade do carácter de Beatrice, sublinhando a sua falta de liberdade para se auto-definir e a sujeição da personagem às barreiras impostas por Rappaccini. Beatrice sofre devido à ausência de um contacto humano e à impossibilidade de receber ou de expressar afecto, a qual magnifica o abandono a que é votada. A personalidade de Beatrice contempla



ainda uma duplicidade associada àquilo que uma cultura patriarcal considerava ser a “natureza feminina”, ou seja, a personagem é ao mesmo tempo vista como uma mulher tão bela quanto pura e também como uma fonte de perigo ou de engano. Com efeito, Beatrice exerce um fascínio que é interpretado como algo duvidoso e temível para Giovanni, o qual ambiciona modelar a personagem feminina à imitação de uma mulher divinizada. (Pennell, 45)

“Rappaccini’s Daughter”, que assenta na leitura de um episódio pertencente a *Pseudodoxia Epidemica* (1672), da autoria de Thomas Browne, oferece para Richard Millington uma denúncia da masculinidade doentia patente durante o século XIX a qual se exterioriza, conforme adianta em “The Meanings of Hawthorne’s Women” (2000), na ofensiva contra as personagens femininas. O autor comenta o seguinte a propósito do efeito surtido pela propensão masculina em diversas obras de Hawthorne:

in stories like ‘Wakefield’, ‘Young Goodman Brown’, ‘The Minister’s Black Veil’, ‘The Birth-Mark’ and ‘Rappaccini’s Daughter’ Hawthorne stages encounters between men and women. In these encounters male characters – their underlying anxiousness and aggression, disguised as ambition – refuse the invitation to full, complex and humane life offered by women. These acts of neurotic refusal punish and even kill the women and yield to male characters the empty lives they seem to seek. (Millington, 3)

Em “Beatrice Rappaccini: A Victim of Male Love and Horror” (1976), Richard Brenzo descreve a relação desenvolvida entre as três personagens masculinas do conto e Beatrice. Segundo o autor, “Rappaccini’s Daughter” fundamenta-se na exploração de Beatrice por parte dos representantes do género masculino, a qual decorre de razões discrepantes mas se alicerça na feminilidade da filha de Rappaccini. A personagem torna-se então um foco para as fantasias e para os temores dos três homens, levando Giovanni, Rappaccini e Baglioni a projectar em Beatrice impulsos que não estão dispostos a admitir em si próprios.

Segundo Brenzo, o principal símbolo de “Rappaccini’s Daughter” consiste no veneno que invade o sangue de Beatrice. Geralmente qualquer veneno traduz-se num sinónimo de extinção, mas aqui o dano parece ser ainda mais temível devido à sua subtilidade, ou seja, o veneno torna os atingidos contagiosos para os outros sem no entanto lhes roubar a vida. Tal

isolamento que priva as vítimas de manter uma proximidade com os seres da mesma espécie revela-se, por si só, um outro tipo de óbito.

Brenzo salienta que a malignidade é introduzida por um homem, neste caso Dr. Rappaccini, não sendo portanto inerente à figura feminina. Tal facto é também relatado no conto de Baglioni, o qual envolve uma mulher enviada como presente a Alexandre o Grande por um príncipe indiano. Este infante fora, tal como Rappaccini, responsável por impregnar o sistema feminino de veneno, mas nem esta mulher nem Beatrice devem ser confundidas com a “femme fatale” que degrada e escraviza os respectivos amantes. De facto, nenhuma delas surge como essencialmente maligna ou portadora de um desígnio ponderado de prejudicar os homens.

Giovanni exhibe o seu deslumbramento por Beatrice desde o momento inicial em que a vê no jardim, embora pressinta de imediato alguma coisa suspeita na sua natureza, em especial devido à imunidade de Beatrice em relação à planta que Dr. Rappaccini tão cuidadosamente evita: “Flower and maiden were different and yet the same, and fraught with some strange peril in either shape” (Arvin, 207). Aliás, Beatrice evoca em Giovanni um conjunto de emoções nem sempre claras ou fáceis de entender, conforme se pode comprovar através do excerto que se segue: “It was not love, although her rich beauty was a madness to him; nor horror, even while he fancied her spirit to be imbued with the same baneful essence that seemed to pervade her physical frame; but a wild offspring of both love and horror that had each parent in it, and burned like one and shivered like the other. Giovanni knew not what to dread; still less did he know what to hope;” (Arvin, 212). Todavia, Giovanni não respeita o temperamento de Beatrice, pois o seu apreço exige uma mulher capaz de gratificar o respectivo ego e de se conformar aos seus delírios. Em contrapartida, Beatrice não faz qualquer tipo de requisitos, pelo que a questão por si levantada tem toda a justificação: “Oh, was there not, from the first, more poison in thy nature than in mine?” (Arvin, 211).

No que respeita Baglioni, verifica-se que a personagem irmana Rappaccini com a procedência de todo o mal, mas prefere fazer de Beatrice o receptáculo das suas tentativas de combatê-lo. No parecer de Brenzo, Baglioni examina Beatrice como um atentado à sua posição na universidade e por isso declara: “ ‘She is already qualified to fill a professor’s chair. Per chance her father destines her for mine!’” (Arvin, 215). Mas o anseio final de Baglioni parece ser o descrédito de Rappaccini, por quem nutre sentimentos opostos. Ao

mesmo tempo que o receia e inveja, Baglioni também não deixa de admirar Rappaccini, desconfiando talvez que a personagem detém um conhecimento de medicina e de botânica superior ao seu. Seguindo tal raciocínio, a acusação de Rappaccini levada a cabo por Baglioni não é fruto de um julgamento ético, antes da satisfação proveniente de um acadêmico que enuncia o erro de um colega até este momento invejado.

Ao contemplarmos o relacionamento entre Beatrice e Rappaccini torna-se relevante sondar antes de tudo o título do conto. Embora seja aparentemente uma simples descrição, “Rappaccini’s Daughter” enfatiza que Beatrice é uma criação do seu pai, não passando portanto de um utensílio ao dispor de Rappaccini. A personagem masculina é aqui qualificada como arrogante, implacável e calculadora, mas acima de tudo o resto obcecada com a premência de autoridade que lhe permite intimidar e controlar os que estão ao seu redor.

Encontrando-se ele mesmo separado da restante sociedade, Rappaccini não apreende a causa pela qual Beatrice se lamenta, avaliando até a recusa da filha de um dom que lhe foi conferido pela sua ciência como uma forma de ingratidão. Deste modo, tal como sucedera com Giovanni e Baglioni, Rappaccini projecta em Beatrice as suas aspirações egoístas, encontrando na filha alguém através do qual pode realizar as suas estranhas experiências. Não deixa de ser bizarro que Rappaccini indague se a filha prefere a debilidade, já que ao afastá-la do mundo exterior a personagem masculina torna Beatrice vulnerável e totalmente dependente da influência paterna. O veneno que Rappaccini tanto aprecia em Beatrice constitui afinal um reflexo dos seus instintos destrutivos. Neste sentido, a personagem feminina deve ser protegida apenas do próprio pai, assemelhando-se este ao seu pior inimigo contra o qual pouco ou nada pode fazer. (Brenzo, 7)

Em “The Ambitious Experiment of Dr. Rappaccini” (1971), Eberhard Alsen sustenta que a motivação de Rappaccini não é puramente o desvanecimento intelectual ou a sede de saber. Segundo o autor, o pai de Beatrice deseja que Giovanni trave conhecimento e até se enamore da filha, uma vez que a personagem explica do seguinte modo o intuito do seu ensaio: “My science and the sympathy between thee and him have so wrought within his system that he now stands apart from common men, as thou dost, daughter of my pride and triumph, from ordinary women. Pass on, then, through the world, most dear to one another and dreadful to all besides!” (Arvin, 220).

Na passagem supracitada Rappaccini equipara Giovanni e Beatrice a Adão e a Eva, devendo os dois deixar para trás o seu Paraíso corrompido e viajar pelo mundo, onde poderão enfim concretizar a respectiva incumbência de intoxicar todos aqueles com quem contactam. Na sua mente extravagante, Rappaccini imagina que os presenteou, bem como aos seus herdeiros, com o poder para dominar o universo. Assim, para Alsen, o móbil por detrás da experiência de Rappaccini consiste na sua ânsia de se tornar o criador de um novo cosmos envenenado. (Alsen, 430)

Brenzo alega em “Beatrice Rappaccini: A Victim of Male Love and Horror” que Beatrice terá sido educada para uma vida dedicada ao sacrifício, pelo que só poderá responder aos irracionais temores masculinos através de uma nova penitência. De facto, as palavras proferidas por Beatrice antes de beber o antídoto podem anunciar a suposição por parte da personagem de que tal acto lhe será fatal, levando-a ainda assim a aceitar a inevitabilidade do seu desfecho: “I will drink – but do thou await the result” (Arvin, 209). Allene Cooper comenta, no artigo “The Discourse of Romance: Truth and Fantasy in Hawthorne’s Point of View” (1991), que a desilusão de Beatrice quanto a Giovanni pode estar na origem da sua decisão de tomar o remédio, representando portanto uma tentativa de escapar ao desgosto amoroso, embora a obscuridade subjacente ao discurso de Hawthorne possa indicar também que Beatrice pratica tal acto com o propósito de salvar a vida de Giovanni. (Cooper, 500)

Segundo Mitchell, em *Hawthorne’s Fuller Mystery*, a amizade desenvolvida entre Hawthorne e Fuller não só levou à criação de Hester Prynne em *The Scarlet Letter* como também se reflectiu em “Rappaccini’s Daughter”. O relacionamento entre Giovanni e Beatrice apresenta, deste modo, vários aspectos em comum com a amizade iniciada entre Hawthorne e Fuller. Tal como Giovanni aprofunda o seu conhecimento de Beatrice quando se muda para a casa de Rappaccini, também Hawthorne estreitou os seus laços com Fuller apenas quando se transferiu para a antiga casa de Emerson e iniciou as suas longas conversas com a autora enquanto caminhavam pelos bosques ou passeavam de barco.

Antes da chegada de Giovanni, a necessidade de contacto humano e de diálogo por parte de Beatrice expressavam-se na sua personificação das flores como companheiras que retribuía o seu discurso. Tal carência de companhia humana comprazia-se assim pela fala. A voz de Beatrice parece efectivamente constituir o germe da sua formosura uma vez que Giovanni se sente seduzido ao escutá-la, antes sequer de a conseguir vislumbrar. Recordando as suas

conversas com Beatrice, Giovanni conclui: “Whatever had looked ugly in her physical and moral system had come to seem beautiful” (Arvin, 224). Mitchell estabelece aqui um novo análogo com Fuller. De facto, a escritora nunca foi descrita pelos seus contemporâneos como uma mulher convencionalmente bela, sendo antes enaltecida pelo seu poder retórico.

Além disso, Beatrice e Giovanni abordaram nas suas conversações tópicos parecidos com aqueles escolhidos por Hawthorne e Fuller, entre os quais se incluíam assuntos banais como a chegada do Outono, temas pessoais relacionados com a família e ainda matérias filosóficas. Tal como Emerson funcionou como um intruso ao interromper Hawthorne e Fuller, também Rappaccini foi descoberto por Giovanni enquanto vigiava os encontros da filha.

Mitchell emprega um derradeiro contraste, assinalando a pressão sexual que ameaçava a ligação fraternal tanto entre Hawthorne e Fuller como entre Giovanni e Beatrice. Nina Baym adianta em “Hawthorne’s Women: the Tyranny of Social Myths” que Giovanni se sente atormentado pelo lado corpóreo de Beatrice, mostrando-se inapto para entender uma estima tão imensa sem violar os impedimentos físicos que à partida a possibilitam:

By all appreciable signs, they loved; they had looked love with eyes that conveyed the holy secret from the depths of one soul into the depths of the other, as if it were too sacred to be whispered by the way; they had even spoken love in those gushes of passion when their spirits darted forth in articulated breath like tongues of long hidden flame; and yet there had been no seal of lips, no clasp of hands, nor any slightest caress such as love claims and hallows. He had never touched one of the gleaming ringlets of her hair; her garment – so marked was the physical barrier between them – had never been waved against him by a breeze. On the few occasions when Giovanni had seemed tempted to overstep the limit, Beatrice grew so sad, so stern, and withal wore such a look of desolate separation, shuddering at itself, that not a spoken word was requisite to repel him. (Arvin, 118)

Adoptando uma postura congénere à de Hester Prynne, Zenobia surge em *The Blithedale Romance* como uma personagem com um carácter autónomo, exalando uma energia erótica. O facto de Priscilla se submeter aos intentos de Hollingsworth determina a forma como as personagens masculinas observam as duas mulheres. De facto, apesar de os dois homens se sentirem inicialmente seduzidos pelo encanto de Zenobia, Hollingsworth e Coverdale acabam por se deixar render à amenidade de Priscilla. Coverdale, em particular, reduz

Zenobia a alguém insignificante envolvido numa batalha contra uma sociedade relutante em alterar o estatuto feminino, insinuando que as mulheres não são naturalmente subservientes e apenas se revoltam quando as circunstâncias a isso obrigam:

What amused and puzzled me was the fact that women, however intellectually superior, so seldom disquiet themselves about the rights or wrongs of their sex, unless their own individual affections chance to lie in idleness, or to be ill at ease. They are not natural reformers, but become such by the pressure of exceptional misfortune. I could measure Zenobia's inward trouble, by the animosity with which she now took up the general quarrel of woman against man. (Hawthorne, *The Blithedale Romance* 112)

O voto masculino elege, portanto, a obediência feminina. No entanto, Zenobia é vista como uma intelectual, motivo pelo qual está longe de se encaixar na definição de “True Woman” oferecida por Hollingsworth: “Her place is at man's side. ...All the separate action of woman is and ever has been, and always will be, false, foolish, vain, destructive of her own best and holiest qualities, void of every good effect, and productive of intolerable mischiefs!” (Hawthorne, *The Blithedale Romance* 122). A incapacidade demonstrada por Zenobia em resignar-se a tal ideal condena a personagem à infelicidade. Nina Baym considera em “*The Blithedale Romance: a Radical Reading*” (1986) que Zenobia acaba por se transformar numa espécie de panfletista, sendo esta a única função aceitável numa sociedade onde as mulheres tinham de combater a subjugação feminina. (Baym, 12)

Para William Dean Howells, em *Heroines of Fiction* (1901), a personagem ambiciona a realização pessoal sem olhar a qualquer tipo de custo, seja este financeiro ou emocional. Zenobia age exclusivamente de acordo com a sua própria vontade, não se considerando escrava de Deus ou dos representantes do sexo masculino. Barbara Welter esclarece em “The Cult of True Womanhood: 1820-1860” (1976) que as mulheres eram encorajadas a não permitir uma interferência das respectivas pretensões na sua relação com o divino, razão pela qual Zenobia é associada a algo de malévolos. (Welter, 8)

Howells observa ainda na mesma obra que embora Zenobia nem sempre divulgue uma significativa nobreza de carácter, sobretudo no que respeita o tratamento dado a Pricilla e a Coverdale, a personagem conserva ainda assim o seu merecimento:

If we reduce the question which is Hawthorne's greatest heroine to a choice between Hester Prynne and Zenobia, I must give my voice for Zenobia. Few heroines survive so far beyond their story, and remain in a sort so fully a part of experience as she; ... She is a half-caste literary talent, and some of her ideals are apparently tawdry; but she is a very woman soul; what she does and suffers is by the law of her womanhood, which in her death as in her life asserts itself in defeat so cruel as to leave the reader with a lasting pang for her. (Howells, 137)

Na opinião de L. Leigh, em “Disruptive Absolutism in *The Blithedale Romance*” (2002), Coverdale compara Zenobia a Pandora, uma figura mítica destrutiva cuja curiosidade tem efeitos desastrosos para o universo. Por este motivo, a única solução que resta a Zenobia é colocar um fim à própria vida, um acontecimento antecipado por Coverdale: “The presence of Zenobia caused our heroic enterprise to show like an illusion, a masquerade, a pastoral, a counterfeit Arcadia” (Hawthorne, *The Blithedale Romance* 25). O misterioso envolvimento entre Zenobia e Westervelt implica também a participação da personagem feminina em ocorrências negativas. (Leigh, 5)

Ao ser ligada a Westervelt, a personagem mais próxima de uma figura diabólica, a beleza de Zenobia tem de ser metaforicamente retratada como uma chama que se extingue. Leigh reflecte ainda sobre o facto de a personagem feminina se mostrar incapaz de funcionar numa sociedade que falhou a nível ideológico. Neste sentido, a fracassada perseguição individualista dos próprios objectivos concretizada por Zenobia reforça a ideia de que os seres humanos não conseguem criar um mundo perfeito ou isento de corrupção. Robert S. Levine compara, em “Sympathy and Reform in *The Blithedale Romance*” (1990), a influência exercida por Westervelt em Priscilla e a autoridade de Zenobia sobre Coverdale. Da mesma forma que Westervelt se revela o sujeito dominante que lançou o seu sortilégio sobre uma vítima indefesa, também Zenobia exercita um controlo total sobre Coverdale, demonstrando uma habilidade artística para exhibir o seu corpo e teatralizar a respectiva opressão. (Levine, 9)

Thomas H. McNeal informa, em “An Early Satire on Margaret Fuller” (1983), sobre a decisão inicial que Hawthorne tomou de apelidar a sua obra de *Zenobia*. Tal resolução mostrou-se inválida porque William Ware usara antecipadamente este título. De facto, Hawthorne escrevera a Edwin Percy Whipple solicitando o seu auxílio na escolha de uma

denominação para a respectiva obra, sendo aí evidente o conhecimento prévio de Ware: “‘The Blithedale Romance’ – that would do, in lack of a better... ‘Zenobia’ – Mr. Ware has anticipated me in this” (McNeal, 214).

O pressuposto segundo o qual Margaret Fuller terá servido de musa para a criação da personagem de Zenobia demonstra ter algum peso, pois existem diversas semelhanças entre as duas figuras femininas. Para começar, constata-se que, tal como o nome Zenobia tem origem no de uma rainha do império romano, também Fuller tinha a fama de se comportar de uma forma adequada à realeza. Emerson declarou quanto a este assunto: “She had a predetermination to eat this big universe as her oyster... and to be absolute empress” (Stoddard, 189).

Quer Fuller quer Zenobia eram feministas com ambições literárias, sendo os seus pontos de vista alternadamente elogiados ou condenados. Além disso, ambas falharam na respectiva tentativa de se afastarem na totalidade das noções aliadas à feminilidade. Louise Cary acentua, em “Margaret Fuller as Hawthorne’s Zenobia: the Problem of Moral Accountability in Fictional Biography” (1975), este facto: “The main thesis which emerges, however, is that the first concern of both men and women should be the realization of their spiritual, intellectual, and moral capacities, and that these capacities have very little to do with the accident of gender. In the end, she [Fuller] shows herself not entirely free of the sex-specific thinking so deeply ingrained in the nineteenth century” (Stoddard, 190).

As duas exprimiam igualmente a respectiva insatisfação. Elizabeth Barrett Browning indaga o seguinte acerca de Fuller em *Famous American Women* (1970): “Was she happy in anything I wonder; she told me she never was” (Stoddard, 189). No que respeita Zenobia, a personagem também pergunta a Coverdale se este já alguma vez descobrira uma mulher ditosa. O verdadeiro problema de Zenobia reside no seu repúdio do papel que lhe é atribuído pela sociedade. Em contrapartida, Priscilla emerge fortalecida e vitoriosa com dois homens sob o seu mando.

Thomas Mitchell indica em *Hawthorne’s Fuller Mystery* que, assim como Zenobia se caracteriza por uma certa irresolução, o mesmo sucede com Fuller. Christina Zwarg refere-se em “Womanizing Margaret Fuller: Theorizing a Lover’s Discourse” (1990) à evasão dos relatos sobre Fuller: “every effort to frame her in conventionality results in a destabilization



of that frame and reads like an undecipherable text” (Mitchell, 206). Um outro aspecto que aproxima Fuller de Zenobia é o facto de as duas lutarem em nome da mesma causa, ou seja, o término da supremacia masculina sobre a feminina. Assim como Fuller, Zenobia procura uma união democrática entre dois seres iguados e debate-se contra o casamento despótico que transforma o homem no objecto adorado e a mulher numa serva.

Ainda segundo a perspectiva de Mitchell, o vínculo entre Fuller e Ossoli terá servido de inspiração para a enigmática relação entre Zenobia e Westervelt. Todavia, a informação de Hawthorne relativamente a Ossoli era escassa e quase em exclusivo assente em boatos, motivo pelo qual Hawthorne desconhecia se ele era legalmente casado com Fuller. Seja como for, Hawthorne sabia com toda a certeza que Fuller se tinha recusado a desamparar Ossoli, sacrificando assim a própria vida. Hawthorne assumiu que tal atitude se deveu não ao sentimento que os agregava mas à angústia experimentada por Fuller ao ter de enfrentar os amigos. Na verdade, ela juntara-se aos partidários da luta nacionalista durante a sua estadia em Itália, sendo aí que travara conhecimento com Ossoli, podendo ter havido até algum alívio com a notícia do naufrágio do navio que transportava Fuller. (Mitchell, 65)

Deste modo, tanto Fuller como Zenobia declinaram a hipótese de auto-salvação. Além disso, tal como Hawthorne não dispunha de provas quanto ao estado civil de Fuller, Coverdale nunca averigua a exacta natureza do envolvimento entre Zenobia e Westervelt. Um restante alvitre que é atribuído tanto a Fuller como a Zenobia consiste no facto de a beleza de ambas derivar primeiramente de uma sensação criada pelo seu carácter veemente. Com efeito, prevalece no olhar, nos gestos e em particular no discurso de Zenobia uma força evocativa que desperta imagens eróticas em Coverdale. O encanto de Zenobia não deriva, portanto, de qualidades vulgarmente atribuídas ao sexo feminino tais como a modéstia ou o recato, conforme a seguinte passagem corrobora:

Assuredly, Zenobia could not have intended it – the fault must have been entirely in my imagination – but these last words, together with something in her manner, irresistibly brought up a picture of that fine, perfectly developed figure, in Eve’s earliest garment. I almost fancied myself actually beholding it. Her free, careless, generous modes of expression often had this effect of creating images which, though pure, are hardly felt to be quite decorous, when born of a thought that passes between man and woman. I imputed it, at that time, to Zenobia’s noble courage, conscious of no harm, scorning the petty restraints which take the life and co-

lor out of other women's conversation. There was another peculiarity about her. We seldom meet with women, now-a-days, and in this country, who impress us as being women at all; their sex fades away and goes for nothing, in ordinary intercourse. Not so with Zenobia. One felt an influence breathing out of her, such as we might suppose to come from Eve, when she was just made, and her Creator brought her to Adam, saying "Behold, here is a woman!". Not that I would convey the idea of especial gentleness, grace, modesty, and shyness, but of a certain warm and rich characteristic, which seems, for the most part, to have been refined away out of the feminine system. (Hawthorne, *The Blithedale Romance* 102)

Ao contrário de Zenobia, Priscilla e Hilda em *The Marble Faun* são personagens que divergem de Hester Prynne devido à sua feição ascética. Priscilla em especial define-se pela sua brandura e pelo seu servilismo, parecendo agitar-se com um único objectivo, a aniquilação da "True Woman". Priscilla preenche então o lugar da inócua impoluta, destoando da vibrante e libidinosa Zenobia. A personagem assemelha-se a um ser etéreo, como se estivesse separada da terra através de um véu translúcido e fosse invocada com o único ensejo de mediar ilusões imateriais. Cynthia Freeland estabelece um contraste entre Priscilla e Zenobia num ensaio denominado "Woman: Revealed or Reveiled" (1986): "Outwardly, Zenobia and Priscilla could not be more unlike. Zenobia is dark, brilliant, graceful, fullbodied, at the height of her glorious womanhood. Priscilla is pale, gawky, coltish, an undeveloped girl. Zenobia has wealth, fame, and intellectual accomplishments, Priscilla is a poor, retiring seamstress" (Thornton, 52).

A percepção de Priscilla baseia-se não nos sentidos mas em previsões telepáticas, ou seja, a personagem limita-se a intuir. Neste sentido, Priscilla pode até ser comparada a um anjo cuja delineação é feita por James F. Ragan em *The Angel and the Machine: the Rational Psychology of Nathaniel Hawthorne* :

The species whereby the angels understand are not drawn from things, but are connatural to them. . . . The same is evident from the manner of existence of such substances. The lower spiritual substances - that is, souls - have a nature akin to a body, in so far as they are the forms of bodies: and consequently from their very mode of existence it behooves them to seek their intelligible perfection from bodies, and through bodies; otherwise they would be united with bodies to no purpose. On the other hand, the higher substances - that is, the angels - are utterly free from bodies, and subsist immaterially and in their own intelligible nature; consequently they attain their intelligible perfection through an intelligible outpouring,

whereby they received from God the species of things known, together with their intellectual nature. (Ragan, 181)

Desta forma, Priscilla e Westervelt participam numa natureza humana radicalmente oposta. Priscilla permanece pura porque na personagem o espírito triunfa sobre a substância, enquanto Westervelt se deixa corromper já que age tendo em vista fins materialistas. Em “Hawthorne’s *The Blithedale Romance*” (1998), Ellen Thornton efectua uma análise da identidade de Priscilla ao nível da respectiva sexualidade. Verifica-se que Priscilla surge na narrativa como uma sombra de Zenobia, sendo comparada por Coverdale a uma figura vaga ou insubstancial. Thornton defende que a assexualidade de Priscilla representa a concepção vitoriana do tipo feminino modelar e que a linguagem usada para descrever a personagem levanta inclusive dúvidas acerca da exactidão do seu género. Richard Brodhead escreve a este propósito no ensaio “Veiled Ladies: Toward a History of Antebellum Entertainment” (1989): “Coverdale is the ‘man’ who corresponds to Priscilla’s version of the term ‘woman’” (Brodhead, 283).

Contudo, no final da narrativa a frágil Priscilla parece receber uma infusão de vitalidade. Com efeito, o papel desempenhado como enfermeira e guardiã de Hollingsworth confere à personagem uma nova energia e deste modo Priscilla, que fora até agora identificada com a “Veiled Lady”, sofre uma modificação. Priscilla passa a identificar-se com um ser proprietário de uma possante individualidade, tendo mesmo absorvido a masculinidade de Coverdale e tornado-se a mestre de Hollingsworth.

William E. Grant compara *The Blithedale Romance* a *Hamlet* em “Hawthorne’s *Hamlet*: The Archetypal Structure of *The Blithedale Romance*” (2006), considerando que Hawthorne e Shakespeare partilham uma estrutura semelhante nas suas obras no que concerne as respectivas implicações anímicas. O arquétipo que estabelece a ponte entre *The Blithedale Romance* e *Hamlet* consiste, segundo Grant, na lenda de Édipo. Tal fábula pode ser resumida através das palavras de Ernest Jones em *Hamlet and Oedipus* (1959): “a highly elaborated and disguised account of a boy’s love for his mother and consequent jealousy of and hatred towards his father” (Jones, 162).

Embora à primeira vista Zenobia se pudesse tornar a representativa da mãe de Hamlet e Priscilla pudesse simbolizar Ophelia, apuramos que é Zenobia e não Priscilla quem comete

suicídio em *The Blithedale Romance*. Jones acredita que tanto Zenobia como Priscilla se associam a uma imagem maternal para Coverdale, além de servirem como mandatárias de dois aspectos que convergem na constituição feminina, ou seja, a lascívia e o misticismo. Jones afirma o seguinte sobre tal divisão constante no ícone materno: “the splitting of the mother image which the unconscious infantile effects into two opposite pictures: one a virginal Madonna, an inaccessible saint towards whom all sexual approaches are unthinkable, and the other of a creature accessible to everyone” (Jones, 90). A inserção das atitudes de Coverdale neste encadeamento permite justificar a sua ambivalência em relação a Zenobia, resultante da simultânea atracção e repulsa da personagem masculina pela afiguração sexual da progenitora. Do mesmo modo, explica a preferência de Coverdale por Priscilla, a qual é um efeito da sua inclinação para a figura maternal enquanto “virginal Madonna”.

O conto relatado por Zenobia tem, de acordo com Grant, uma particular ligação com os sentimentos manifestados por Coverdale, não obstante ser contado segundo um ponto de vista feminino. A narrativa da “Veiled Lady”, onde Priscilla desempenha o papel da heroína, constitui parcialmente uma versão encoberta do conto da Bela Adormecida, indicando o despertar do sensualismo feminino. Constatase que a mulher visiona o filho como um objecto amoroso, sendo o descendente comparado a um príncipe capaz de beijar através do véu e portanto mostrando-se também apto para uma sedução gentil. Inversamente, o marido arranca o véu num gesto de violação simbólica, surgindo como um indivíduo que reúne em si as piores tendências masculinas. (Grant, 22)

Quer no seu ar artístico quer no seu lado penitencial, Miriam em *The Marble Faun* pode ser lida como uma tipologia de Hester Prynne, sendo apoiada em características ou traços dominantes e recorrentes. Na verdade, Miriam é comparável tanto a Hester como a Zenobia, na medida em que admite a inevitabilidade do respectivo destino. A expiação de Zenobia através da morte equivale então ao regresso de Hester a Boston, o qual corresponde por sua vez à submissão final de Miriam. Além disso, tal como as suas antecessoras, Miriam detém uma beleza singular, além de se revelar lúcida e soberana.

David Leverenz adverte num artigo intitulado “Working Women and Creative Doubles: Getting to *The Marble Faun*” (1982) que os romances elaborados por Hawthorne a partir de 1850 cultivam o possível risco da independência feminina. Em *The Scarlet Letter*, por exemplo, Hester trabalha em casa antes de se transformar numa guia para as mulheres da sua

colónia, enquanto em *The Marble Faun* descobrimos duas jovens que trabalham como artistas já longe das suas famílias. Para Leverenz, o procedimento de Hawthorne deve-se ao seu convívio com várias mulheres ambiciosas e diligentes, entre as quais se encontravam Elizabeth Peabody, Margaret Fuller e a irmã a quem carinhosamente tratava por “Ebe”.

Leverenz informa no mesmo artigo que Hawthorne exprimia ainda a sua admiração por Fanny Fern, cuja obra *Ruth Hall* (1855) narra o triunfo de uma escritora, além de manter relações cordiais com outras autoras tais como Elizabeth Barrett Browning, Grace Greenwood e em especial Delia Bacon. Hawthorne responsabilizou-se inclusive pela redacção do prefácio do livro de Bacon, bem como pela respectiva publicação. Em Roma, o círculo de amigas de Hawthorne incluía a astrónoma Maria Mitchell e as escultoras Harriet Hosmer e Maria Louisa Lander. No parecer de Thomas R. Mitchell em *Hawthorne’s Fuller Mystery*, Hawthorne poderá ter encontrado em Lander a fonte de alento para a geração de Miriam. De facto, a artista propiciou a Hawthorne uma erudição do tipo de vida escolhido por uma mulher livre. (Leverenz, 8)

Mitchell alia a excelência de Miriam não aos seus atributos físicos mas a uma espécie de mistério que envolve a personagem. Podemos confirmá-lo no excerto que se segue: “Miriam, fair as she looked, was plucked up out of a mystery, and had its roots still clinging to her. She was a beautiful and attractive woman, but based, as it were, upon a cloud, and all surrounded with misty substance, so that the result was to render her sprite-like in her most ordinary manifestation” (Hawthorne, *The Marble Faun* 23). Além disso, tal como Beatrice em “Rappaccini’s Daughter”, Miriam foi criada unicamente pelo pai, cujas tentativas de imposição de um casamento acarretaram a rebelião da personagem. Ainda à semelhança daquilo que sucede com Zenobia, os trabalhos de Miriam agradam não pelo respectivo mérito artístico mas porque reproduzem a sua personalidade ferosa e desafiam a tradição. (Mitchell, 87)

Mitchell acentua em *Hawthorne’s Fuller Mystery* o facto de o espectro de Fuller assombrar uma vez mais a caracterização de Miriam. De facto, assim como Fuller se tornou o alvo da dedicação de um jovem aristocrata conhecido como marquês Giovanni Ossoli, também Miriam estimulou a paixão de Donatello. A afinidade entre Miriam e Donatello apresenta certos ângulos em comum com a aliança estabelecida entre Fuller e Ossoli. Tal como Hawthorne mostrava a sua incredulidade quanto à união entre Fuller e Ossoli, também

Miriam demonstra a sua incompreensão quanto ao encantamento de Donatello: “Why should you love me, foolish boy? . . . We have no points of sympathy at all. There are not two creatures more unlike, in this wide world, than you and I!” (Hawthorne, *The Marble Faun* 79). Kenyon acaba todavia por reconhecer a possibilidade de Miriam aceitar a devoção de Donatello, identificando uma necessidade própria das mulheres invulgarmente dotadas:

Miriam, of late, has been very morbid and miserable, as we both know. Young as she is, the morning light seems already to have faded out of her life; and now comes Donatello, with natural sunshine enough for himself and her, and offers her the opportunity of making her heart and life all new and cheery again. People of high intellectual endowments do not require similar ones in those they love. They are just the persons to appreciate the wholesome gush of natural feeling, the honest affection, the simple joy, the fulness of contentment with what he loves, which Miriam sees in Donatello. True; she may call him a simpleton. It is a necessity of the case; for a man loses the capacity for this kind of affection, in proportion as he cultivates and refines himself. (Hawthorne, *The Marble Faun* 105)

Em “Miriam and the Conversion of the Jews in Nathaniel Hawthorne’s *The Marble Faun*” (2001), Augustus M. Kolich documenta que o incidente relacionado com o rapto de Edgardo Mortara oferta um relevante contexto cultural para o nascimento de Miriam em *The Marble Faun*, bem como para a disposição geral de Hawthorne relativamente aos católicos e aos judeus. Durante o mês de Junho de 1858, quando Hawthorne regressava de Roma e se preparava para concluir *The Marble Faun*, as forças militares católicas invadiram o lar de Momolo e de Marianne Mortara levando consigo o jovem Edgardo com apenas seis anos de idade. A empregada da família, Anne Morisis, baptizara a criança em segredo através de um rápido e simples ritual, acreditando poder assim salvar a alma inocente de Edgardo durante uma doença que se supunha mortal e sendo certamente influenciada pelas promessas efectuadas pela Igreja no sentido de recompensar os seus feitos. Tal baptismo resultou numa conversão imediata e numa transferência de Edgardo até aqui residente na comunidade judaica para o grupo católico. Apesar da forte pressão internacional exercida sobre o papado e não obstante o subsequente declínio dos estados vaticanistas em 1870, Edgardo nunca voltou ao ambiente familiar, terminando mesmo por seguir a via do sacerdócio sob uma intensa supervisão do Papa Pio IX.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para uma narrativa detalhada deste incidente consultar: Kertzer, David I. *The Kidnapping of Edgardo Mortara*. NY: Knopf, 1997.

A publicidade relativa a este rapto e à conversão forçada de Edgardo Mortara levou a que ambos se tornassem célebres em Inglaterra, em França e na América, alimentando desta forma o protesto público contra um papa que se achava no direito de agir segundo princípios considerados déspotas pela Europa liberal. A Inglaterra protestante, por exemplo, promovia de modo activo o convertimento dos judeus por meio de organizações privadas tais como a London Society for Promoting Christianity Amongst the Jews. Na realidade, a abjuração dos judeus ingleses incidia sobre os interesses do nacionalismo patriótico, enquanto a conversão católica reflectia as práticas obsoletas da Inquisição, sendo portanto tida como um atentado contra as liberdades civis e religiosas quer dos judeus quer dos protestantes. A reacção dos americanos protestantes ao caso de Mortara foi igualmente hostil ao pontificado. Kolich declara que se, por um lado, os judeus domiciliados em território americano eram encarados como uma seita religiosa inofensiva, por outro, os católicos, com especial incidência sobre os imigrantes irlandeses, eram vistos com desconfiança.

Kolich esclarece no artigo supracitado que toda a história do povo hebraico existente na Roma católica se cimenta numa mudança compulsória. A primeira segregação dos judeus a ter lugar na Europa tornou-se lei em 1555, com a criação da bula *Cum Nimis Absurdum* que proclamava a absurdez de uma convivência entre judeus praticantes e católicos, levando ao estabelecimento de guetos. Nesta altura os judeus eram identificáveis sem dificuldade quando se encontravam no exterior das judiarias onde sobreviviam num estado de cárcere, através do uso de símbolos tais como um chapéu amarelo ou a estrela de David. Além de serem alvo de uma perseguição sem tréguas e de uma opressão tanto a nível económico como político, os judeus assistiram à fundação, por parte do jesuíta Inácio Loyola, daquela que viria a ser apenas a primeira de uma série de casas destinadas à conversão judaica – *Casa de Convert Catecumen*.

A tentativa de converter obrigatoriamente os judeus ao catolicismo encontrava-se no seu período de apogeu durante o século XVII. A partir deste período a Igreja começou a associar os judeus ao republicanismo, a sociedades secretas tais como a dos Carnorari e ainda ao *Risorgimento*, ou seja, o movimento de unificação italiana. O elo entre a libertação judaica e o *Risorgimento* fortaleceu-se mais tarde, durante o século XIX, ao mesmo tempo em que o Reino da Sardinia (o centro da actividade de federação italiana) se tornou a única região de Itália a reconhecer os direitos cívicos dos judeus.

Após 1814 os judeus e os rabis romanos ainda eram compelidos a comparecer nas cerimónias ocorrentes na época carnavalesca de uma forma visivelmente desonrosa. De facto, o Carnaval romano não passava de um novo empreendimento tendo em vista a perseguição dos judeus, recorrendo mais uma vez à humilhação pública. Kertzer descreve da seguinte forma este ritual: “Forced to dress in grotesque black outfits, with short pants and a little cloak, they were made to march through the streets as part of popular festivities, their loose neckties serving as a target for rotten food and other missiles hurled by the jeering throngs” (Kertzer, 16).

Durante grande parte do século XIX os judeus italianos não convertidos foram, em quase todos os aspectos da sua vida, vítimas de uma implacável vindicta baseada em diferenças religiosas e não em divergências étnicas ou raciais. Todas as garantias reservadas aos cidadãos lhes foram vedadas, inclusive a possibilidade de testemunhar em tribunal contra os católicos ou o de deter propriedade. Só depois da revolução de 1848 é que Carlo Alberto instituiu em Piedmont vários direitos cívicos para os judeus e, a partir de então, o anteriormente mencionado Reino da Sardenia figuraria como emblema da união italiana e da emancipação judaica. Além disso, esta região tornou-se o centro do apoio britânico conduzindo ao colapso dos “estados papistas”.

Contudo, as contrariedades não atingiram unicamente os judeus que se recusavam a aceitar a fé católica. Também os judeus convertidos enfrentaram sérias adversidades, sendo ostracizados nas sociedades judaicas e até banidos devido a acusações de traição. Com efeito, os judeus que optaram pela conversão usufruíam de todos os seus direitos de cidadania e dispunham também de várias oportunidades de emprego, em especial de cargos governamentais. Além disso, a poderosa nobreza italiana tomou a seu cargo a conversão de famílias inteiras de judeus, tendo em vista a obtenção de compensações.

Na avaliação de Hawthorne, os protestantes que se revelavam ignorantes quanto à jurisdição detida pela Igreja também não poderiam estar em completa segurança na Roma católica, conforme é evidenciado na captura e detenção de Hilda em *The Marble Faun*. No que respeita Miriam, detecta-se uma associação entre a personagem e a crença judaica, embora Miriam não seja retratada como praticante desta religião. Para o autor, Miriam parece ser uma figura que sucumbiu apenas de forma aparente à hegemonia cristã, retendo todavia conexões à respectiva herança semítica.



As presumíveis origens judaicas de Miriam nem sempre concedem elucidações concebíveis para o seu comportamento por vezes duvidoso. Embora Hawthorne não se revele negligente ao adiantar algumas pistas relativas à identidade de Miriam, fornece com frequência demasiados esclarecimentos que acabam por se tornar contraditórios e assim falhar no seu propósito inicial. Constatamos que o passado de Miriam é abordado repetidas vezes apenas para ser novamente abafado sem um esclarecimento adequado, quase como se a obra em si fosse sujeita às intrusões inquisitórias das autoridades religiosas.

De acordo com Kolich, no já referido ensaio “Miriam and the Conversion of the Jews in Nathaniel Hawthorne’s *The Marble Faun*”, Miriam tem o espírito indecifrável e aventureiro dos sobreviventes durante a era dos “estados papistas”. Independentemente das suas raízes religiosas, Miriam movimenta-se com perícia e audácia num universo marcado pela corrupção política, pela manipulação explícita e pela intriga. Kolich estabelece ainda uma analogia que distancia Miriam de outras protagonistas femininas de Hawthorne, nomeadamente, de Zenobia em *The Blithedale Romance* e de Hester Prynne em *The Scarlet Letter*. Assim, enquanto a intervenção pública de Zenobia acaba por se diluir, também Hester subsiste ainda à margem das matérias estadísticas na teocracia puritana. Miriam, por outro lado, assume com sucesso inúmeras personalidades, intencionalmente ou não inspira um assassinato e no final consegue evitar a perseguição. Resta adicionar que tudo isto é concretizado num cenário incluindo uma Roma turbulenta, onde o “despotismo papista” governava de modo absoluto.

Embora pareça flutuar numa espécie de limbo religioso dominado por forças colidentes, neste caso o catolicismo, o protestantismo e o judaísmo, Miriam exterioriza de forma consistente o ânimo e a perspicácia essenciais para permanecer viva e gozar de autonomia, conseguindo assim funcionar inserida no sistema romano. A personagem feminina assemelha-se por conseguinte a uma pagante judia que é instigada a assumir falsas identidades com o intuito de se conservar livre nos “estados papistas”. O intrigante passado de Miriam assombra todos os seus actos e as outras personagens surgem inicialmente inconscientes de quão delicada é a respectiva participação na trajectória de Miriam. Kolich constata assim que o retrato do judeu sacrificado suporta uma compleição anti-católica em *The Marble Faun*, mas o judeu incógnito também representa um perigo para os protestantes desprevenidos que se envolvem numa luta alheia.

Não obstante o facto de subsistirem sinais que apontam para o judaísmo de Miriam, a personagem só é descrita fisicamente quando mostra a Donatello o seu auto-retrato. De facto, Miriam projecta a própria fisionomia na imagem de Rachel, oferecendo ao leitor o ensejo de desvendar o seu aspecto: “if she were really of jewish blood, then this was jewish hair, and a dark glory such as crowns on Christian maiden’s head” (Hawthorne, *The Marble Faun* 48). Deste modo, Miriam apresenta através da sua sugestiva arte marcas evidentes de uma aparência judia que teima em perdurar, contando de uma forma simbólica a própria estória.

Antes do assassinio de Model, Donatello não é mais do que um jovem imaturo aos olhos de Miriam. No entanto, após sucumbir ao ciúme e cometer tal acto, Donatello adquire um novo significado para a personagem feminina. Com efeito, o sofrimento e o remorso provocados pelo respectivo crime fazem de Donatello um homem mais cauto. Por este motivo, Kolich compara Miriam não às heroínas judaicas do Velho Testamento tais como Jael ou Judith que usaram a respectiva beldade para atrair e assassinar os opressores dos judeus, mas a Salomé, cujas “infames” actuações espelham o paradigma cristão do “maléfico” poder feminino.

Hawthorne posiciona Miriam como descendente e herdeira de um abastado banqueiro judeu que lhe tenta impor um contrato de casamento, um costume considerado vulgar entre as jovens italianas originárias de famílias nobres. Kolich adianta que a família paterna de Miriam deveria ser católica ou constituída por judeus convertidos, ocultando uma animosidade não resolvida contra a Igreja. Além disso, a mãe de Miriam é de origem inglesa e falece ainda durante a infância da filha. O respectivo matrimónio com um italiano relaciona-a, na visão de Kolich, com a causa italiana em Inglaterra bem como com a figura de Giuseppe Mazzini e com as dos jovens revolucionários que almejavam uma Itália unida e democrática, tendo-se instalado em Londres após o colapso da república romana em 1849.

Mazzini e outros exilados políticos manifestaram a capacidade de transformar a demanda italiana em algo de apelativo para as mulheres inglesas, as quais se sentiam atraídas por procedimentos gloriosos e pela vaga de activismo político trazida pelos temas agitadores de Mazzini. Como consequência, as uniões entre expatriados italianos e mulheres inglesas (entre as quais se incluía a americana Margaret Fuller) eram numerosas. A aura arrebatada associada à rebelião dos italianos acordou assim em muitas inglesas o anseio de agir em prol de um motivo que criam ser digno.

No ponto de vista de Kolich, Hawthorne surpreende no final da narrativa com uma reviravolta denunciadora de algum anti-semitismo. De facto, o autor oferece a fotografia de uma Miriam que apoia a rejeição dos amigos e intencionalmente surge com uma postura incitadora no sentido de os americanos não se envolverem no alvoroço italiano. Hawthorne parece então insinuar que os americanos não se encontram em condições de compreender as incertezas da questão judaica em Itália, independentemente da pendência que possam ter em relação aos vitimizados. Por conseguinte, no termo de *The Marble Faun* Kenyon e Hilda retornam à América, entregando Miriam à sua sorte. A longo prazo, o verdadeiro segredo de Miriam dissolve-se, tornando-se exíguo e até irreal para as outras personagens. (Kolich, 430)

Num artigo intitulado “Hawthorne and Judaism: Otherness and Identity in *The Marble Faun*” (1991), Elissa Greenwald informa que uma fonte directa para a criação da personagem de Miriam foi sugerida por Louis Harap em *The Image of the Jew in American Literature* (1974). Harap defende que Hawthorne utilizou a sua recordação de uma mulher judia presente num banquete onde participara para conceber Miriam, a qual é descrita da seguinte forma:

My eyes were mostly drawn to a young lady who sat nearly opposite me, across the table. She was, I suppose, dark, and yet not dark, but rather seemed to be of pure white marble, yet not white; ... looking at her, I saw what were the wives of the old patriarchs, in their maiden or early married years – what Rachel was, when Jacob wooed her seven years, and seven more – what Judith was; for, womanly as she looked, I doubt not she could have slain a man, in a good cause... I should never have thought of touching her, nor desired to touch her; for, whether owing to distinctness of race, my sense that she was a Jewess, or whatever else, I felt a sort of repugnance, simultaneously with my perception that she was an admirable creature.

(Harap, 108)

Greenwald acrescenta que Miriam é comparável a Beatrice Cenci, a cujo retrato se assemelha. Beatrice Cenci é uma jovem que sofre devido ao acto incestuoso da figura paterna, sendo salva graças à intervenção do irmão. De forma aproximada, mesmo não se detectando em *The Marble Faun* uma alusão explícita ao incesto, descobre-se que o pai de Miriam procura impingir a sua vontade através de um casamento prearranjado. Tal atitude representa portanto uma forma de opressão sexual à qual Miriam resiste.

Miriam também se desvia do convencional papel feminino ao actuar como uma artista original. Para Greenwald, a bruma que rodeia a identidade de Miriam intensifica-se ao longo da narrativa em vez de se dissipar, talvez porque Hawthorne se mostre hesitante quanto ao modo como Miriam deve ser assimilada sem insultar a fé judaica. Apesar disso, Miriam é definida pelo autor como uma intrusa, inclusive quando parece estar próxima das restantes personagens: “By some subtle quality, she kept people at a distance, without so much as letting them know that they were excluded from her inner circle” (Hawthorne, *The Marble Faun* 35).

Tal distanciamento, partilhado por Hester em *The Scarlet Letter* e por Beatrice em “Rappaccini’s Daughter”, pode ser interpretado não apenas como um indício da reserva inerente a Miriam, mas também como uma prova do afastamento social imposto aos judeus. Deliberando um novo confronto entre Miriam e Hester Prynne, Greenwald observa que o crédito das duas personagens se conserva profético em vez de se mostrar transformativo. Da mesma forma que a atribuição de Hester enquanto feminista depende da sua separação da comunidade puritana, também a sobrevivência de Miriam provém do fraccionamento mantido entre a personagem e a sociedade cristã. (Greenwald, 6)

A virginal e cândida Hilda afasta-se da sexualizada e temerária Miriam e, por consequência, de Hester Prynne. Hilda é, numa primeira abordagem, identificada com a Virgem Maria, a qual incorpora uma combinação de pureza e de maternidade. Além de prestar homenagem a imagens de Maria, Hilda representa para Kenyon a imagem da Virgem, sendo venerada e rodeada de pombas. Todavia Hilda não presta tributo à Maria do dogma católico, antes a um modelo por si idealizado daquilo que considera ser a mulher perfeita.

Emily Miller Budick alega em “A Reading of *The Marble Faun*” (1994) que Hilda é uma intransigente moralista conseguindo poupar a sua inocência graças ao sacrifício da respectiva bondade. De facto, Hilda parece entender a agonia quer de Miriam quer de Donatello como um sentimento puramente artificioso. Miriam, por seu lado, mede a ingenuidade de Hilda considerando-a “a sharp steel sword” (Hawthorne, *The Marble Faun* 18), devido à inclemência dos seus julgamentos. (Budick, 8)

Segundo Hyatt H. Waggoner em *The Recognition of Nathaniel Hawthorne* (1969), Hilda coloca os conceitos do bem e do mal em planos completamente distintos. Ao longo da

narrativa a apreensão fundamental de Hilda consiste em proteger a todo o custo a sua ilibada virtude, ao mesmo tempo que classifica a conduta dos outros de devassa. Assim, sempre que a sua ajuda é solicitada, Hilda opta por virar costas devido ao seu receio de ser maculada pelo contacto humano (Waggoner, 85). Na verdade, mesmo quando Hilda (ou a “filha dos puritanos” conforme Hawthorne a apelida) se digna a descer da sua torre de marfim para desposar Kenyon, tal acto não delata qualquer tipo de humildade por parte da personagem feminina: “Another hand must henceforth trim the lamp before the Virgin’s shrine; for Hilda was coming down from her old tower to be herself enshrined and worshipped as a household saint, in the light of her husband’s fireside” (Hawthorne, *The Marble Faun* 87).

Thomas R. Mitchell consolida em *Hawthorne’s Fuller Mystery* uma contraposição entre Hilda e Sophia, a esposa de Hawthorne. Enquanto jovem, Sophia fora uma artista em ascensão, acabando no entanto por preferir o culto ao marido em detrimento do próprio talento. No seu primor como copista, também Hilda aprecia de tal forma o trabalho dos Velhos Mestres que perde a respectiva entidade. A perda do eu artístico é, tal como a de Sophia, pessoal.

Tal como dedica a sua arte à fiel reprodução das obras dos Velhos Mestres, Hilda adora um padrão de mulher exemplar. Aspirando tornar-se um ideal de inocuidade, Hilda deve servir essa ânsia com uma fidelidade igualmente inabalável. Mitchell clarifica que também Sophia divulgava uma fé total na pureza do marido, a quem idolatrava. Torna-se patente numa carta escrita por Sophia a sua mãe este tipo de emoção, bem como a sua crença na absoluta separação entre o bem e o mal: “Not Julian’s little (no, *great*) angel heart and life are freer from any intention or act of wrong than his [Hawthorne’s]. And this is best proof to me of the absurdity of the prevalent idea that it is necessary to go through the fiery ordeal of sin to become wise and good. I think such an idea is blasphemy and the unpardonable sin” (Mitchell, 244).

Na opinião de Milton R. Stern, em *Contexts for Hawthorne: “The Marble Faun” and the Politics of Openness and Closure in American Literature* (1991), Hilda ocupa a posição de um árbitro moral, sendo esta a razão pela qual censura, omite e bane os seus amigos mais próximos. Hilda mostra-se assim vazia de qualquer género de empatia, de lealdade ou de compaixão, o que se revela certamente perturbador para o leitor. (Stern, 55) Em “The Choice of Innocence: Hilda in *The Marble Faun*” (1994), Emily Schiller questiona-se sobre a razão

que leva Hawthorne a conceber uma personagem com traços de personalidade idênticos ao de Hilda, colocando a hipótese de tal criação se dever ao facto de a candidez - se puder existir num estado tão puro - ser merecedora de protecção. Porém, as ponderações de Hawthorne acerca de Hilda são, de acordo com Schiller, difíceis de descodificar.

Schiller considera que a atribuição de qualidades a Hilda, tais como a sua suave beleza, representa uma estratégia usada por Hawthorne para persuadir o leitor levando-o a esquecer a imperturbável conduta moralista de Hilda, ainda que o faça apenas por breves instantes. Tal como a maioria dos sonhadores doutrinários, Hilda mostra-se cega pelo seu próprio sistema de valores, motivo pelo qual todas as experiências vividas devem ser inicialmente filtradas por esse mesmo método. Todo o tipo de incompatibilidade com os estreitos parâmetros da personagem é criticado como sendo desviante. Quando Hilda de novo insiste na sua versão da realidade a preto e branco, Kenyon diz: “I always felt you, my dear friend, a terribly severe judge, and have been perplexed to conceive how such tender sympathy could coexist with the remorselessness of a steel blade. You need no mercy, and therefore know not how to show any” (Hawthorne, *The Marble Faun* 35). De facto, Hilda não pode conceder palavras ou gestos exemplificativos de um sentimento que a personagem não compreende porque ela própria se encontra convencida da inutilidade da comiseração humana.

Segundo Schiller, Hilda mostra-se bem ciente das escolhas efectuadas. A autora entende que é possível enveredar pelo caminho do bem ou do mal, mas ao simular ser inocente de forma deliberada tal como Hilda faz, deixa-se naturalmente de o ser. Neste sentido, a auto-definição de Hilda é dissimulada e ilógica, pois a personagem constrói-se convictamente como inculpável ao mesmo tempo que luta para evitar o mal.

O relacionamento da personagem com a religião e com o seu trabalho é igualmente enganador. Hilda reside numa torre onde cuida de um altar dedicado à Virgem, o qual é descrito da seguinte forma: “seldom or never, except in this solitary instance, [is placed] at a height above the ordinary level of men’s view and aspirations” (Hawthorne, *The Marble Faun* 28). Depreende-se desta exposição que os altares são em geral acessíveis aos homens, presumindo-se a disponibilidade do sagrado para escutar a dor humana. Contudo, note-se que Hilda mantém todas as aflições distantes de si, razão pela qual a personagem se limita a imitar sinais sem entender a profundidade que os motiva. Já no seu trabalho as predilecções de Hilda incidem sobre os projectos dos artistas e não sobre a situação real que os

desencadeou. Embora conserve o dom da apreciação, Hilda impressiona-se apenas com o resultado técnico em vez de ser tocada pela alma subjacente à obra artística.

Schiller comprova ainda em “The Choice of Innocence: Hilda in *The Marble Faun*” que não obstante o facto de ser identificada como a “filha dos puritanos”, Hilda escolhe não participar na usual constrição da humanidade. Aqui detecta-se uma incoerência, uma vez que tendo por objectivo desempenhar esse papel de descendente puritana na perfeição, Hilda deveria aceitar a necessidade de introspecção para assim escapar à perversidade inerente à natureza humana. Na realidade, a salvação exige na maioria dos casos uma viagem através do próprio inferno pessoal, mas Hilda acredita não ter necessidade de inspeccionar a respectiva consciência em busca de pecados pois acha-se superior aos comuns mortais. Hilda parece antever já a sua redenção, mostrando-se indiferente à aflição resultante da culpa hereditária que os puritanos subscrevem.

Hilda dispõe de uma ocasião para aprofundar o seu conhecimento da humanidade, mas acaba por aprender apenas parte da lição. Através de Miriam, Hilda é forçada a autenticar a presença do pecado no universo, embora não admita que a desvirtude também a envolva. (Schiller, 372) Assim, o remorso sentido relativamente à sua traição da amizade com Miriam é apenas temporário, conforme Hawthorne relembra: “Recurring to the delinquencies of which she fancied – (we say ‘fancied’, because we do not unhesitatingly adopt Hilda’s present view, but rather suppose her misled by her feelings) – of which she fancied herself guilty towards her friend” (Hawthorne, *The Marble Faun* 45).

Segundo Myra Jehlen em *American Incarnation: The Individual, the Nation, and the Continent* (1989), a rejeição de Miriam por parte de Hilda pode ser analisada como um reflexo da necessidade de se esquivar aos acontecimentos em seu redor que a personagem evidencia. A este propósito Jehlen declara o seguinte: “if she were to do anything at all, listen, hear, understand, commiserate, or even condemn, she would become complicitous. Just listening would implicate her not in Miriam’s sin but, as fatally, in the capacity to commit such sins, the concomitant of the capacity to understand their being committed by others” (Jehlen, 174).

De facto, embora ela própria não tenha cometido qualquer transgressão, Hilda testemunha um crime e a simples noção de tal atentado à decência ameaça destruir a sua sacrossanta

pureza, acordando e incomodando o seu íntimo. O sentido de missão instiga assim Hilda a afastar Miriam, desprezando aquela que considera ser uma fonte de doença moral. Schiller conclui que Hilda elege e consegue aperfeiçoar uma estratégia utilizada por um grande número de indivíduos, ou seja, reprime as memórias desagradáveis e coloca de lado os defeitos de alguém que admira com o intuito de resguardar uma ilusória sensação de estabilidade. Hawthorne confirma tal característica em Hilda: “She had a faculty (which, fortunately for themselves, pure women often have) of ignoring all moral blotches in a character that won her admiration” (Hawthorne, *The Marble Faun* 50).

Poderemos concluir no final deste segundo capítulo que várias personagens femininas presentes em “Lady Eleanore’s Mantle”, “Rappaccini’s Daughter”, *The Blithedale Romance* e *The Marble Faun* revelam aspectos em comum com a personagem de Hester Prynne. De facto, enquanto Lady Eleanore é uma determinada jovem inglesa oriunda da classe aristocrática, Hester adopta uma conduta independente, descendendo de uma família inglesa de notável linhagem; tal como Beatrice é obrigada a viver em isolamento, Hester é forçada a uma existência apartada da civilização; assim como Zenobia luta contra uma comunidade avessa a uma alteração do estatuto feminino, Hester anseia o nascimento de uma nova sociedade alicerçada na paridade entre os dois géneros, e da mesma forma que Miriam é uma artista que sobrevive através do seu trabalho como pintora, Hester sustenta-se a si própria e à filha por meio da sua arte.

Por outro lado, as personagens de Priscilla e de Hilda, respectivamente em *The Blithedale Romance* e *The Marble Faun*, afastam-se do perfil atribuído a Hester. No terceiro e último capítulo tentaremos tornar explícitos os motivos que fazem de Hester Prynne uma heroína ímpar.



## CAPÍTULO III

### A Singularidade da Heroína em *The Scarlet Letter*

Hester is tempted into free thinking, we are told, and there is a possibility that she may pioneer in winning a revised view of the place of woman. . . . Faithful to historical perspective, Hawthorne could not make Hester a free thinker in America at the middle of the seventeenth century, but while remaining true to the place and time, as he did also in making his characters generally unquestioning Calvinists, he yet introduced questions appropriate to his own time or to any time

Arlin Turner, *Nathaniel Hawthorne: a Biography* (1980)

Antes de nos debruçarmos sobre a singularidade de Hester Prynne em *The Scarlet Letter*, importa atentar na definição adequada do conceito “personagem”. Segundo Harold Bloom, em *Major Literary Characters: Hester Prynne* (1990), “character” tem um significado primário de símbolo gráfico, assemelhando-se portanto a uma letra do alfabeto. Bloom desperta contudo para o facto de o vocábulo não se reduzir a simples marcas presentes em uma qualquer página, correspondendo antes ao *ethos* dos antepassados gregos, ou seja, a uma forma habitual de vida. Neste sentido, poder-se-á afirmar que a personagem literária corresponde a uma imitação do carácter humano.

William Shakespeare constitui, para Bloom, o inventor da personagem, tendo reformado as expectativas universais relativamente ao decalque verbal da personalidade. A originalidade demonstrada por Shakespeare na reprodução quer de homens quer de mulheres apoia-se numa obra tão antiga quanto a de Geoffrey Chaucer, *The Canterbury Tales* (1387), a qual permitiu ao dramaturgo a reunião de aspectos do comportamento humano até então esquecidos na representação. Verifica-se, a título exemplificativo, que personagens tão variadas como Lear, Macbeth, Hamlet e Othello sofrem uma saliente transformação visível nas suas acções a qual se efectua com base naquilo que ouvem acerca de si mesmos.

De acordo com Bloom, grande parte do que sabemos sobre a forma de analisar uma personagem resulta necessariamente do trabalho desenvolvido por Shakespeare. Oscar Wilde exprimira, em “The Decay of Lying” (1968), a certeza de que a arte modela todas as eras,

levando então Bloom a concluir o seguinte: se a vida imita a arte, então todos copiamos Shakespeare, restando a constatação de que sem a intervenção do autor certamente nos sentiríamos errantes por falta de imagens a que pudéssemos recorrer. (Bloom, 59)

A personagem Hester Prynne desempenha em sincronismo dois papéis antagônicos no universo ficcional de *The Scarlet Letter*, ou seja, a função simultânea de vilã e de heroína. De acordo com Carol Pearson, em *The Female Hero in American and British Literature* (1981), deve entender-se por vilão a personagem que luta contra o herói numa narrativa histórica ou numa obra de ficção. A mesma distingue-se do antagonista, o qual se opõe ao herói mas dispõe da oportunidade de se arrepender e redimir sendo assim absolvido dos seus pecados, tal como do anti-herói, uma personagem que viola as normas sociais prevalentes mas desfruta do apreço por parte da audiência. O conceito de herói, por outro lado, corresponde a uma personagem modelo que vulgarmente possui capacidades sobre humanas ou traços de personalidade idealizados, os quais lhe facilitam o desempenho de feitos extraordinários que inspiram a fama. (Pearson, 45)

A faceta subversiva de Hester acaba por transformá-la numa vilã, descobrindo-se que o seu carácter e as suas acções fazem dela uma personagem com uma existência alternativa e revolucionária. Não são raras as ocasiões em que a tendência indisciplinada de Hester entra em conflito com a respectiva natureza maternal; porém, Hester também revela um lado heróico, verificando-se que a sua condição se torna singular devido à punição imposta e sobretudo à maneira como enfrenta os obstáculos com que se depara. Hester consegue de facto evoluir, passando de transgressora a heroína e transformando-se mesmo numa lenda.

Hester surge primeiramente como vilã ao ousar quebrar as rígidas regras puritanas na comunidade do Boston colonial. Esta sociedade usufruía de uma visão idêntica à dos puritanos que se instalaram em “Massachusetts Bay”, subscrevendo uma linha de pensamento calvinista. Os colonos acreditavam na total soberania de Deus e na completa dependência dos seres humanos relativamente à graça divina para se salvarem. Confiando num Deus Todo-Poderoso e Soberano que tinha predestinado arbitrariamente certos indivíduos à salvação e outros à condenação eterna, os habitantes desta colónia criam ter sido escolhidos para a concretização de objectivos especiais.

Alice Sousa afirma no ensaio “Escritores Puritanos Menores: Reflexos do Modo de Vida Ascético e do Panorama Social na Escrita Colonial” (2001), que mesmo sendo difícil determinar quem pertencia ou não aos eleitos, os colonos pensavam ser possível obter uma prova conclusiva através da auto-análise de cada sujeito. Por esta razão, os fiéis eram constantemente instados a examinar não apenas as próprias vidas mas também a do próximo, procurando dessa forma assegurar que a conduta da comunidade se conformasse o mais estritamente possível aos ensinamentos das Escrituras. Os puritanos eram assim governados por regras provenientes da Bíblia, razão pela qual eram com frequência apelidados “People of the Book”. Neste contexto, o adultério era um dos piores crimes passíveis de cometer, pois desrespeitava o sétimo mandamento. Tais regras eram consideradas definitivas e os castigos para quem se atrevesse a infringi-las públicos e severos. Todos aqueles que discordassem das leis aplicadas na colônia eram banidos, perseguidos e em alguns casos até executados.

Tais inflexíveis valores puritanos tinham simultaneamente consequências positivas e negativas. Por um lado, parece claro que a colônia não teria sobrevivido sem a fé e o árduo trabalho destes fervorosos crentes. Na realidade, os ataques efectuados pelos índios, a fome, as doenças mortais e os rigorosos Invernos de Nova Inglaterra faziam parte das adversidades que obrigatoriamente enfrentavam. Assim, embora tenha criado uma sólida estrutura legal em muitos aspectos oprimente para o indivíduo de acordo com os conceitos actuais, a colônia permitiu a respectiva continuidade nas ocasiões em que a ordem e a religião se mostraram primordiais. Por outro lado, a comunidade deixou pouco espaço para a manifestação da individualidade. Aqui, o caminho certo a seguir para atingir a perfeição era ensinado sobretudo através de austeros sermões sobre a consciência de pudor e de culpa. (Sousa, 25)

A hipocrisia prevalecente no sistema puritano concentrava-se na diferença existente entre aquilo que era de conhecimento popular e as acções privadas. Tomando como exemplo o caso de Arthur Dimmesdale, verifica-se que o reverendo é um membro não somente valorizado mas também reverenciado pelos outros, não obstante os pecados cometidos. Em contrapartida, Hester é rejeitada e forçada ao exílio uma vez que a sua ofensa é abertamente reconhecida. A fúria sentida pelo povo em relação aos supostos malfeitores é visível quando, durante o castigo infligido a Hester, Roger Chillingworth questiona uma pessoa no meio da multidão acerca do crime praticado. Essa pessoa responde que a sentença aplicada não foi a execução graças à generosidade demonstrada pelos magistrados. Conclui-se assim ser este o desejo da maioria, com excepção de uma mulher discordante, a qual afirma que as tentativas efectuadas por

Hester no sentido de ocultar a letra “A” serão infrutíferas pois no seu íntimo ela carregará para sempre a culpa sentida: “ ‘Oh peace, neighbours – peace!’ whispered their youngest companion; ‘do not let her hear you! Not a stitch in that embroidered letter but she has felt it in her heart’” (Hawthorne, 73).

Constata-se que pouca informação é revelada quanto ao passado da personagem. Sabe-se unicamente que Hester casou com Roger Chillingworth embora não nutrisse por este qualquer tipo de afeição. Os capítulos iniciais de *The Scarlet Letter* indicam ainda que Hester fora uma jovem impetuosa e detentora de uma forte personalidade, recordando os momentos em que os pais acharam necessário exercer algum controlo sobre o seu comportamento menos cauteloso. O envolvimento posterior com o reverendo Dimmesdale também aponta para uma natureza apaixonada; todavia são os acontecimentos subsequentes a tal relação adúltera os responsáveis pela sua transformação na mulher com a qual o leitor se familiariza.

O primeiro encontro com Hester Prynne é estabelecido na cena inicial, onde a personagem surge no cadafalso com a pequena Pearl nos seus braços. Logo aqui se torna perceptível o desdém e o desrespeito da mesma, os quais se exteriorizam na elaborada ornamentação da letra transportada no peito, simbolizando o delito praticado:

On the breast of her gown, in fine red cloth, surrounded with an elaborate embroidery and fantastic flourishes of gold thread, appeared the letter A. It was so artistically done, and with so much fertility and gorgeous luxuriance of fancy, that it had all the effect of a last and fitting decoration to the apparel which she wore, and which was of a splendour in accordance with the taste of the age, but greatly beyond what was allowed by the sumptuary regulations of the colony.<sup>2</sup> (71)

Tratando-se de um trabalho ostensivamente decorativo, a letra contraria de modo significativo as leis elaboradas pela colónia que exigem um traje sóbrio e despretensioso. Além disso, a descrição da figura feminina menciona um sorriso arrogante e desdenhoso, bem como um olhar forte e desafiador, ambos denunciadores de um confronto assumido relativamente à difícil condição em que se encontra. Apesar de se tratar de uma forma de tortura de teor mais psicológico do que físico, Foucault explica em *Discipline and Punish* (1977) que o sacrificio público faz parte de um ritual: “It is an element in the liturgy of punishment and meets two

---

<sup>2</sup> A partir desta altura será indicado apenas o número da página a que se refere a citação.

demands: It must mark the body of its victim . . . And, from the point of view of the law that imposes it, public torture . . . must be spectacular, it must be seen by almost all as [the law's] triumph" (Foucault, 34).

Embora possa ser invadida pela agonia, não se encontra no rosto de Hester qualquer traço que o indique. Tal facto anuncia, pelo contrário, uma gentileza e uma dignidade que comprovam a profunda confiança da personagem em si própria. Tal sentimento permanece activo no seu futuro desafio à lei durante o confronto com o governador. No entanto, ao enfrentar Bellingham quanto à custódia de Pearl, Hester solicita pela primeira vez o auxílio de Dimmesdale, sendo portanto a única altura em que não se encontra sozinha.

A força e a determinação, suas características habituais, são também evidentes quando, perante as persistentes tentativas levadas a cabo por Chillingworth, Hester se recusa a nomear o antigo amante. Tal ausência de consentimento significa uma resistência à pressão exercida sobre a personagem feminina com o intuito de classificar as suas acções como criminosas, levando-a assim a aceitar uma verdade pública como a realidade íntima. Millington sugere em "The Meanings of Hawthorne's Women" (2000) que Hawthorne cria personagens femininas que não são apenas representativas de valores positivos, mas autênticos exemplares de uma existência alternativa e subversiva, sendo este o caso de Hester Prynne. De facto, a personagem mantém viva e, ainda que momentaneamente, expressa uma conduta lasciva, adoptando por isso um estilo de vida insurrecto (Millington, 9). Curiosamente aquilo que transforma Hester em vilã aos olhos dos puritanos, ou seja, o envolvimento com Dimmesdale, parece ser abençoado pela natureza circundante. Segundo Waggoner em *Hawthorne: A Critical Study* (1963), a natureza declara o seu apreço pela ligação entre ambos quando estes se encontram na floresta, conforme o comprova a seguinte passagem: "Such was the sympathy of Nature . . . with the bliss of these two spirits! Love, whether newly-born or aroused from a death-like slumber, must always create a sunshine, filling the hearts so full of radiance, that it overflows upon the outward world" (245-46).

À medida que passa mais tempo em reflexão e introspecção, Hester desenvolve modos autónomos de pensamento que confirmam o seu repúdio pelas normas e pela moralidade puritanas. Um profundo sentimento de desconfiança em relação às mulheres permeava a cultura no século XVII da Nova Inglaterra. De acordo com Carol F. Karlsen, em *The Devil in the Shape of a Woman: Witchcraft in Colonial New England* (1998), alguns maridos

encaravam as esposas como alguém em quem poderiam confiar, apelidando-as de “potentially dependable helpmeets” (Karlsen, 25). No entanto, a maioria dos homens alimentava ainda fortes suspeitas face às representantes do sexo feminino, pois acreditava-se que, enquanto descendentes de Eva, não poderiam evitar uma ânsia de poder e de gratificação sexual. Esta misoginia tornava as figuras femininas susceptíveis de acusações de bruxaria, sobretudo aquelas que através de heranças gozavam de uma invulgar influência económica.

Declinando o sistema social que definia o lugar ocupado pelas mulheres, Hester acredita que o seu ostracismo lhe oferece a oportunidade de simplesmente ignorá-lo. Assente neste pressuposto, torna-se mais capaz de suportar os desafios com que se depara. Todavia, a personagem não consegue escapar ao escrutínio da comunidade, em especial ao julgar o seu desempenho enquanto mãe. O facto de a sua situação resultar de um acto encarado como criminoso faz com que os habitantes da colónia coloquem sérias dúvidas no que respeitava a sua capacidade de educar uma criança.

Em “Bourgeois Sexuality and the Gothic Plot in Wharton and Hawthorne” (1990), Monika Elbert afirma que a natureza fértil de Hester a transforma num ser grotesco, traiçoeiro e perigoso. O verdadeiro risco encontra-se então na figura feminina, detentora de um poder procriador incontrolável. Hester parece efectivamente ser assaltada por visões inexplicáveis e ameaçadoras para a ordem estabelecida: “thoughts visited her such as dared to enter no other dwelling in New England: shadowy guests, that would have been as perilous as demons to their entertainer, could they have been seen so much as knocking at her door” (Hawthorne, 198). Por este motivo, a personagem acaba por ser continuamente dessexualizada e a imagem vibrante com que somos confrontados no início da narrativa dá lugar a uma outra sombria, semelhante a um espectro. Deste modo Hester ganha em racionalidade aquilo que perde em paixão, tornando-se a maternidade um escape seguro para a sua sexualidade, uma vez que esta só é permissível enquanto surgir aliada a um uso maternal. (Elbert, 9) A seguinte passagem confirma tal metamorfose sofrida por Hester:

All the light and graceful foliage of her character had been withered up by this red-hot brand, and had long ago fallen away, leaving a bare and harsh outline, which might have been repulsive had she possessed friends or companions to be repelled by it. Even the attractiveness of her person had undergone a similar change. It might be partly owing to the studied austerity of her dress, and partly to the lack of demonstration in her manners. It was a sad transformation,

too, that her rich and luxuriant hair had either been cut off, or was so completely hidden by a cap, that not a shining lock of it ever once gushed into the sunshine. (197)

Aquilo que é dado a saber acerca do período antecedente ao castigo infligido a Hester é que a personagem feminina vem de uma família inglesa empobrecida mas de notável linhagem.

Sabemos também que Hester desposou um homem muito mais velho, Roger Chillingworth, o qual dedicava grande parte do seu tempo aos estudos. Hester antecipa o marido na sua viagem em direcção ao Novo Mundo, chegando sozinha ao destino insondado onde tem de se defrontar com uma comunidade puritana. Oficialmente Hester partilha a situação das viúvas e embora não pratique a religião vigorante, procura o conforto e os conselhos espirituais do reverendo Arthur Dimmesdale.

No entanto, nem Hester nem Dimmesdale são, conforme Newton Arvin declara em *Hawthorne* (1929), representados como os centrais prevaricadores em *The Scarlet Letter*. Na verdade, o principal delito foi cometido por Roger Chillingworth, um indivíduo maduro que tentou alegrar a sua existência pesarosa apropriando-se do fulgor e do viço de uma jovem como Hester. Quando a personagem feminina intenta mais tarde ultrapassar a aversão sentida em relação a Chillingworth ao recordar a sua vida em comum, Hester admite que tal proeza é impensável: “She upbraided herself for the sentiment, but could not overcome or lessen it. . . . And it seemed a fouler offence committed by Roger Chillingworth, than any which had since been done him, that, in the time when her heart knew no better, he had persuaded her to fancy herself happy by his side” ( 212).

Descontente em provocar apenas a infelicidade de Hester, Chillingworth dedica-se à tarefa de descobrir o parceiro da esposa na “malfeitoria”, realizando assim a sua subtil vingança. Ao tomar tal decisão, a personagem masculina acaba por se transformar numa criatura desprovida de escrúpulos. Deste modo, Chillingworth abdica da própria liberdade para adoptar, ainda que de uma forma prevertida, a visão determinista dos puritanos. Ao assumir que uma tenebrosa necessidade governa todas as aplicações humanas, o fatalismo de Chillingworth contrasta com a vontade livre de Hester, perceptível sobretudo na sua atitude para com o guarda da prisão: “she repelled him, by an action marked by natural dignity and force of character, and stepped into the open air, as if by her own free will” (70). A personagem masculina é, de modo contrastante, avaliada nos seguintes termos:

In a word, old Roger Chillingworth was a striking evidence of man's faculty of transforming himself into a devil, if he will only, for a reasonable space of time, undertake a devil's office. This unhappy person had effected such a transformation by devoting himself for seven years to the constant analysis of a heart full of torture, and deriving his enjoyment thence, and adding fuel to those flery tortures which he analysed and gloated over. (205)

No ensaio "Hawthorne's *The Scarlet Letter*" (1995), Craig A. Milliman ressalta que Hester, tal como Arthur Dimmesdale, domina a arte da oratória. Hawthorne sublinha as qualidades eloquentes da personagem feminina ao colocar Hester em cenas onde tem de comunicar com o reverendo sem que os líderes puritanos dissessem se apercebam. A primeira decorre no cadafalso, quando o governador Bellingham insiste na interferência de Dimmesdale com o intuito de urgir Hester a acusar o pai de Pearl. Dimmesdale envia então uma mensagem dual cujo deciframento depende da descodificação de um sinal incluído no discurso do padre: "Hester Prynne . . . thou hearest what this good man says, and seest the accountability under which I labour" (87). Na verdade, apenas Hester abrange o duplo significado da palavra "accountability", ou seja, independentemente de quão doutrinário o respectivo sermão possa parecer, Dimmesdale limita-se a recitar o papel do qual foi incumbido.

Também Hester sente necessidade de disfarçar a respectiva linguagem na ocasião em que Wilson e Bellingham tentam remover Pearl do seu cuidado, apelando ao auxílio de Dimmesdale: " 'Speak thou for me!' cried she. 'Thou wast my pastor, and hadst charge of my soul, and knowest me better than these men can'" (138). Tais palavras escondem dois sentidos: por um lado, relembram Wilson e Bellingham da relação espiritual existente entre Hester e Dimmesdale, por outro provocam a rectidão do pastor, responsabilizando-o pela participação num acto ilícito. A agitação de Dimmesdale perante tal solicitação confirma o seu entendimento de que Hester não hesitará em revelar a sua identidade caso venha a perder a custódia de Pearl. Portanto, enquanto Wilson e Bellingham vêem na argumentação de Hester nada mais do que um grito desesperado proveniente de uma mãe aflita, Dimmesdale vislumbra uma clara ameaça à qual reage como se de uma ordenação se tratasse. (Milliman, 31)

No já mencionado ensaio "Revisiting Hawthorne's Feminism", Nina Baym interpreta a personagem de Dimmesdale como a tentação que se atravessa no caminho de Hester. À semelhança daquilo que acontece com outras personagens masculinas nas obras de Hawthorne, o reverendo rejeita a figura feminina, sendo tal recusa que conduz à queda de Dimmesdale.



Além disso, enquanto as ideias de Hester se inovam devido à sua experiência de vida, as meditações do reverendo permanecem imutáveis.

De facto, Dimmesdale não manifesta grandes dúvidas quanto aos dogmas puritanos ou às instituições eclesiásticas. Austin Warren qualifica Dimmesdale como um autêntico homem religioso no ensaio “*The Scarlet Letter*” (1974), descrevendo o reverendo da seguinte forma: “a man with the reverential sentiment largely developed” (Bloom, *Nathaniel Hawthorne’s “The Scarlet Letter”* 76). A incerteza persistente, então, associa-se ao motivo que terá impedido Dimmesdale de confessar o seu pecado. Para Warren, ele deve ser reprovado pela cobardia e pela hipocrisia reveladas. Com efeito, Dimmesdale é exímio nas respectivas homilias, confessando a todos quanto o escutam a verdade sobre si próprio enquanto aparentemente pronuncia uma salutar generalização. (Warren, 7) É este tipo de situação que ocorre quando o pastor parece empreender esforços no sentido de persuadir Hester a divulgar o nome do seu par:

I charge thee to speak out the name of thy fellow-sinner and fellow-sufferer! Be not silent from any mistaken pity and tenderness for him; for, believe me, Hester, though he were to step down from a high place, and stand there beside thee, on thy pedestal of shame, yet better were it so than to hide a guilty heart through life. What can thy silence do for him, except it tempt him – yea, compel him, as it were – to add hypocrisy to sin? Heaven hath granted thee an open ignominy, that thereby thou mayest work out an open triumph over the evil within thee and the sorrow without. Take heed how thou deniest to him – who, perchance, hath not the courage to grasp it for himself – the bitter, but wholesome cup that is now presented to thy lips! (87)

Contradizendo a visão de Nina Baym, Robert Penn Warren assevera em “Hawthorne Revisited: Some Remarks on Hellfiredness” (1984) que, tendo em consideração a inata força e a vitalidade de Hester, só poderia ter sido a personagem feminina a responsável pela sedução de Dimmesdale. De facto, torna-se compreensível na cena decursiva na floresta que toda a energia sexual provém de Hester, a qual é transposta num único gesto, ou seja, o momento em que a personagem feminina liberta a sua luxuriante cabeleira. (Warren, 6) Contraditoriamente, em “Accommodation and Transcendence” (1985), Leslie A. Fiedler defende que Dimmesdale se distingue como uma personagem para quem o sexo é revivido como um pesadelo. Fiedler destaca a faculdade deturpadora da paixão em *The Scarlet Letter*, estimando que enquanto

Dimmesdale se purga por meio de uma confissão pública, Hester fica restrita à isolamento. (Fiedler, 9)

Frederick C. Crews lembra, em *The Sins of the Fathers: Hawthorne's Psychological Themes* (1989), que o dilema enfrentado por Dimmesdale perante a proposta de fuga apresentada por Hester não é de fácil resolução. Na verdade, nenhuma das alternativas apresentadas se revela viável. Por um lado, a decisão de abandonar tudo em busca de um renovado começo é tão estranha à natureza de Dimmesdale que jamais poderá ser exequível. Por outro, a eleição masoquista que permite ao reverendo preservar o respectivo estatuto parece corroer o interior de Dimmesdale de tal forma que acaba por conduzir à sua morte. Hawthorne descreve do seguinte modo o estado de completo distúrbio experimentado pelo pastor:

Before Mr. Dimmesdale reached home, his inner man gave him other evidences of a revolution in the sphere of thought and feeling. In truth, nothing short of a total change of dynasty and moral code, in that interior kingdom, was adequate to account for the impulses now communicated to the unfortunate and startled minister. At every step he was incited to do some strange, wild, wicked thing or other, with a sense that it would be at once involuntary and intentional, in spite of himself, yet growing out of a profounder self than that which opposed the impulse. (262)

Crews advoga que, não obstante a nossa predileção pela coragem de Hester em detrimento da auto-comiseração de Dimmesdale, a personagem feminina surge impossibilitada de compreender a complexidade da essência humana. Aquilo que Hester parece ignorar é, portanto, o facto de os seres humanos serem irreparavelmente devassados por consequência da violação da própria consciência. No entanto, também Hester sofre com um castigo auto-infligido. (Crews, 35) Neste sentido, Crews observa que, embora a personagem tenha permissão para sair de Boston, Hester permanece na colónia, não apenas devido ao seu desejo de estar perto de Dimmesdale, mas ainda porque a comunidade onde reside constitui o cenário do rebaixamento de que foi alvo:

what, finally, she reasoned upon as her motive for continuing a resident of New England – was half a truth, and half a self-delusion. Here, she said to herself, had been the scene of her guilt, and here should be the scene of her earthly punishment; and so, perchance, the torture of her daily shame would at length purge her soul, and workout another purity than that which she had lost: more saint-like, because the result of martyrdom. (102)

Ainda segundo Fiedler, a figura de Fausto encontra-se no âmago de *The Scarlet Letter*, sendo o indivíduo faustiano alguém que, embora não exclua a distinção entre as noções do bem e do mal preponderantes na respectiva comunidade, opta por desafiá-la. Em perseguição do conhecimento, de novas experiências ou da felicidade, tal sujeito posiciona-se fora do alcance da protecção ou das sanções da sociedade, preferindo guiar-se pelo próprio instinto a deixar-se reger pelas leis ou pelos códigos em vigor. (Fiedler, 8) Neste sentido, verificamos que também Hester habita numa orbe totalmente apartada da sociedade:

In all her intercourse with society, however, there was nothing that made her feel as if she belonged to it. Every gesture, every word, and even the silence of those with whom she came in contact, implied, and often expressed, that she was banished, and as much alone as if she inhabited another sphere, or communicated with the common nature by other organs and senses than the rest of human kind. She stood apart from moral interests, yet close beside them, like a ghost that re-visits the familiar fireside, and can no longer make itself seen or felt; (106)

Mas não é apenas a alheação que define o protagonista criado à imagem de Fausto, o qual ambiciona ainda ser livre, descomprometido com qualquer imputação moral. De acordo com Michael Davitt Bell, em “Another View of Hester” (1982), Hester Prynne pode ser enquadrada neste tipo de heroína, uma vez que manifesta um desejo idêntico de cortar todas as amarras com o passado e começar de novo: “Let us not look back . . . The past is gone! Wherefore should we linger upon it now? See! With this symbol I undo it all, and make it as it had never been!” (244). Fiedler defende que Hester dá voz a uma típica crença americana e, tal como uma boa patriota o faria, a personagem selecciona o mundo natural como o espaço adequado para a consumação de tal sonho: “Doth the universe lie within the compass of yonder town . . . Deeper it goes, and deeper into the wilderness, less plainly to be seen at every step; until, some few miles hence the yellow leaves will show no vestige of the white man’s tread. There thou art free!” (238).

Bell conjectura que, em virtude da sua associação com o elemento natural, Hester tem forçosamente de registar um lado selvagem. Tal faceta explica a subordinação de Dimmesdale à vontade de Hester durante a cena que ocorre na floresta que o leva ainda a suplicar a sua intervenção: “Think for me, Hester! Thou art strong. Resolve for me!” (237). Ao induzir Dimmesdale à fuga, Hester exprime uma sublevação entusiasta, contraindo a aparência da inculpável protagonista em comunhão com o natural:

There played around her mouth, and beamed out of her eyes, a radiant and tender smile, that seemed gushing from the very heart of womanhood. . . . Her sex, her youth, and the whole richness of her beauty, came back from what men call the irrevocable past, and clustered themselves, with her maiden hope, and a happiness before unknown, within the magic circle of this hour. And, as if the gloom of the earth and sky had been but the effluence of these two mortal hearts, it vanished with their sorrow. (245)

Segundo Austin Warren, em *“The Scarlet Letter”*, o estilo de vida abnegado que Hester adota durante sete anos é fruto da sua resistência às adversidades e do seu orgulho estóico, razão pela qual a edificativa conduta da personagem durante este período deve ser interpretada como um resultado do seu desdém face às regras sociais. Se Hester ainda permanece presa a Boston, deve-o em parte a uma espécie de fatalidade, uma vez que a colónia representa o local onde incidiu e foi punida pela respectiva desobediência. (Warren, 7)

Nina Baym sugere em *“The Scarlet Letter”: A Reading* (1986) que o facto de Hester ser uma jovem mulher numa sociedade cativa por homens idóneos faz com que goze de um limitado prestígio. De facto, os juízes condenam Hester a usar a letra “A” mas posteriormente parecem manifestar um interesse apenas superficial nas acções da personagem feminina, presumindo-se que a exposição do delito cometido satisfaça a função de a castigar. Tal atitude concede-lhe a independência desejada, levando-a a submeter as leis puritanas ao próprio exame. Neste sentido, pode observar-se que a letra não cumpriu a deliberação previamente designada, tal como o narrador comprova: “The scarlet letter had not done its office” (200).

Na realidade, enquanto se mantém exteriormente penitente e caridosa, Hester alimenta no seu íntimo convicções que o narrador descreve do seguinte modo: “She assumed a freedom of speculation . . . which our forefathers, had they known it, would have held to be a deadlier crime than that stigmatized by the scarlet letter” (198). Embora pareça apropriado aos habitantes de Boston equiparar Hester a uma bruxa devido à sua estreita ligação com a floresta, o espaço reservado ao “Black Man” (223), Warren ilustra que tal elo se deve ao facto de Hester poder ser considerada uma naturalista. De facto, tal como o indígena selvagem, a personagem não cria juízos de valor com base na posição ocupada por cada um na escala social. (Warren, 9)

Kristin Herzog declara, em *“The scarlet A: Aboriginal and Awesome”* (1986), que a similitude entre Hester e os nativos se encontra na sede de liberdade, no poder imaginativo e no

dinamismo da personagem feminina. Na verdade, a atitude de Hester deve-se não apenas à sua bravura mas também a uma existência à margem da civilização, em tudo semelhante à dos índios: “It was as if a new birth, with stronger assimilations than the first, had converted the forest-land, still so uncongenial to every other pilgrim and wanderer, into Hester Prynne’s wild and dreary, but life-long home” (101). Por conseguinte, a floresta constitui para Hester o respectivo espaço de eleição, sendo aí que remove a letra e recupera toda a sua feminilidade. (Herzog, 6)

Tal sítio estabelece não apenas a diferença entre Hester e o resto dos colonos, os quais encaram a floresta como a província do Diabo, mas também entre a personagem feminina e Arthur Dimmesdale. Se, para Hester, o bosque é visto como uma atmosfera familiar e agradável, já Dimmesdale sente-se completamente deslocado. Por seu turno, Pearl apresenta, assim como a progenitora, aspectos apropriados aos indígenas ajustando concomitantemente a audácia e o esquivamento, além de ser por diversas vezes comparada a elementos pertencentes à natureza tais como um pássaro ou um rio. Hawthorne define o nascimento de Pearl deste modo: “We have as yet hardly spoken of the infant: that little creature, whose innocent life had sprung, by the inscrutable decree of Providence, a lovely and immortal flower, out of the rank luxuriance of a guilty passion” (111).

No ensaio acima mencionado “Hawthorne Revisited: Some Remarks on Hellfiredness”, Warren chama a atenção para o facto de Hester acolher o seu papel, tolerando até os insultos dos desafortunados que socorre, atendendo ao seu brio e não a qualquer tipo de modéstia. Neste sentido, o narrador diz: “She was patient – a martyr, indeed – but she forbore to pray for enemies, lest, in spite of her forgiving aspirations, the words of the blessing should stubbornly twist themselves into a curse” (107). Com efeito, não devemos esquecer que o seu retiro lhe permite um resgate da respectiva mente bem como uma especulação acerca da sociedade, dando-lhe assim azo a decidir que tal comunidade não é fixada por uma imutável lei divina, mas sujeita à volubilidade. Warren vislumbra ainda algo bizarro no destino de Hester, manifestando a sua estranheza pelo facto de a personagem se juntar a dois parceiros que se revelam ambos desajustados: primeiro o velho e maquiavélico Roger Chillingworth, seguido de Arthur Dimmesdale com a sua alma patologicamente sensível e narcisista.

Segundo Warren, a letra que Hester transporta no peito, a recordação da sua vergonha, permite-lhe o acesso a regiões nunca outrora visitadas por outras pessoas: “It had the effect of a spell,

taking her out of the ordinary relations with humanity and enclosing her in a sphere by herself” (72). Além disso, a letra “A” confere à personagem poderes extraordinários, pois faculta-lhe uma visão das infracções praticadas por aqueles que a rodeiam: “the scarlet letter had endowed her with a new sense. She shuddered to believe, yet could not help believing, that it gave her a sympathetic knowledge of the hidden sin in other hearts” (108). Não obstante tal aptidão, Hester consegue usar a sabedoria provida da sua falta como meio de assistência e de conforto dos mais necessitados. Além disso, a letra concede-lhe um carácter algo sagrado: “the scarlet letter had the effect of the cross on a nun’s bosom. It imparted to the wearer a kind of sacredness, which enabled her to walk securely amid all peril. Had she fallen among thieves, it would have kept her safe” (196).

Na opinião de Evan Carton, no ensaio “The Prison Door” (1992), a arte de Hester deve ser entendida como uma expressão da sua energia criativa e do seu apreço pelo belo, servindo para distinguir e em simultâneo preservar a respectiva ligação à comunidade puritana. Com efeito, o ofício de Hester representa o meio através do qual mãe e filha se sustentam e participam nos eventos sociais. (Carton, 7) Como consequência, a letra “A”, a qual constitui o principal exemplar da arte de Hester, marca o seu desvio às normas impostas, indo contra os costumes puritanos. De facto, Hawthorne descreve o emblema do adultério de Hester da seguinte forma:

She bore on her breast, in the curiously embroidered letter, a specimen of her delicate and imaginative skill, of which the dames of a court might gladly have availed themselves, to add the richer and more spiritual adornment of human ingenuity to their fabrics of silk and gold. Here, indeed, in the sable simplicity that generally characterized the Puritanic modes of dress, there might be an infrequent call for the finer productions of her handiwork. (103)

Mark Van Doren declara, em “*The Scarlet Letter*”: *Nathaniel Hawthorne* (1980), que as palavras proferidas por Chillingworth exprimem o temor de que toda a existência de Hester tenha sido em vão, razão pela qual o marido acaba por lamentar a sorte da personagem feminina como se constata no passo seguinte: “Woman, I could well nigh pity thee . . . Thou hadst great elements. Peradventure, hadst thou met earlier with a better love than mine, this evil had not been. I pity thee, for the good that has been wasted in thy nature” (209). Carolyn G. Heilbrun contesta esta ideia em *Toward a Recognition of Androgyny* (1972), afirmando que Hester consegue transformar o aparente desaproveitamento da sua vida numa fonte de potência

denominada pela autora de andrógena. (Heilbrun, 70) Com efeito, torna-se possível aferir que a personagem feminina evidencia qualidades até certo ponto viris.

Mitchell observa em *Hawthorne's Fuller Mystery* que durante o período de tempo anterior ao reencontro com Dimmesdale, Hester é forçada a colocar de lado a sua feminilidade. (Mitchell, 88) Embora readquira por escassos momentos o seu esplendor sensual e feminino quando se reúne a Dimmesdale, Hester depressa reconquista as características vulgarmente atribuídas ao sexo masculino, ou seja, a sua habitual veemência e atrevimento que a levam então a insistir numa evasão para os dois. De acordo com Richard Lingeman, no artigo “The Haunting” (2004), Hester endurece sob os golpes da censura social transformando-se numa visionária cuja ambição consiste em libertar as mulheres do sistema imperante, sendo para esse efeito essencial uma transmutação em ambos os sexos. (Lingeman, 9) T. Walter Herbert corrobora tal ideia em “Hawthorne and American Masculinity” (1982), defendendo que Hester divulga certezas feministas que desafiam a validade do papel masculino, levando-a ainda a conceber o advento de uma nova sociedade fundada na igualdade entre géneros. (Herbert, 13) Para Hester, tais transformações sociais devem ser acompanhadas de mudanças na anatomia emocional quer masculina, quer feminina:

As a first step, the whole system of society is to be torn down and built up new. Then the very nature of the opposite sex, or its long hereditary habit, which has become like nature, is to be essentially modified before woman can be allowed to assume what seems a fair and suitable position. Finally, all other difficulties being obviated, woman cannot take advantage of these preliminary reforms until she herself shall have undergone a still mightier change; in which, perhaps, the ethereal essence, wherein she has her truest life, will be found to have evaporated.

(200)

Em “Hester Prynne: the Dark Lady as ‘Deviant’” (1973), Judith Fryer salienta que, apesar de Hester demonstrar no início da narrativa onde permanece no cadafalso com Pearl ao colo, uma eventual evocação do catolicismo, a personagem aproxima-se mais de Eva do que da Virgem Maria. De facto, a ofensa empreendida por Hester equipara-se à de Eva, consistindo não na provocação de Adão (ou no caso de Hester, na tentação de Dimmesdale) mas na desobediência a Deus. Aquilo que torna Hester tão interessante aos olhos de Fryer é o facto de a personagem ter eleito de livre vontade o seu acto de amor ilícito bem como a sua filosofia feminista. (Fryer,9)

Em “Rereading Women: Hester Prynne-ism and the Scarlet Mob of Scribblers” (1997), Jamie Barlowe corrobora a ideia de que Hester é penalizada devido à sua descendência de Eva:

As daughters of Eve, American heroines [including Hester Prynne] are destined to lives of dependency and servitude as well as to painful and sorrowful childbirth because, like their predecessor, they have dared to disregard authority or tradition in search of wisdom and happiness; like Eve, heroines of American fiction are fallen women.

(Barlowe, 200)

Na realidade, Hester parece anuir unicamente que tanto ela quanto Dimmesdale introduziram uma acção de desordem num universo antigamente metódico. Portanto, Hester não sente que tenha abalado a lei divina por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque a presença de Deus não se revelou uma presença estável no seu percurso mas sobretudo porque Ele lhe concedeu o nascimento de Pearl, algo que Hester considera uma bênção: “God, as a direct consequence of the sin which man thus punished, had given her a lovely child, whose place was on that same dishonoured bosom, to connect her parent for ever with the race and descent of mortals, and to be finally a blessed soul in heaven!” (111). Ainda assim, Hester não deixa de vigiar Pearl com persistência, como se receasse encontrar na criança algum sinal da justiça celeste:

The child’s own nature had something wrong in it which continually betokened that she had been born amiss – the effluence of her mother’s lawless passion – had often impelled Hester to ask, in bitterness of heart, whether it were for ill or good that the poor little creature had been born at all. (199)

Hester mostra-se segura de que nada fez para contrariar a própria índole, pelo que o seu relacionamento com Dimmesdale consistiu no inevitável resultado da respectiva maneira de ser. Além disso, a insistência de Hester quanto à espontânea sacração do envolvimento com o reverendo, parece justificar o adultério bem como o plano de fuga da comunidade puritana. De acordo com Mitchell, em *Hawthorne’s Fuller Mystery*, ao legitimar a paixão por Dimmesdale Hester procura ainda redefinir o significado do casamento, transformando-o num laço sacro em vez de um simples contrato civil. (Mitchell, 95) Assim, a única actuação da qual Hester se arrepende consiste em ter ocultado a verdadeira identidade de Chillingworth, razão pela qual implora o perdão de Dimmesdale:



“Oh, Arthur!” cried she, “forgive me! In all things else, I have striven to be true! Truth was the one virtue which I might have held fast, and did not hold fast, through all extremity; save when thy good – thy life – thy fame – were put in question! Then I consented to a deception. But a lie is never good, even though death threaten on the other side! (234)

Frederick I. Carpenter transmite em *American Literature and the Dream* (1955) dois pontos de vista que ajudam a interpretar a personagem de Hester Prynne, nomeadamente, a visão romântica e a previsão transcendentalista. No que respeita à primeira, a leviandade de Hester nada mais é do que uma sequela do mal intrínseco à sociedade. Assumindo que as regras civilizacionais impõem limitações tiranas e impossibilitam a felicidade humana, não terá sido alguma imperfeição no carácter de Hester a causadora do adultério, mas as incontrolláveis forças do determinismo social. No entanto, para os transcendentalistas Hester não deve ser encarada como a inofensiva vítima da colectividade, uma vez que revelou a sua deslealdade ao enganar Dimmesdale. (Carpenter, 87)

Para Frederick C. Crews, em *The Sins of the Fathers: Hawthorne's Psychological Themes*, Hester Prynne define-se mormente por uma contenda entre sentimentos que a própria personagem não compreende por inteiro nem controla. Os exemplos de tais tensões são a repulsa que sente por Chillingworth *versus* a paixão que a une a Dimmesdale; o seu desejo de se evadir *versus* a compulsão para ficar na colónia; o instinto maternal *versus* a consciência de que o nascimento de Pearl é resultado de um acto imoral e ainda a respectiva concupiscência *versus* o esforço consumido para se conformar à sua sorte. (Crews, 77)

No ensaio “Thwarted Nature: Nathaniel Hawthorne as Feminist” (1986), Nina Baym explora a atribuição desempenhada por Hester enquanto mãe e o modo como esta a engrandece e redefine na narrativa. A figura feminina surge em contraste com as personagens masculinas, uma obcecada com a noção de pureza e outra com a ideia de retaliação. Com efeito, enquanto os homens lutam contra os seus próprios egos, ela trava batalhas bem reais para manter o auto-respeito numa comunidade que a maltrata, para permanecer lúcida na desolação e por fim no sentido de conseguir a sua sobrevivência e a da filha. (Baym, 7)

Ao mesmo tempo que se toma conhecimento do papel subversor de Hester, a personagem aparece aliada à imagem da maternidade. No ensaio denominado “Hester's Maternity: Stigma or Weapon” (1990), Monika Elbert vê neste lado maternal da personagem um prosseguimento

da sua insubordinação quanto aos códigos puritanos, já que a respectiva decisão de se tornar mãe solteira lhe permite definir-se fora dos limites das expectativas masculinas. (Elbert, 6) Melissa Pennell, por seu lado, detecta, em “Subverting the Subversive: Hawthorne’s Containment of Hester Prynne in *The Scarlet Letter*” (2004), alguma tensão entre as facetas subversiva e maternal de Hester. (Pennell, 7) Já de acordo com Nancy Cott em *The Bonds of Womanhood* (1977), tal conflito pode estar associado ao previamente mencionado “Cult of True Womanhood” (Cott, 25), o qual representava, conforme foi dito, um processo de aculturação da mulher no século XIX a um ideal de piedade, de pureza e de submissão. Segundo este culto, a maternidade reflectia-se no auto-sacrifício, o qual era retratado como forma de realização feminina. Assim, em ocorrências cruciais da narrativa, como quando Hester considera a possibilidade de abandonar Boston na companhia de Dimmesdale, a personagem opta por se sacrificar em prol do bem-estar de Pearl. Desta forma, a sua identidade como mãe sobrepõe-se à sua vida conjuntamente sensual e rebelde.

Herzog cria, no ensaio “The Scarlet A: Aboriginal and Awesome”, um paralelo entre Hester e a imagem da “Divine Maternity”, comparando a personagem à adorada e redentora *Magna Mater*. Assim, se, por um lado, Hester representaria a típica heroína romântica, conseguindo ultrapassar todas as fronteiras da fé e da tradição, por outro, demonstra uma misericórdia angélica e um acentuado auto-constrangimento. (Herzog, 10) Com efeito, Hester sustém de modo paciente as injúrias vindas inclusive daqueles que auxilia, sendo em certa medida uma mártir que no entanto se recusa a rezar pelos seus inimigos. O narrador sublinha esta faceta clemente da sua heroína da seguinte forma:

Except for that small expenditure in the decoration of her infant, Hester bestowed all her superfluous means in charity, on wretches less miserable than herself, and who not unfrequently insulted the hand that fed them. Much of the time, which she might readily have applied to the better efforts of her art, she employed in making coarse garments for the poor. It is probable that there was an idea of penance in this mode of occupation, and that she offered up a real sacrifice of enjoyment in devoting so many hours to such rude handiwork. (105)

Contudo, Hester não se revela imune à influência puritana, sendo por este motivo forçada a combater aquelas que considera serem forças demoníacas, ou seja, a tentação de colocar um fim à própria vida e à da filha ou a de se juntar a Mistress Hibbins nos seus insanos rituais: “At

times a fearful doubt strove to possess her soul, whether it were not better to send Pearl at once to Heaven, and go herself to such futurity as Eternal Justice should provide” (200).

No entender de John Gatta, em *American Madonna: Images of the Divine Woman in Literary Culture* (1997), a analogia entre Hester e Maria, a encarnação da maternidade sem pecado, revela-se apto a diversos níveis. Logicamente Hester não é virgem, mas Gatta ressalta que é o aspecto materno o invocado por Hawthorne na sua imagem da “Divine Maternity”, verificando-se um prolongamento do seu papel maternal para além da protecção cedida a Pearl. Com efeito, a maternidade de Hester engloba também o respectivo zelo pelos desafortunados e até a sua relação com Arthur Dimmesdale. (Gatta, 95)

Na verdade, a capacidade mediadora de Hester permite que o reverendo atinja o momento libertador da sua confissão. O comportamento evidenciado por Dimmesdale assemelha-se até certo ponto ao de uma criança desprotegida, apelando assim ao instinto defensor de Hester que oferece como única solução uma mudança de cena e aconselha o pastor não a delatar a sua ofensa mas a esquecer as suas origens e o seu mister. A caracterização do reverendo traduz, de facto, este carácter infantil: “[Dimmesdale] kept himself simple and childlike, coming forth, when occasion was, with a freshness, and fragrance, and dewy purity of thought, which, as many people said, affected them like the speech of an angel” (86).

Fiedler alvitra, em “Accommodation and Transcendence”, que, de um ponto de vista moral, Dimmesdale se revela mais forte do que Hester, embora fisicamente dependa do incentivo da personagem feminina. (Fiedler,5) De facto, é pelo braço de Hester que Dimmesdale ascende ao cadafalso e é ainda no seu peito que o pastor repousa. Antes do seu último suspiro Dimmesdale encontra então o apoio necessário em Hester, agora já sem o peso dos tabus sociais: “They beheld the minister, leaning on Hester’s shoulder and supported by her arm around him, approach the scaffold, and ascend its steps;” (304).

Warren detecta em “*The Scarlet Letter*” a presença de um certo tipo de egoísmo no discurso final de Dimmesdale, uma vez que ao desconsiderar a hipótese de uma reunião com Hester após a morte, a confissão do reverendo corresponde a uma escusa da paixão e, em última instância, da figura feminina que representa a impura tentadora: “The law we broke! – the sin here so awfully revealed! – let these alone be in thy thoughts! I fear! I fear! It may be, that, when we forgot our God – when we violated our reverence each for the other’s soul – it was

thenceforth vain to hope that we could meet hereafter, in an everlasting and pure reunion” (308). Assim, enquanto Dimmesdale se compraz num processo de auto-tortura, Chillingworth dedica-se de corpo e alma ao seu projecto de vingança. Desta forma, os dois homens envolvem-se num relacionamento egocêntrico, sendo Hester a responsável por libertá-los do estigma social. Não obstante esta aparente liberdade, ambos perdem a autonomia pessoal passando a comportar-se de modo compulsivo e sendo assolados pelas suas tentativas de corresponder às falsas personalidades por si criadas. (Warren, 9) O narrador comprova tal constatação: “No man, for any considerable period, can wear one face to himself and another to the multitude without finally getting bewildered as to which may be the true” (260).

O momento em que Hester permanece de pé no cadafalso com a filha nos braços é aquele que, segundo Gatta, mais se aproxima da imagem da “Divine Maternity”. No entanto, Gatta sublinha a artificialidade aliada à visão de Hester como uma *Madonna*. De acordo com o ensaísta, Hester arrisca transformar-se num mero objecto artístico ao deter-se em silêncio perante a multidão, limitando-se a surgir como um ícone abstracto, isento de expressividade. Além disso, ao aguentar uma variedade de olhos concentrados em si, Hester depara-se ainda com a indignidade própria das coisas que despertam os instintos mais primários bem como as inclinações voyeuristas de alguns seres humanos: “Had there been a Papist among the crowd of Puritans, he might have seen in this beautiful woman, so picturesque in her attire and mien, and with the infant of her bosom, an object to remind him of the image of Divine Maternity, which so many illustrious painters have vied with one another to represent;” (75).

Gatta equipara ainda Hester Prynne à figura bíblica de Esther, declarando a este respeito: “Hester Prynne builds upon the tradition of the biblical Esther – homiletic exemplum of sorrow, duty, and love, and figure of the Virgin Mary. . . . But primarily Hawthorne’s ‘sermon’ traces the education of an American Esther” (Gatta, 13). Com efeito, detectam-se várias semelhanças entre as duas mulheres: Esther ganha a clemência do rei, tal como Hester vê concedido o seu pedido de manter a guarda da filha; Esther encobre a sua relação com Mordechai, e Hester o seu envolvimento com Dimmesdale; tanto Esther como Hester aguardam diversos anos antes de revelar o respectivo segredo. (Gatta, 59)

Em “The Dark Labyrinth of Mind: Hawthorne, Hester and the Ironies of Racial Mothering” (2001), Leland Person estabelece uma analogia entre a situação vivida por Hester e a condição experimentada pelas escravas. Com efeito, ao recusar nomear o pai de Pearl, Hester adopta um

regimento igual ao das escravas, o qual é descrito por Person desta forma: “it was a crime for a slave to tell who was the father of her child” (Person, 41). Além disso, Person considera que o diálogo travado entre Hester e os juizes puritanos se assemelha em todos os aspectos às cenas onde as mães escravizadas rogam pelos seus direitos a intransigentes proprietários que são detentores de um poder total sobre os respectivos filhos. (Person, 11)

Em “*The Scarlet Letter*”: *A Reading* (1986), Baym observa que Hester se teria transformado numa reformista religiosa, seguindo os passos de Ann Hutchinson, se Pearl não fizesse parte da sua vida. (Baym, 87) Porém, Hester nega tal percurso extremo dando primazia à comodidade e à placidez da filha. Neste sentido, a personagem feminina comporta-se como uma “Sister of Mercy” (195) apenas com o intuito de não ser molestada e poder ofertar a Pearl o melhor futuro possível:

Yet, had little Pearl never come to her from the spiritual world, it might have been far otherwise. Then she might have come down to us in history, hand in hand with Ann Hutchinson, as the foundress of a religious sect. She might, in one of her phases, have been a prophetess. She might, and not improbably would, have suffered death from the stern tribunals of the period, for attempting to undermine the foundations of the Puritan establishment. (199)

Colacurcio informa, num artigo chamado “Footsteps of Ann Hutchinson: The Context of *The Scarlet Letter*”, que Hawthorne escreveu pela primeira vez sobre Hutchinson num artigo publicado em 1830 com o nome de “Mrs. Hutchinson”. Hutchinson era uma residente de Boston cujos ensinamentos grangearam inúmeros seguidores e conduziram subsequentemente à respectiva expulsão da colónia de Massachusetts Bay. O conflito desenvolvido entre ela e o estabelecimento religioso da comunidade teve início com uma série de estudos que incidiam sobre as sagradas escrituras, as quais eram tema de discussão em encontros efectuados entre Hutchinson e os seus amigos. Todavia, ela foi acusada de heresia apenas quando adoptou a controversa prática de comentar os sermões do reverendo Jonh Wilson, sendo então nesta altura que o governador Winthrop a culpou de realizar sem autorização uma infundada crítica ao clero.

Em Março de 1637 Hutchinson foi afastada da igreja sob denúncias de blasfémia e de uma conduta leviana. Compareceu ao respectivo julgamento num estado de avançada gravidez, tendo testemunhado sobre uma familiaridade com Deus que chocou grande parte dos presentes

em tribunal. Hutchinson atreveu-se a abrigar um preceito que não era compatível com o sistema dogmático dos puritanos, pois levantava a possibilidade de o indivíduo dirigir a sua vida espiritual sem precisão de intermediários. Tal desatenção relativamente às instruções éticas provenientes na Bíblia conferiu a Hutchinson e aos seus discípulos a designação de antinomianos. (Colacurcio, 468)

Não obstante os vinte anos que separam a publicação de *The Scarlet Letter* da elaboração do artigo “Mrs. Hutchinson”, a obra transcreve uma situação idêntica, ou seja, uma mulher orgulhosa que se defronta com os severos magistrados puritanos. Além disso, a roseira situada junto à prisão de onde Hester emerge é associada, num dos capítulos iniciais, à santificada Ann Hutchinson. No entanto, conforme Michael Davitt Bell adianta em “Another View of Hester” (1981), Hester distancia-se de Hutchinson ao preferir o cumprimento dos seus deveres maternos, o que representa para o autor o triunfo não da obstinação mas da disciplina. (Bell, 13)

*The Scarlet Letter* apresenta personagens femininas que subsistem numa altura anterior à defesa dos direitos das mulheres e aos movimentos feministas do século XIX, debatendo-se com os obstáculos inerentes à sua condição e também com as observações de uma cultura injusta. Verifica-se que a letra “A” constitui o método seleccionado pela comunidade puritana no sentido de expor Hester ao ridículo e ao aviltamento. Jesse Battan elucida, num artigo intitulado “‘You cannot fix the scarlet letter on my breast!’: Women Reading, Writing, and Reshaping the Sexual Culture of Victorian America” (2004), que predominava no século XIX a tendência de considerar o delinquir como algo de natural na mulher, a qual se mostraria incapaz de se dominar sem uma vigilância atenta e a ameaça de um castigo brutal.

De acordo com Battan, a letra “A” assume duas funcionalidades na narrativa. Em primeiro lugar é utilizada como um aviso à sociedade em relação ao mal causado pela falsidade e ao poder destrutivo da intolerância. Em segundo, representa uma vívida lembrança para as mulheres das consequências resultantes da quebra sexual. Mesmo usando a letra, Hester acaba por personificar um género de mulher que sobrevive como alguém confiante e como representante de uma vida emocional regenerada, tornando-se mesmo um modelo para as que se encontravam desgostosas com as respectivas condições.

Os esforços no sentido de reconstruir a vida particular foram consumados por mulheres que durante o século XIX assumiram de livre vontade o papel de infractoras morais. Pertencendo a um pequeno mas dinâmico grupo de reformistas conhecido por *Free Lovers*, mulheres tais como Mary Gove Nichols, Victoria Woodhull, Angela Heywood, Lois Waisbrooken e Lillian Harman opuseram-se a uma aceitação das categorias consideradas socialmente desviantes. Tais figuras femininas desafiaram assim os princípios de respeitabilidade, cedendo apoio a todas aquelas que tinham sido excluídas da comunidade como era o caso das prostitutas e das mães solteiras. O seu propósito não era o de convertê-las, mas sim o de, através da exposição pública das suas ideias e vivências, tentar ensiná-las a sustentar a respectiva situação com orgulho, perseguindo ao mesmo tempo a autonomia sexual. (Battan, 15)

Caracterizada como uma mulher inteligente e hábil no decorrer da narrativa, são contudo os extraordinários acontecimentos em que se vê envolvida que transformam Hester numa heroína. Como resultado das experiências vividas, a personagem transforma-se numa figura protectora em relação à colónia, pois cuida dos mais desafortunados dando-lhes apoio e fornecendo-lhes bens alimentares e vestuário. São precisamente o seu isolamento e amargura, além da tranquila aceitação da respectiva existência, que a tornam receptiva às calamidades dos outros. De facto, enquanto Dimmesdale perde a vida após a confissão pública da sua transgressão e Chillingworth é consumido pelo próprio ódio e desejo de vingança, Hester prossegue devido à sua coragem, honestidade e compaixão, emergindo até como uma lenda no Boston colonial. Colocando de parte o seu eu desobediente que a transformava em vilã, a personagem opera agora como uma espécie de conselheira para as mulheres que confessam os medos e as aflições vividos porque elas, tal como Hester numa determinada altura, tinham sido corrompidas e se lamentavam pela sua solidão. Hester progride assim de vilã para heroína, e a desonra associada à letra “A” desaparece de forma definitiva, adquirindo o significado de “Able”. As mulheres residentes em Boston reconhecem agora que a punição dada a Hester teve parcialmente como procedência o sexismo das figuras masculinas, procurando na personagem um abrigo das forças preconceituosas que sobre elas também recaem:

The letter was the symbol of her calling. Such helpfulness was found in her – so much power to do, and power to sympathize – that many people refused to interpret the scarlet A by its original signification. They said that it meant Able, so strong was Hester Prynne, with a woman’s strength. (195)

Os alvitreiros de Hester advogam que a modificação para a conjuntura feminina nascerá apenas quando o universo estiver preparado para tal ocorrência. Atrevendo-se a efectuar um presságio, a personagem anuncia no termo da narrativa uma época e um local preferíveis, ou seja, uma sociedade menos castradora onde a misericórdia e a tolerância humanas possam ajudar a equilibrar os regulamentos comunitários: “She assured them...at some brighter period, when the world should have grown ripe for it, ...a new truth would be revealed, in order to establish the whole relation between man and woman on a surer ground of mutual happiness” (315).

O retorno voluntário de Hester a Boston dá azo a interpretações distintas. Austin Warren frisa em “*The Scarlet Letter*” que se Hester regressa à colónia numa atitude penitencial, parte do respectivo arrependimento advém da sua renúncia em se tornar a destinada profetiza anunciadora de uma nova revelação para as mulheres. Com efeito, Hester entende que tal encargo não pode ser confiado a uma mulher cujo passado foi manchado pela iniquidade. (Warren, 14) Warren classifica mesmo Hawthorne de anti-feminista, pois, ao negar à sua heroína a possibilidade de enriquecer a sua natureza através do sofrimento resultante do respectivo erro, verifica-se que o autor veda à mulher a oportunidade de se tornar uma *Mater Dolorosa*:

Earlier in life, Hester had vainly imagined that she herself might be the destined prophetess, but had long since recognized the impossibility that any mission of divine and mysterious truth should be confided to a woman stained with sin, bowed down with shame, or even burdened with a life-long sorrow. The angel and apostle of the coming revelation must be a woman, indeed, but lofty, pure, and beautiful, and wise; (315)

David S. Reynolds observa em “Toward Hester Prynne” que, embora Hester cisme sobre os males causados às representantes do seu sexo e ambicione até uma mudança radical na relação desenvolvida entre homens e mulheres, a personagem jamais se manifesta publicamente em defesa dos direitos femininos. Para Reynolds, Hawthorne tem em mente uma heroína que caracteriza não uma feminista militante mas expressa apenas um gradual feminismo com nuances utópicas. Assim, a revolta das mulheres parece ser protelada para um futuro ideal e acima de tudo incerto. (Reynolds, 18)

Por seu lado, Crews argui em *The Sins of the Fathers: Hawthorne's Psychological Themes* que Hester volta a Nova Inglaterra para desfrutar de uma vida indisponível em qualquer outro sítio, mesmo usufruindo da convivência com Pearl. Além disso, Hester pretende estar perto do local



correspondente às suas memórias da única pessoa que não conseguiu esquecer – Arthur Dimmesdale. O narrador consolida esta ideia no seguinte excerto:

But there was a more real life for Hester Prynne here, in New England, than in that unknown region where Pearl had found a home. Here had lain her sin; here, her sorrow; and here was yet to be her penitence. She had returned, therefore, and resumed – of her own free will, for not the sternest magistrate of that iron period would have imposed it – resumed the symbol of which we have related so dark a tale. (314)

Constata-se então que Hester chega da Europa e readopta de livre iniciativa a letra “A” pois só desta forma encontra um rumo para a sua vida. No entanto, Warren desperta em “Hawthorne Revisited: Some Remarks on Hellfiredness” a atenção do leitor para o facto de os conselhos dados por Hester incitarem nas mulheres o repúdio dos valores culturais puritanos. Na verdade, a mensagem transmitida pela personagem feminina não é a de que as mulheres sejam simples pecadoras em busca de remissão, mas sim a de que as representantes do sexo feminino são vítimas de uma regulamentação social empenhada em violar aquela que Hester considera ser a ordem natural do universo. (Warren, 10)

Evan Carton alerta em “The Prison Door” para uma identificação entre Hawthorne e a respectiva heroína. De facto, duas circunstâncias unem Hawthorne a Hester no capítulo “The Custom-House”. A primeira consiste no tipo de sentimento que atrai o escritor a Salem e Hester a Boston, ou seja, ambos não conseguem evitar o regresso à terra natal, como se tal lugar constituísse o centro do mundo. (Carton, 8) Hawthorne declara a este respeito:

This old town of Salem – my native place, though I have dwelt much away from it both in boyhood and maturer years – possesses, or did possess, a hold on my affections, the force of which I have never realized during my seasons of actual residence here. . . . And yet, though invariably happiest elsewhere, there is within me a feeling for Old Salem, which, in lack of a better phrase, I must be content to call affection. (21)

A segunda eventualidade ocorre na altura em que o narrador encontra a letra e a coloca no próprio corpo, o que lhe permite conjecturar por breves momentos o fardo da emenda imposta a Hester: “I happened to place it on my breast. It seemed to me – the reader may smile, but must not doubt my words – it seemed to me, then, that I experienced a sensation not altogether

physical, yet almost so, as of burning heat, and as if the letter were not of red cloth but, red-hot iron” (49).

Note-se que Hawthorne é alvo da reprovação por parte dos seus contemporâneos, no seu caso devido à dedicação à escrita ficcional. Claudia Johnson informa em *The Productive Tension of Hawthorne's Art* (1981) que a postura puritana em relação à literatura imaginativa persistiu até aos dias de Hawthorne. Nesta altura os avisos respeitantes aos inconvenientes deste tipo de literatura que se acreditava conferir uma falsa visão do mundo dirigiam-se em especial às mulheres mais jovens, as quais formavam o principal grupo de leitoras de novelas. (Johnson, 77)

Alfred Reid adianta na obra *“The Yellow Ruff” & “The Scarlet Letter”*: *A Source of Hawthorne's Novel* (1955) que o autor se inspirou em algumas figuras reais participantes numa intriga palaciana durante o reinado de James I para criar *The Scarlet Letter*. Tal ocorrência consistiu no assassinato de Sir Thomas Overbury na Torre de Londres em 1613, constatando-se então que Anne Turner e Lady Frances apresentam aspectos em comum com Hester Prynne. Com efeito, quer Anne quer Hester possuem um dom artístico e ambas são coagidas a usar um emblema que simboliza o pecado realizado para o resto das suas vidas. Já Lady Frances divide com Hester uma relação adúltera bem como um matrimónio fracassado, além de ter a sua filha em condições idênticas às da heroína de *The Scarlet Letter*, ou seja, enquanto se encontra detida. (Reid, 66)

Já Sacvan Bercovitch estabelece em *The Puritan Origins of the American Self* (1975) uma proximidade entre Hester e Anna Karenina, considerando que as duas heroínas são exemplos morais além de vítimas de particulares forças sociais. (Bercovitch, 44) Por seu lado, Carol Bensick valida em *“Demystified Adultery in The Scarlet Letter”* (1980) a reprodução na obra de Hawthorne de elementos constantes também em *Anna Karenina* (1877), tais como a desarmonia entre os cônjuges e a aversão final da esposa pelo marido. Não obstante as paridades entre as duas obras, verifica-se que as duas personagens sofrem fins divergentes. Assim, enquanto Anna escolhe o suicídio, Hester sobrevive para teorizar acerca da relação entre os dois sexos e para encaminhar as mulheres do Boston colonial. (Bensick, 11)

Segundo Harold Bloom, em *Major Literary Characters: Hester Prynne*, os escritores americanos falharam ao tentar representar as mulheres do seu país com o mesmo ânimo e

brilhantismo que marcaram a tradição inglesa iniciada por Samuel Richardson. As exceções seriam Hawthorne e Henry James, cujas personagens femininas destoam, por exemplo, daquelas criadas por William Faulkner, Ernest Hemingway ou F. Scott Fitzgerald, as quais seriam menos eloquentes do que as personagens masculinas. (Bloom, 89) De facto, Hawthorne conseguiu reunir na figura de Hester Prynne uma invulgar multiplicidade de tipos femininos, criando assim um género inovador de heroína.

Fiedler adianta, no ensaio acima mencionado, “Accommodation and Transcendence”, que, de um ponto de vista histórico, uma mulher acusada de adultério teria sido condenada a usar as letras “AD”. No entanto, tal designação pareceu ser demasiado explícita a Hawthorne, o que terá levado o autor a substituí-la por um único “A”, o qual significava nos primórdios da Nova Inglaterra “Adam’s Fall” e portanto o início de todas as coisas. (Fiedler, 10)

Efectuando uma abordagem de Hester no panorama cinematográfico, verifica-se que a personagem é caracterizada de forma divergente por diversos realizadores. Em “Hollywood’s Hester Prynne: *The Scarlet Letter* and Puritanism in the Movies” (1999) Bruce C. Daniels inteira acerca da existência de onze versões cinematográficas de *The Scarlet Letter*. As primeiras sete, concretizadas entre 1910 e 1922 durante o despertar da indústria cinemática, não iam para além dos doze minutos. Apenas em 1926 a Metro-Goldwyn-Mayer realizou uma versão silenciosa de *The Scarlet Letter* com a duração de noventa minutos.

Não obstante o facto de o realizador Victor Sjostrum não se mostrar preocupado em reproduzir os acontecimentos narrados em *The Scarlet Letter*, a obra provou ser um veículo tão conveniente para Sjostrum quanto o puritanismo fora para Hawthorne. Com efeito, a cultura popular dos anos vinte parecia menosprezar a inquirição de um significado profundo na realidade, dando antes primazia à satisfação imediata. Deste modo ao transformar Hester numa *flapper*, ou seja uma mulher contemporânea com um comportamento pouco tradicional, Sjostrum converteu *The Scarlet Letter* numa obra relevante para a respectiva época e por consequência num sucesso artístico de acordo com os preceitos coevos.

Lillian Gish foi a actriz que deu vida a Hester Prynne neste filme, surgindo como uma jovem coquete e encantadora que envolve o sóbrio reverendo na respectiva teia de sedução. No entanto, Gish interpreta também uma Hester emancipada, deixando de ser apenas uma rapariga em busca de divertimento para se tornar, após o nascimento da filha, numa mulher insubmissa

e assertiva. Neste sentido verifica-se uma reconciliação com a personagem feminina originalmente concebida por Hawthorne, a qual incrementa a sua força interior enquanto permanece diferencial no exterior.

A adaptação de *The Scarlet Letter* ao cinema realizada em 1934 ficou a cargo de um produtor independente, Robert Vignola, o qual utilizou várias cenas comuns à versão silenciosa de 1926. Vignola fez ainda uso de uma fórmula habitual em Hollywood desde 1930, consistindo esta em juntar duas narrativas, uma realista e outra burlesca. Daniels critica o desempenho de Colleen Moore como Hester Prynne nesta película, achando-o demasiado superficial, acrescentando ainda que o filme permaneceu quase desconhecido do grande público apesar da elaborada produção.

Em 1973 Wim Wenders, um dos mais famosos realizadores europeus, produziu *Der Scharlachrote Buchstabe*, o primeiro filme que tentou fazer justiça à visão acabada de Hawthorne. Wenders foi confirmado como um dos fundadores da *German New Wave* em conjunto com outros dois realizadores, R.W. Fassbinder e Werner Herzog. Recorde-se que durante as duas décadas posteriores à segunda guerra mundial a Alemanha não dispunha de qualquer invenção relacionada com cinema, uma vez que Hitler desacreditara a arte da filmagem ao usá-la para fins de propaganda nazi. Só quando o país emergiu dos destroços do conflito, conseguindo apossar-se de um estatuto parelho ao das restantes nações, é que Wenders, Fassbinder e Herzog começaram a representar a ainda recente liberdade da pátria através dos seus filmes.

Embora à primeira vista *The Scarlet Letter* possa parecer uma escolha curiosa por parte de Wenders, Daniels reitera no artigo supracitado que a introspecção distintiva do período pós-guerra propiciou ao realizador a oportunidade de criar personagens nos seus trabalhos que, tal como Hester Prynne, procuravam desprender-se das restrições sociais. A lição a aprender pelo povo alemão era, então, simples: se os americanos conseguissem escapar à autoridade puritana, seria provável que também os alemães dispusessem da mesma possibilidade de fugir à respectiva herança de ditadura nazi.

A versão de Wenders captura, portanto, a essência do clássico de Hawthorne. Ainda assim são inteligíveis algumas discrepâncias entre os dois trabalhos, como por exemplo o facto de Hester não regressar a Nova Inglaterra ou de a lápide da heroína não ser encontrada vários anos após o seu desaparecimento. Além disso, enquanto Hawthorne assemelha a figura de Mistress Hibbins

a uma bruxa cujas intervenções frisam o seu carácter quase irreal, Wenders transforma-a numa bela jovem reivindicativa, acabando a personagem por constituir o alter-ego de Hester.

A última aplicação de *The Scarlet Letter* no grande ecrã é o *blockbuster* criado por Roland Joffé em 1995, o qual gerou pontos de vista desiguais. Segundo Jamie Barlowe em “Rereading Women: Hester Prynne-ism and the Scarlet Mob of Scribblers” o enredo de Joffé pode ser lido como um modo feminista de reproduzir a obra de Hawthorne. De facto, Barlowe descortina no filme uma tentativa de expor a violência exercida contra as mulheres, bem como um esforço para enunciar a exclusão e a trivialidade das vozes femininas que se encontram no âmago de *The Scarlet Letter*.

Por seu lado, críticos como Richard Alleva e Anthony Lane indiciam Joffé do adultério da obra de Hawthorne. Alleva e Lane afirmam não existir nada mais no filme de Joffé para além de personagens femininas que anseiam por se libertar do freio puritano, o que transmite ao espectador a ideia de uma Hester imaculada que tem portanto todo o direito de enfrentar os togados recorrendo a imputações de chauvinismo masculino. (Daniels, 48)

Mas a influência de Hester ultrapassa aquela exercida sobre os realizadores. De facto, no artigo previamente referido Barlowe anuncia o termo “Hester Prynne-ism”, associando o vocábulo a um pendor anti-feminista que se alicerça na transformação das mulheres em meros objectos e no respectivo emudecimento. A razão que leva Barlowe a fazer tal afirmação concentra-se no facto de Hester sofrer a respectiva pena maioritariamente em silêncio. De facto, são raras as ocasiões em que a voz da heroína se faz ouvir, algo que Hawthorne diz fazer parte do feitio de Hester:

Hester Prynne, meanwhile, kept her place upon the pedestal of shame, with glazed eyes, and an air of weary indifference. She had borne that morning all that nature could endure; and as her temperament was out of the order that escapes from too intense suffering by a swoon, her spirit could only shelter itself beneath a stony crust of insensibility, while the faculties of animal life remained entire. (89)

Por outro lado, Barlowe reconhece que tal palavra pode também ser relida como uma parte do legado cultural de Hawthorne. (Barlowe, 220) Com efeito, é notável a proliferação de alusões quer a Hester Prynne quer à letra que simboliza a sua falta, incluindo relatos acerca de Monica

Lewinsky ou do tenente da Força Aérea Kelly Flinn. A letra “A” é ainda referida em diversos trabalhos, como acontece na letra da canção presente no musical *The Music Man* que se intitula “The Sadder but Wiser Girl”. Nesta melodia uma mulher de virtude questionável é identificada com Hester Prynne, esperando-se que a mesma obtenha um outro “A”: “I hope I pray for Hester to win just one more ‘A’”.

Também no livro de Ron Koertge, *Where the Kissing Never Stops* (2005), se detecta uma nova menção à letra usada por Hester, desta vez nas palavras de uma personagem feminina que alude de forma sarcástica à “scarlet letter” quando se refere ao seu mais recente emprego:

Well, I thought of telling them the truth and saying that I was making a hundred dollars a night as an actress and a dancer in a revival of old-time burlesque, but I knew they would sew a scarlet A on my best sweater and dunk me in the river, so I said I was drowning kittens for a dollar an hour and that seemed to satisfy them. (Koertge, 14)

Eve Gil estabelece ainda em “Gloria Trevi – la Hester Prynne Contemporánea” (2006) uma analogia entre a situação vivida pela cantora mexicana Gloria Trevi e o tratamento reservado à heroína de Hawthorne. O escândalo envolvendo Trevi iniciou-se em 1997, sendo nesta altura que diversas adolescentes alegadamente abusadas por Sergio Andrade, o agente da cantora, conseguiram escapar e decidiram mostrar na televisão os horrores de que tinham sido vítimas. Trevi foi então acusada de cumplicidade e só depois de ter passado cinco anos atrás das grades é que foi absolvida pelo tribunal mexicano devido à falta de provas incriminatórias.

Segundo Gil, Trevi surge como uma genuína Mrs Prynne ao ser acoitada pelo povo mexicano, o qual pareceu retirar tanto prazer do sofrimento alheio quanto os calvinistas que aguardavam ansiosos a chegada do Apocalipse. Gil também aborda o caso de Jane Shore, a esposa de um sapateiro que se tornou amante do rei Edward IV, já que esta mulher foi igualmente exibida perante uma população alterada. Para a autora, não existe uma grande disparidade entre a conduta evidenciada pela sociedade mexicana e a reacção das comunidades quer de Jane quer de Hester. De facto, se os camponeses ingleses do século XV invejavam os privilégios concedidos a Jane Shore enquanto favorita do monarca, as habitantes do Boston colonial não conseguiam evitar uma secreta cobiça relativamente à condição de Hester por se saberem inadequadas para experimentar uma paixão semelhante à da personagem. Já os mexicanos dos

princípios do século XX aproveitaram para se servir de Trevi com o intuito de expiar os próprios pecados. (Gil, 5)

Carolyn G. Heilbrun exprime em *Toward a Recognition of Androgyny* a certeza de que Hester Prynne não encontrará personagens que se mostrem à sua altura, revelando-se por conseguinte única no panorama literário americano. O mais extraordinário consiste para Heilbrun no facto de Hester ter sido fruto do trabalho de um autor como Hawthorne, o qual é catalogado pela escritora de anti-feminista e de ultraconvencional no que respeita a visão dos papéis a desempenhar pelos homens ou pelas mulheres. (Heilbrun, 90)

Antecipando a conclusão que se segue revela-se adequado utilizar as palavras de Reynolds em “Toward Hester Prynne”, as quais sintetizam os motivos por detrás do singularismo da heroína em *The Scarlet Letter*: “Hawthorne retains the devalued male figure but takes the wholly original step of fashioning a heroine who embodies all the dark female roles of the subversive novel and who at the same time serves the redemptive function of the conventional moral exemplar” (Bloom, 183).

## CONCLUSÃO

Podemos averiguar no final deste estudo que o seu objectivo primordial, ou seja, tornar explícita a forma invulgar como a principal personagem feminina de *The Scarlet Letter* actuando em consideração as respectivas circunstâncias de vida, terá sido concretizado. De facto, Hester Prynne revela-se uma heroína excepcional por diversos motivos. Conforme verificámos, ela poderá representar em primeiro lugar um possível reflexo de aspectos biográficos relacionados com Nathaniel Hawthorne, tendo-se analisado se figuras reais como é o caso da progenitora, Elizabeth Hathorne, e de Margaret Fuller, terão servido de inspiração ao autor.

Descobriu-se assim que Hester partilha situações da vida de Elizabeth, ao mesmo tempo que revela alguns aspectos na sua personalidade em comum com Margaret. Relativamente à primeira, constata-se que, enquanto a primeira filha de Elizabeth é concebida de forma ilegítima, Pearl é fruto do relacionamento adúltero entre Hester e Dimmesdale; da mesma forma que Elizabeth é criticada pelos sectores conservadores de Salem, Hester é desprezada pela população de Boston; tal como Nathaniel Hathorne se encontra ausente por motivos profissionais e “Ebe” fica sob a responsabilidade materna, o reverendo esconde a sua paternidade e Pearl desenvolve-se sem a atenção paterna.

Quanto à segunda, Margaret constitui um grupo de discussão e Hester aconselha as mulheres da sua comunidade; Margaret apercebe-se das iniquidades praticadas contra o género feminino e Hester faz severos juízos de valor em relação ao estatuto feminino; tanto uma quanto a outra mostra um temperamento autónomo; Margaret dispõe de uma ligação à aristocracia italiana através de Ossoli assim como Hester adquire um laço com a aristocracia europeia por meio de Pearl.

Hester foi também observada numa perspectiva comparativa ou destoante de outras personagens femininas constantes em obras de Hawthorne como “Lady Eleanore’s Mantle”, “Rappaccini’s Daughter”, *The Blithedale Romance* e *The Marble Faun*. A este respeito descobriu-se que o percurso de Hester se assemelha ao de personagens como Lady Eleanore, Beatrice, Zenobia e Miriam, embora o seu temperamento se mostre divergente do de Priscilla e de Hilda.



A última parte do trabalho convergiu na peculiaridade de Hester, visando esclarecer o modo como conseguiu progredir e passar de transgressora a heroína. Hester torna-se então excepcional por diferentes razões, nomeadamente, ao acumular uma invulgar multiplicidade de tipos femininos; ao recusar identificar o progenitor da filha ou considerar o seu procedimento um acto criminoso; ao estabelecer modos próprios de pensamento que confirmam o seu desagrado quanto às regras puritanas, desafiando-as através dos seus dons artísticos; ao enfrentar as agruras, mantendo-se penitente e bondosa; ao surgir como uma lenda no Boston colonial, conseguindo ainda trazer uma nova visão das funções desempenhadas pelas figuras femininas no século XVII da Nova Inglaterra.

Em jeito de conclusão, apurámos que a protagonista concebida por Hawthorne desencerra a respectiva notoriedade não apenas devido aos traços do seu carácter que descrevemos ao longo do último capítulo deste ensaio mas também ao facto de se manter uma personagem inolvidável na memória do leitor, sendo esta a causa pela qual perduram até aos dias de hoje registos tocantes a Hester Prynne ou à insígnia da sua contravenção.

## **Bibliografia:**

### **De Nathaniel Hawthorne**

HAWTHORNE, Nathaniel. *The Blithedale Romance*. NY: Norton, 1978.

---. *The Marble Faun*. NY: Dell, 1960.

---. *The Scarlet Letter*. Hertfordshire: Wordsworth Classics, 1992.

### **Sobre Nathaniel Hawthorne**

ADAMS, Dena Wills. "Female Inheritors of Hawthorne's New England Literary Tradition". Diss. U of North Texas, 1994.

ARVIN, Newton, ed. "Lady Eleanore's Mantle". *Hawthorne's Short Stories*. NY: Knopf, 1946. 108- 21.

---. "Rappaccini's Daughter". *Hawthorne's Short Stories*. NY: Knopf, 1946. 206-34.

BARLOWE, Jamie. "Rereading Women: Hester Prynne-ism and the Scarlet Mob of Scribblers". *American Literary History* 9 (1997): 197-225.

---. *The Scarlet Mob of Scribblers: Rereading Hester Prynne*. Carbondale: Southern Illinois UP, 2000.

BAYM, "Passion and Authority in *The Scarlet Letter*". *New England Quarterly* 43 (1970): 209-30.

---, Nina. "Hawthorne's Women: The Tyranny of Social Myths". *Centennial Review* 15 (1971): 250-72.

---. "Nathaniel Hawthorne and His Mother: A Biographical Speculation". *American Literature* 54 (1982): 1-27.

---. *"The Scarlet Letter": A Reading*. Boston: Twayne, 1986.

---. *The Shape of Hawthorne's Career*. Ithaca: Cornell UP, 1976.

BELL, Michael Davitt. *Hawthorne and the Historical Romance of New England*. NJ: Princeton UP, 1971.

BELL, Millicent, ed. *Hawthorne and the Real: Bicentennial Essays*. Columbus: Ohio State UP, 2005.

---. *Hawthorne's View of the Artist*. Albany: State U of New York P, 1962.

---. *New Essays on Hawthorne's Major Tales*. NY: Cambridge UP, 1993. 1-35.

---. "World Lit Hawthorne: Or, Re-Allegorizing 'Rappaccini's Daughter'". *New Essays on Hawthorne's Major Tales*. NY: Cambridge UP, 1993. 67-79.

BERCOVITCH, Sacvan. *The Office of "The Scarlet Letter"*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1991.

BERLANT, Lauren. "Fantasies of Utopia in *The Blithedale Romance*". *American Literary History* 1 (1989): 30-62.

---. *The Anatomy of National Fantasy: Hawthorne, Utopia, and Everyday Life*. Chicago: U of Chicago P, 1991.

BIGSBY, Christopher. *Hester: A Novel*. Hammondsworth: Penguin, 1994.

BLOOM, Harold, ed. *Major Literary Characters: Hester Prynne*. NY: Chelsea House, 1990.

---. *Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter": Bloom's Notes*. N.p.: Chelsea House, 1996.

BRENZO, Richard. "Beatrice Rappaccini: A Victim of Male Love and Horror". *American Literature* (1976): 152-64.

BUDICK, Emily Miller. *Engendering Romance: Women Writers and the Hawthorne Tradition, 1850-1990*. New Haven: Yale UP, 1994.

CARTON, Evan. *The Marble Faun: Hawthorne's Transformations*. NY: Twayne, 1992.

CADY, Edwin H., and Louis J. Budd, eds. *On Hawthorne: The Best from American Literature*. Durham: Duke UP, 1990.

CARLSON, Patricia Ann. *Hawthorne's Functional Settings: a Study of Artistic Method*. Amsterdam: Rodopi, 1977.

CHARVAT, William, et al., eds. *The Centenary Edition of the Works of Nathaniel Hawthorne*. 23 vols. Columbus: Ohio State UP, 1963.

CLACK, Randall A. *The Marriage of Heaven and Hearth: Alchemical Regeneration in the Works of Taylor, Poe, Hawthorne and Fuller*. Westport: Greenwood P, 2000.

COALE, Samuel Chase. *Mesmerism and Hawthorne: Mediums of American Romance*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 1998.

COHEN, B. Bernard, ed. "Hyatt H. Waggoner, *The Marble Faun* (Hawthorne, 1963)". *The Recognition of Nathaniel Hawthorne*. Ann Arbor: U of Michigan P, 1969. 243-57.

---. "William Dean Howells, From *Heroines of Fiction* (1901)". *The Recognition of Nathaniel Hawthorne*. N.p.: U of Michigan P, 1969. 134-38.

COLACURCIO, Michael J. "Footsteps of Ann Hutchinson: The Context of *The Scarlet Letter*". *ELH* 39 (1972): 459-92.

---. *The Province of Piety: Moral History in Hawthorne's Early Tales*. Cambridge: Harvard UP, 1984.

---. "The Woman's Own Choice: Sex, Metaphor and the Puritan 'Sources' of *The Scarlet Letter*". *New Essays on "The Scarlet Letter"*. Ed. Michael J. Colacurcio. NY: Cambridge UP, 1985. 101-36.

COOPER, Allene. "The Discourse of Romance, Truth and Fantasy in Hawthorne's Point of View". *Studies in Short Fiction* (1991): 500-01.

COTT, Nancy. *The Bonds of Womanhood*. New Haven: Yale UP, 1977.

CREWS, Frederick. *The Sins of the Fathers: Hawthorne's Psychological Themes*. Berkeley: U of California P, 1989.

CROWLEY, J. Donald. *Nathaniel Hawthorne: The Critical Heritage*. London: Routledge, 1997.

CURTIS, George W. "The Works of Nathaniel Hawthorne". *North American Review* 99 (1864): 539-57.

DOREN, Mark Van. "*The Scarlet Letter*". *Nathaniel Hawthorne*. NY: William Sloane, 1949. 146-56.

DOUBLEDAY, Neal Frank. "Lady Eleanore's Mantle". *Hawthorne's Early Tales: a Critical Study*. Durham: Duke UP, 1972. 128-30.

DANIELS, Bruce C. "Hollywood's Hester Prynne: *The Scarlet Letter* and Puritanism in the Movies". *Canadian Review of American Studies* (1999): 27-56.

DAUBER, Kenneth. *Rediscovering Hawthorne*. NJ: Princeton UP, 1977.

DESALVO, Louise. *Nathaniel Hawthorne*. Atlantic Highlands: Humanities P International, 1987.

DONOHUE, Agnes McNeill. *Hawthorne: Calvin's Ironic Stepchild*. Kent: Kent State UP, 1985.

DOWD, Wienk Marilyn. "Hawthorne's Heroines and the Feminine Ideal: the Four Major Romances in the Context of Nineteenth-Century Women's Novels". Diss. State U of New York, 1989.

ELBERT, Monika M., ed. *Encoding the Letter "A": Gender and Authority in Hawthorne's Early Fiction*. Germany: Haag und Herchen, 1990.

- EASTON, Alison. *The Making of the Hawthorne Subject*. Columbia: U of Missouri P, 1996.
- ERLICH, Gloria. *Family Themes and Hawthorne's Fiction: the Tenacious Web*. New Brunswick: Rutgers UP, 1984.
- FICK, Leonard J. *The Light Beyond: a Study of Hawthorne's Theology*. Westminster: Newman P, 1955.
- FLEISCHNER, Jennifer. "Hawthorne and the Politics of Slavery". *Studies in the Novel* 4 (1991): 96-106.
- GALE, Robert L. *A Nathaniel Hawthorne Encyclopedia*. Westport: Greenwood, 1991.
- GERBER, John C., ed. *Twentieth-Century Interpretations of "The Scarlet Letter"*. NJ: Prentice, 1968.
- GOLLIN, Rita. *Nathaniel Hawthorne and the Truth of Dreams*. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1979.
- GOLLIN, Rita, and John Idol. *Prophetic Pictures: Nathaniel Hawthorne and the Uses of the Visual Arts*. NY: Greenwood, 1991.
- GOLLIN, Rita, ed. *The Scarlet Letter*. Boston: Houghton, 2001.
- GORMAN, Herbert. *Hawthorne: A Study in Solitude*. NY: Biblo, 1966.
- GREENWALD, Elissa. *Realism and the Romance: Nathaniel Hawthorne, Henry James, and American Fiction*. Ann Arbor: UMI Research, 1989.
- . "Hawthorne and Judaism: Otherness and Identity in *The Marble Faun*". *Studies in the Novel* (1991): 128-37.
- GROSS, Seymour L., ed. *A Scarlet Letter Handbook*. Belmont: Wadsworth, 1960.
- . *The Scarlet Letter: An Authoritative Text, Essays in Criticism and Scholarship*. NY: Norton, 1988.
- HALL, Lawrence Sargent. *Hawthorne: Critic of Society*. New Haven: Yale UP, 1944.
- HARRIS, Kenneth Marc. *Hypocrisy and Self-Deception in Hawthorne's Fiction*. Charlottesville: UP of Virginia, 1988.
- HAWTHORNE, Julian. *Nathaniel Hawthorne and His Wife: A Biography*. 2 vols. Boston, 1884.
- HERBERT, T. Walter. *Dearest Beloved: The Hawthornes and the Making of the Middle-Class Family*. Berkeley: U California P, 1993.

---. "Pornographic Manhood and *The Scarlet Letter*". *Studies in the Novel* 29 (2001): 113-20.

HODGES, Elizabeth Perry. "The Letter of the Law: Reading Hawthorne and the Law of Adultery". *Law and Literature Perspectives*. NY: Peter Lang, 1996.

HUTNER, Gordon. *Secrets and Sympathy: Forms of Disclosure in Hawthorne's Novels*. Athens: U of Georgia P, 1988.

IDOL, John L., Jr., and Buford Jones, eds. *Nathaniel Hawthorne: The Contemporary Reviews*. NY: Cambridge UP, 1994.

IDOL, John L., Jr., and Melinda Ponder, eds. *Hawthorne and Women: Engendering and Expanding the Hawthorne Tradition*. Amherst: U of Massachusetts P, 1999.

JACOBSEN, Richard J. *Hawthorne's Conception of the Creative Process*. Cambridge: Harvard UP, 1965.

JOHNSON, Claudia Durst. *The Productive Tension of Hawthorne's Art*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 1981.

---. *Understanding "The Scarlet Letter": A Student Casebook to Issues, Sources, and Historical Documents*. Westport: Greenwood P, 1995.

JONES, E. Michael. "The Blithedale Romance and the Wreck of Human Nature". *The Angel and the Machine: the Rational Psychology of Nathaniel Hawthorne*. Illinois: Sherwood, 1991. 175-87.

JR., Person Leland S. *Aesthetic Headaches: Women and a Masculine Poetics in Poe, Melville, and Hawthorne*. Athens: U of Georgia P, 1988.

KESSELRING, Marion L. *Hawthorne's Reading, 1828-1850*. NY: New York Public Library, 1949.

KEARNS, Francis E. "Margaret Fuller As a Model for Hester Prynne". *Jahrbuch fur Amerikastudien* 10 (1965): 191-97.

KENNEDY-ANDREWS, Elmer. *Nathaniel Hawthorne: "The Scarlet Letter"*. NY: Columbia UP, 1999.

KESTERSON, David B., ed. *Critical Essays on Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Boston: G. K. Hall, 1988.

KOLICH, Augustus M. "Miriam and the Conversion of the Jews in Nathaniel Hawthorne's *The Marble Faun*". *Studies in the Novel* (2001): 430-40.

LATHROP, George P. *A Study of Hawthorne*. Boston, 1876.

LATHROP, Rose Hawthorne. *Memories of Hawthorne*. Boston, 1897.

- LEE, A. Robert, ed. *Nathaniel Hawthorne: New Critical Essays*. NY: Barnes, 1982.
- LEVERENZ, David. "Mrs. Hawthorne's Headache: Reading *The Scarlet Letter*". *Nineteenth-Century Fiction* 37 (1983): 552-75.
- LUEDTKE, Luther S. *Nathaniel Hawthorne and the Romance of the Orient*. Bloomington: Indiana UP, 1989.
- LLOYD- Smith, A.G. *Eve Tempted: Writing and Sexuality in Hawthorne's Fiction*. London: Croom Helm, 1984.
- MALE, Roy R. *Hawthorne's Tragic Vision*. NY: Norton, 1957.
- MARTIN, Robert K. "Hester Prynne, C'est Moi: Nathaniel Hawthorne and the Anxieties of Gender". *Engendering Men: The Question of Male Feminist Criticism*. Eds. Joseph A. Boone and Michael Cadden. NY: Routledge, 1990. 122-39.
- MCFARLAND, Philip. *Hawthorne in Concord*. NY: Grove P, 2004.
- MELLOW, James R. *Nathaniel Hawthorne in His Times*. Boston: Houghton Mifflin, 1980.
- MILDER, Robert. "The *Scarlet Letter* and Its Discontents". *Nathaniel Hawthorne Review* 22 (1996): 9-25.
- MILLIMAN, Craig A. "Hawthorne's *The Scarlet Letter*". *Explicator* (1995): 83-05.
- MILLINGTON, Richard H. *Practicing Romance: Narrative Form and Cultural Engagement in Hawthorne's Fiction*. NJ: Princeton UP, 1992.
- . *The Cambridge Companion to Nathaniel Hawthorne*. Cambridge: Cambridge UP, 2004.
- MITCHELL, Thomas R. *Hawthorne's Fuller Mystery*. Amherst: U of Massachusetts P, 1998.
- MOORE, Margaret B. *The Salem World of Nathaniel Hawthorne*. Missouri: U of Missouri P, 1998.
- MOORE, Thomas R. *A Thick and Darksome Veil: the Rhetoric of Hawthorne's Sketches, Prefaces, and Essays*. Boston: Northeastern UP, 1994.
- MURFIN, Ross C., ed. *Nathaniel Hawthorne: Scarlet Letter, Case Studies in Contemporary Criticism*. NY: St. Martin's, 1991.
- NEWMAN, Lea Vortani Bezar. *A Reader's Guide to the Short Stories of Nathaniel Hawthorne*. Boston: G. K. Hall, 1979.

- NORMAND, Jean. *Nathaniel Hawthorne: An Approach to an Analysis of Artistic Creation*. London: P of Case Western Reserve U, 1970.
- PEARSON, Carol, and Katherine Rope. *The Female Hero in American and British Literature*. NY: Bowker, 1981.
- PENNELL, Melissa M. *The Student Companion to Nathaniel Hawthorne*. N.p.: Greenwood P, 1999.
- PFISTER, Joel. *The Production of Personal Life: Class, Gender, and the Psychological in Hawthorne's Fiction*. Stanford: Stanford U, 1991.
- PONDER, Melinda. *Hawthorne's Early Narrative Art*. Lewinston: Edwin Mellen, 1990.
- REID, Alfred S. "The Yellow Ruff" & "The Scarlet Letter": A Source of Hawthorne's Novel. Gainesville: U of Florida P, 1955.
- REYNOLDS, Larry J., ed. *A Historical Guide to Nathaniel Hawthorne*. NY: OUP, 2001.
- RUBY, Pollock Beth. "The Representation of Utopia: Hawthorne and the Female Medium". Diss. U of California, 1988.
- SCHARNHORST, Gary, ed. *The Critical Response to Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Westport: Greenwood, 1992.
- SCHILLER, Emily. "The Choice of Innocence: Hilda in *The Marble Faun*". *Studies in the Novel* (1994): 372-88.
- SHELDON, Sara. *Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Woodbury: Barron's, 1984.
- SMITH, Allan Gardner Lloyd. *Eve Tempted: Writing and Sexuality in Hawthorne's Fiction*. NJ: Barnes, 1984.
- STERN, Milton. *Contexts for Hawthorne: "The Marble Faun" and the Politics of Openness and Closure in American Literature*. Urbana: U of Illinois P, 1991.
- STUBBS, John Caldwell. *The Pursuit of Form: a Study of Hawthorne and the Romance*. Urbana: U of Illinois P, 1970.
- STEWART, Randall. *Nathaniel Hawthorne: A Biography*. New Haven: Yale UP, 1948.
- SWANN, Charles. "Hester and the Second Coming: A Note on the Conclusion to *The Scarlet Letter*". *Journal of American Studies* 21 (1987): 264-68.
- THARPE, Jac. *Nathaniel Hawthorne: Identity and Knowledge*. Carbondale: Southern Illinois UP, 1967.



THORNTON, Ellen. "Hawthorne's *The Blithedale Romance*". *Explicator* (1998): 188-89.

TURNER, Arlin. *Nathaniel Hawthorne: a Biography*. NY: OUP, 1980.

---. *Nathaniel Hawthorne: an Introduction and Interpretation*. NY: Holt, 1961.

---. *The Merrill Studies in "The Scarlet Letter"*. Ohio: C. E. Merrill, 1970.

WALLACE, James D. "Hawthorne and the Scribbling Women Reconsidered". *American Literature* 62 (1990): 201-22.

WAGONNER, Hyatt H. *Hawthorne: A Critical Study*. Cambridge: Belknap P of Harvard UP, 1963.

WEINAUER, Ellen. "Considering Possession in *The Scarlet Letter*". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 93-112.

WHITE, Sidney Howard. *Barron's Simplified Approach to Hawthorne: "The Scarlet Letter"*. NY: Barron's Educational Series, 1967.

## **Geral**

ALLEN, Margaret Vanderhaar. *The Achievement of Margaret Fuller*. University Park: Pennsylvania State UP, 1979.

ALSEN, Eberhard. "The Ambitious Experiment of Dr. Rappaccini". *American Literature* (1971): 430-31.

ARAC, Jonathan. "The Politics of *The Scarlet Letter*". *Ideology and Classic American Literature*. Ed. Sacvan Bercovitch and Myra Jehlen. NY: Cambridge UP, 1986. 247-66.

ARMSTRONG, Judith. *The Novel of Adultery*. London: Macmillan, 1976.

AUERBACH, Nina. *Woman and the Demon: the Life of a Victorian Myth*. Cambridge: Harvard UP, 1982.

BARDES, Barbara, and Suzanne Gossett. *Declarations of Independence: Women and Political Power in Nineteenth-Century American Fiction*. New Brunswick: Rutgers UP, 1990.

BARNETT, Louise K. *Authority and Speech: Language, Society and Self in the American Novel*. Athens: U of Georgia P, 1993.

BAYM, Nina. "Melodramas of Beset Manhood: How Theories of American Fiction Exclude Women Authors". *American Quarterly* 33 (1981): 123-39.

---. *Novels, Readers, and Reviewers: Responses to Fiction in Antebellum America*. Ithaca: Cornell UP, 1984.

- BERCOVITCH, Sacvan and Myra Jehlen, eds. *Ideology and Classic American Literature*. NY: Cambridge UP, 1986.
- BOMARITO, Jessica, and Jeffrey W. Hunter, eds. "Women's Literature in the 19<sup>th</sup> Century: Introduction". *Feminism in Literature*. N.p.: Thomson Gale, 2006.
- BOYD, Anne E. *Writing for Immortality: Women Writers and the Emergence of High Literary Culture in America*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 2004.
- BRODHEAD, Richard H. "Veiled Ladies: Toward a History of Antebellum Entertainment". *American Literary History* (1989): 273-94.
- BROWNMILLER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. NY: Bantam, 1975.
- BROWNSTEIN, Rachel. *Becoming a Heroine: Reading about Women in Novels*. NY: Viking P, 1992.
- BRUCE, F.F. *The English Bible: a History of Translations*. NY: OUP, 1961.
- BRUMM, Ursula. *American Thought and Religious Typology*. New Brunswick: Rutgers UP 1970.
- BUREN, Jane Silverman Van. *The Modernist Madonna: Semiotics of the Maternal Metaphor*. Bloomington: Indiana UP, 1989.
- CAMFIELD, Gregg. *Necessary Madness: the Humour of Domesticity in Nineteenth-Century American Literature*. NY: OUP, 1997.
- CAPPER, Charles M. *Margaret Fuller: an American Romantic Life*. NY: OUP, 1992.
- CHARVAT, William. *The Profession of Authorship in America, 1800-1870: The Papers of William Charvat*. Ed. Matthew J. Bruccoli. Columbus: Ohio State UP, 1968.
- CHERRY, Fannye N. "A Note on the Source of Hawthorne's 'Lady Eleanore's Mantle'". *American Literature* (1999): 437-39.
- CLINTON, Catherine, and Christine Lunardini. *The Columbia Guide to American Women in the Nineteenth Century*. NY: Columbia UP, 2000.
- DERRICK, Scott S. *Monumental Anxieties: Homoerotic Desire and Feminine Influence in 19<sup>th</sup> Century U.S. Literature*. NJ: Rutgers UP, 1997.
- DICKENSON, Donna. *Woman in the Nineteenth Century and Other Writings*. NY: OUP, 1994.
- ELBERT, Monika M., ed. *Separate Spheres no More: Gender Convergence in American Literature, 1830-1930*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 2000.
- EMERSON, Ralph Waldo, William Henry Channing, and James Freeman Clarke. *Memoirs of Margaret Fuller Ossoli*. 2 vols. NY: Burt Franklin, 1972.

- FETTERLEY, Judith. *The Resisting Reader: A Feminist Approach to American Fiction*. Bloomington: Indiana UP, 1978.
- FIEDLER, Leslie A. *Love and Death in the American Novel*. NY: Stein, 1966.
- FISHER, Jerilyn, and Ellen S. Silber, eds. *Women in Literature: Reading through the Lens of Gender*. Westport: Greenwood P, 2003.
- FLEISCHMANN, Fritz, ed. *American Novelists Revisited: Essays in Feminist Criticism*. Boston: G. K. Hall, 1982.
- FLEISCHNER, Jennifer. "Hawthorne and the Politics of Slavery". *Studies in the Novel* 4 (1991): 96-106.
- FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish*. Trans. Alan Sheridan. NY: Pantheon, 1977.
- FOWLER, Lois Josephs, ed. *Insight: American Literature*. NY: Noble, 1968.
- FOWLKES, Diane and Charlotte S. McClure, eds. *Feminist Visions: Toward a Transformation of the Liberal Arts Curriculum*. University: U of Alabama P, 1984.
- FRYER, Judith. *The Faces of Eve: Women in the Nineteenth-Century American Novel*. NY: Oxford UP, 1976.
- FULLER, Margaret. *The Essential Margaret Fuller*. Ed. Jeffrey Steele. NJ: Rutgers UP, 1992.
- GABLER-HOVER, Janet. *Truth in American Fiction: the Legacy of Rhetorical Idealism*. Athens: U of Georgia P, 1990.
- GATTA, John. *American Madonna: Images of the Divine Woman in Literary Culture*. NY: OUP, 1997.
- GEDGE, Karin E. *Without Benefit of Clergy: Women and the Pastoral Relationship in Nineteenth-Century American Culture*. NY: OUP, 2003.
- GIBALDI, Joseph. *MLA Handbook for Writers of Research Papers*. 6<sup>th</sup> ed. NY: MLA, 2003.
- GILMORE, Michael T. *Surface and Depth: The Quest for Legibility in American Culture*. NY: OUP, 2003.
- GRASSO, Linda M. *The Artistry of Anger: Black and White Women's Literature in America, 1820-1860*. Chapel Hill: U of North Carolina P, 2002.
- GREENWALD, Elissa. "Hawthorne and Judaism: Otherness and Identity in *The Marble Faun*". *Studies in the Novel* (1991): 128-37.
- GROSS, Seymour L., ed. *A Scarlet Letter Handbook*. Belmont: Wadsworth, 1960.

---. *The Scarlet Letter: An Authoritative Text, Essays in Criticism and Scholarship*. NY: Norton, 1988.

HALLER, John and Robin Hailer. *The Physician and Sexuality in Victorian America*. Urbana: U of Illinois P, 1978.

HARAP, Louis. *The Image of the Jew in American Literature*. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1974.

HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs, and Women: the Reinvention of Nature*. NY: Routledge, 1991.

HARRIS, Kenneth Marc. *Hypocrisy and Self-Deception in Hawthorne's Fiction*. Charlottesville: UP of Virginia, 1988.

HARRIS, Sharon M., ed. *American Women Writers to 1800*. NY: OUP, 1996.

HEILBRUN, Carolyn G. *Toward a Recognition of Androgyny*. NY: Knopf, 1972.

HOWE, Irving. *Politics and the Novel*. NY: Horizon P, 1957.

HOWELLS, W. D. *Heroines of Fiction*. NY: Harper, 1901.

HUDSPETH, Robert N., ed. *The Letters of Margaret Fuller*. 6 vols. NY: Cornell UP, 1983.

JACKSON, Carl T. *The Original Religions in American Thought*. London: Greenwood, 1981.

JEHLEN, Myra. *American Incarnation: The Individual, the Nation, and the Continent*. N.p.: Harvard UP, 1989.

JONES, Ernest. *Hamlet and Oedipus*. NY: n.p., 1959.

KARLSEN, Carol F. *The Devil in the Shape of a Woman: Witchcraft in Colonial New England*. Scranton: W.W. Norton, 1998.

KEARNS, Francis E. "Margaret Fuller As a Model for Hester Prynne". *Jahrbuch fur Amerikastudien* 10 (1965): 191-97.

KENNEDY-ANDREWS, Elmer. *Nathaniel Hawthorne: "The Scarlet Letter"*. NY: Columbia UP, 1999.

KERKERING, John D. *The Poetics of National and Racial Identity in Nineteenth-Century American Literature*. Cambridge: Cambridge UP, 2003.

KERTZER, David I. *The Kidnapping of Edgardo Mortara*. NY: Knopf, 1997.

- KNIGHT, Denise D., and Emmanuel S. Nelson, eds. *Nineteenth-Century American Women Writers: A Bio-bibliographical Critical Sourcebook*. Westport: Greenwood P, 1997.
- KRADITOR, Aileen S. *Up from the Pedestal: Selected Writings in the History of American Feminism*. Chicago: Quadrangle, 1968.
- LANG, Amy. *Prophetic Woman: Anne Hutchinson and the Problem of Dissent in the Literature of New England*. Berkeley: U of California P, 1987.
- MANNINO, Mary Ann Vigilante. *Revisionary Identities: Strategies of Empowerment in the Writing of Italian/American Women*. NY: Peter Lang, 2000.
- MATTHIESSEN, Francis O. *American Renaissance: Art and Expression in the Age of Emerson and Whitman*. London: OUP, 1972.
- MCNEAL, Thomas H. "Poe's Zenobia: An Early Satire on Margaret Fuller". *Modern Language Quarterly* (1980): 214-16.
- MILDER, Robert. "The Scarlet Letter and Its Discontents". *Nathaniel Hawthorne Review* 22 (1996): 9-25.
- MILLIMAN, Craig A. "Hawthorne's *The Scarlet Letter*". *Explicator* (1995): 83-05.
- MILLINGTON, Richard H. *Practicing Romance: Narrative Form and Cultural Engagement in Hawthorne's Fiction*. NJ: Princeton UP, 1992.
- MOORE, Thomas R. *A Thick and Darksome Veil: the Rhetoric of Hawthorne's Sketches, Prefaces, and Essays*. Boston: Northeastern UP, 1994.
- MURFIN, Ross C., ed. *Nathaniel Hawthorne: Scarlet Letter, Case Studies in Contemporary Criticism*. NY: St. Martin's, 1991.
- NEWMAN, Lea Vortani Bezar. *A Reader's Guide to the Short Stories of Nathaniel Hawthorne*. Boston: G. K. Hall, 1979.
- PEARSON, Carol, and Katherine Rope. *The Female Hero in American and British Literature*. NY: Bowker, 1981.
- PONDER, Melinda. *Hawthorne's Early Narrative Art*. Lewinston: Edwin Mellen, 1990.
- POWERS, Meredith A. *The Heroine in Western Literature: the Archetype and her Reemergence in Modern Prose*. Jefferson: McFarland, 1991.
- RAILTON, Stephen. *Authorship and Audience: Literary Performance in the American Renaissance*. NJ: Princeton UP, 1991.
- RETALLACK, Joan. *The Poetical Wager*. Berkeley: U of California P, 2003.

- REYNOLDS, David. *Beneath the American Renaissance: the Subversive Imagination in the Age of Emerson and Melville*. NY: Knopf, 1988.
- REYNOLDS, Larry J. *European Revolutions and the American Literary Renaissance*. New Haven: Yale UP, 1988.
- SAMUELS, Shirley, ed. *The Culture of Sentiment: Race, Gender, and Sentimentality in Nineteenth-Century America*. NY: OUP, 1992.
- SEGAL, Naomi. *The Adulteress's Child: Authorship and Desire in the Nineteenth-Century Novel*. Cambridge: Polity, 1992.
- SHELDON, Sara. *Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Woodbury: Barron's, 1984.
- SHINN, Thelma. *Radiant Daughters: Fictional American Women*. NY: Greenwood, 1986.
- SMITH, Stephanie A. *Conceived by Liberty: Maternal Figures and Nineteenth-Century American Literature*. Ithaca: Cornell UP, 1994.
- SOFER, Naomi Z. *Making the "America of Art": Cultural Nationalism and Nineteenth-Century Women Writers*. N.p.: Ohio State UP, 2005.
- SOUSA, Alice Manuela Martins Guimarães Alves de. "Escritores Puritanos Menores: Reflexos do Modo de Vida Ascético e do Panorama Social na Escrita Colonial". Diss. Universidade Aberta, 2001.
- SPRINGER, Marlene, ed. *What Manner of Woman: Essays on English and American Life and Literature*. NY: New York UP, 1977.
- STEELE, Jeffrey, ed. *The Essential Margaret Fuller*. NJ: Rutgers UP, 1992.
- STEINER, Wendy. *Pictures of Romance: Form Against Context in Painting and Literature*. Chicago: U of Chicago P, 1988.
- STODDARD, Hope. *Famous American Women*. NY: Thomas Y. Crowell, 1970.
- SUNSTEIN, Cass K., ed. *Feminism and Political Theory*. Chicago: U of Chicago P, 1989.
- THICKSTUN, Margaret Olofson. *Fictions of the Feminine: Puritan Doctrine and the Representation of Women*. Ithaca: Cornell UP, 1988.
- TONKOVICH, Nicole. *Domesticity with a Difference: the Nonfiction of Catherine Beecher, Sarah J. Hale, Fanny Fern, and Margaret Fuller*. Jackson: UP of Mississippi, 1997.
- WARREN, Joyce W. *The American Narcissus: Individualism and Women in Nineteenth-Century American Fiction*. NJ: Rutgers UP, 1984.

WEINAUER, Ellen. "Considering Possession in *The Scarlet Letter*". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 93-112.

WELTER, Barbara. *Dimity Convictions: The American Woman in the Nineteenth Century*. Athens: Ohio UP, 1976.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism in Literature*. NY: OUP, 1977.

YELLIN, Jean Fagan. *Women and Sisters: the Antislavery Feminists in American Culture*. New Haven: Yale UP, 1989.

ZWARG, Christina. "Womanizing Margaret Fuller: Theorizing a Lover's Discourse". *Cultural Critique* 16 (1990): 161-91.

### **Webgrafia:**

LEIGH, L. "Disruptive Absolutism in *The Blithedale Romance*". *AYJW*. 2002. 10 Dec. 2006  
<<http://ayjw.org/articles.php?id=553695>>.

BATTAN, Jesse F. "You cannot fix the scarlet letter on my breast!": Women Reading, Writing, and Reshaping the Sexual Culture of Victorian America". *Journal of Social History* 37 (2004): 1-43. *FindArticles*. 2004. Gale Group. 10 Dec. 2006  
<[http://www.findarticles.com/p/articles/mi\\_m2005/is\\_3\\_37/ai\\_n6137073](http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2005/is_3_37/ai_n6137073)>.

EVE, Gil. "Gloria Trevi: la Hester Prynne Contemporánea". *Goliath*. 2006. 20 Dec. 2006  
<[http://www.goliath.ecnext.com/coms2/summary\\_0199-1540356\\_itm&referid=2090](http://www.goliath.ecnext.com/coms2/summary_0199-1540356_itm&referid=2090)>.

EATON, Cathy, and Melissa Pennell. "Women in Hawthorne: Introduction". *HawthorneinSalem*. 2006. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/10010/>>.

MILLINGTON, Richard H. "The Meanings of Hawthorne's Women". *HawthorneinSalem*. 2000. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/10482/>>.

PENNELL, Melissa McFarland. "Subverting the Subversive: Hawthorne's Containment of Hester Prynne in *The Scarlet Letter*". *HawthorneinSalem*. 2004. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/12184/>>.

JONES, Emma. "A Comparison Between Hester Prynne, of Nathaniel Hawthorne's *The Scarlet Letter*, and Margaret Fuller, the Mid-Nineteenth-Century Campaigner for the Rights of Women". *Literature-Study-Online*. 2003. 13 Dec. 2006  
<<http://www.literature-study-online.com/essays/hawthorne.html>>.

HEYRMAN, Christine Leigh. "Religion, Women, and the Family in Early America". *NHC*. 2000. 15 Dec. 2006

<<http://www.nhc.rtp.nc.us:8080/tserve/eighteen/ekeyinfo/erelwom.htm>>.

BELL, Millicent. "The Prophecy of Hester Prynne". *NYT*. 2000. 16 Dec. 2006  
<<http://www.nytimes.com/books/00/06/11/bookend.html>>.

BARNA, Mark Richard. "Nathaniel Hawthorne and the Unpardonable Sin". *World and I* Mar. 1998: 325+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002217230>>.

CROUSE, Jamie S. "If They Have a Moral Power': Margaret Fuller, Transcendentalism, and the Question of Women's Moral Nature". *American Transcendental Quarterly* 19 (2005): 259+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5013940334>>.

DONOGHUE, Denis. "Hawthorne and Sin". *Christianity and Literature* 52 (2003): 215+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002539423>>.

FARR, Judith. "Haunted Hawthorne". *The Wilson Quarterly* Winter 2004: 121+. *Questia*. 2006. Gale Group. 13 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002069235>>.

JR., Ken Egan. "The Adulteress in the Market-Place: Hawthorne and *The Scarlet Letter*". *Studies in the Novel* 27 (1995): 26-41. *Questia*. 2006. Gale Group. 13 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5000309989>>.

LINGEMAN, Richard. "The Haunting". *The Nation* 12 Jan. 2004: 38. *Questia*. 2006. Gale Group. 14 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002575169>>.

ONDERDONK, Todd. "The Marble Mothers': Hawthorne's Iconographies of the Feminine". *Studies in American Fiction* 31 (2003): 73-100. *Questia*. 2006. Gale Group. 14 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001963204>>.

PERSON, Leland S. "The Dark Labyrinth of Mind: Hawthorne, Hester and the Ironies of Racial Mothering". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 33+. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001998725>>.

PRITCHARD, William H. "Hawthorne: Shy Writer Was Enchantingly Apart". *World and I* Dec. 2004: 18. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5009049134>>.

REISS, John. "Hawthorne's *The Scarlet Letter*". *Explicator* 53 (1995): 200+. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=98292539>>.

TIMKO, Michael. "Margaret Fuller- Forgotten American Heroine". *World and I* Nov. 2002: 290+. *Questia*. 2006. Gale Group. 16 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002500815>>.



WINSHIP, Michael. "Hawthorne and the Scribbling Women: Publishing *The Scarlet Letter* in the Nineteenth Century United States". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 37. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001998717>>.

GRANT, William E. "Hawthorne's *Hamlet*: The Archetypal Structure of *The Blithedale Romance*". *RMMLA*. 2006. 17 Dec. 2006  
<<http://rmmla.wsu.edu/ereview/archives/31/grant.asp>>.

HEATH, William. "The Power of Passion: Hawthorne's Tales of Thwarted Desire". *The Cortland Review*. 1999. 16 Dec. 2006  
<<http://cortlandreview.com/issuethree/heath3.htm>>.

GOODWIN, Joan. "Margaret Fuller". *UUHS*. 1999. 17 Dec. 2006  
<<http://www.uua.org/uuhs/duub/articles/margaretfuller.html>>.

RITCHIE, Susan. "The Peabody Sisters". *UUHS*. 1999. 17 Dec. 2006  
<<http://www.uua.org/uuhs/duub/articles/peabodysisters.html>>.

ELLIS, Barbara. "Some Observations About Hawthorne's Women". *Willa*. Ed. Patricia Kelly. 1993. 16 Dec. 2006  
<<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/old-willa/fall93/k-ellis.html>>.

### **Filmografia:**

*The Scarlet Letter*. Dir. Robert Vignola. Perf. Colleen Moore, Hardie Albright, Henry B. Walthall, Cora Sue Collins, Alan Hale. Alpha Video, 2003.

*The Scarlet Letter*. Dir. Wim Wenders. Perf. Senta Berger, Hans Christian Blech, Lou Castel, Yelina Samarina, Yella Rottlander. Pacific Arts, 1998.

*The Scarlet Letter*. Dir. Roland Joffé. Perf. Demi Moore, Gary Oldman. Hollywood Pictures Home Video, 2002.











## **Bibliografia:**

Sobre Nathaniel Hawthorne

BAYM, Nina. "Nathaniel Hawthorne and His Mother: A Biographical Speculation". *American Literature* 54 (1982): 1-27.

---. *The Shape of Hawthorne's Career*. Ithaca: Cornell UP, 1976.

BELL, Michael Davitt. *Hawthorne and the Historical Romance of New England*. NJ: Princeton UP, 1971.

BELL, Millicent, ed. *Hawthorne and the Real: Bicentennial Essays*. Columbus: Ohio State UP, 2005.

---. *Hawthorne's View of the Artist*. Albany: State U of New York P, 1962.

CADY, Edwin H., and Louis J: Budd, eds. *On Hawthorne: The Best from American Literature*. Durham: Duke UP, 1990.

CARLSON, Patricia Ann. *Hawthorne's Functional Settings: a Study of Artistic Method*. Amsterdam: Rodopi, 1977.

CHARVAT, William, et al., eds. *The Centenary Edition of the Works of Nathaniel Hawthorne*. 23 vols. Columbus: Ohio State UP, 1963.

CREWS, Frederick. *The Sins of the Fathers: Hawthorne's Psychological Themes*. Berkeley: U of California P, 1989.

CROWLEY, J. Donald. *Nathaniel Hawthorne: The Critical Heritage*. London: Routledge, 1997.

DAUBER, Kenneth. *Rediscovering Hawthorne*. NJ: Princeton UP, 1977.

DESALVO, Louise. *Nathaniel Hawthorne*. Atlantic Highlands: Humanities P International, 1987.

DONOHUE, Agnes McNeill. *Hawthorne: Calvin's Ironic Stepchild*. Kent: Kent State UP, 1985.

EASTON, Alison. *The Making of the Hawthorne Subject*. Columbia: U of Missouri P, 1996.

FICK, Leonard J. *The Light Beyond: a Study of Hawthorne's Theology*. Westminster: Newman P, 1955.

GALE, Robert L. *A Nathaniel Hawthorne Encyclopedia*. Westport: Greenwood, 1991.

GOLLIN, Rita. *Nathaniel Hawthorne and the Truth of Dreams*. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1979.

GOLLIN, Rita, and John Idol. *Prophetic Pictures: Nathaniel Hawthorne and the Uses of the Visual Arts*. NY: Greenwood, 1991.

GORMAN, Herbert. *Hawthorne: A Study in Solitude*. NY: Biblo, 1966.

GREENWALD, Elissa. *Realism and the Romance: Nathaniel Hawthorne, Henry James, and American Fiction*. Ann Arbor: UMI Research, 1989.

HALL, Lawrence Sargent. *Hawthorne: Critic of Society*. New Haven: Yale UP, 1944.

HAWTHORNE, Julian. *Nathaniel Hawthorne and His Wife: A Biography*. 2 vols. Boston, 1884.

HERBERT, T. Walter. *Dearest Beloved: The Hawthornes and the Making of the Middle-Class Family*. Berkeley: U California P, 1993.

IDOL, John L., Jr., and Buford Jones, eds. *Nathaniel Hawthorne: The Contemporary Reviews*. NY: Cambridge UP, 1994.

IDOL, John L., Jr., and Melinda Ponder, eds. *Hawthorne and Women: Engendering and Expanding the Hawthorne Tradition*. Amherst: U of Massachusetts P, 1999.

JACOBSEN, Richard J. *Hawthorne's Conception of the Creative Process*. Cambridge: Harvard UP, 1965.

JR., Person Leland S. *Aesthetic Headaches: Women and a Masculine Poetics in Poe, Melville, and Hawthorne*. Athens: U of Georgia P, 1988.

KESSELRING, Marion L. *Hawthorne's Reading, 1828-1850*. NY: New York Public Library, 1949.

LATHROP, George P. *A Study of Hawthorne*. Boston, 1876.

LATHROP, Rose Hawthorne. *Memories of Hawthorne*. Boston, 1897.

LEE, A. Robert, ed. *Nathaniel Hawthorne: New Critical Essays*. NY: Barnes, 1982.

LLOYD- Smith, A.G. *Eve Tempted: Writing and Sexuality in Hawthorne's Fiction*. London: Croom Helm, 1984.

MALE, Roy R. *Hawthorne's Tragic Vision*. NY: Norton, 1957.

MCFARLAND, Philip. *Hawthorne in Concord*. NY: Grove P, 2004.

MELLOW, James R. *Nathaniel Hawthorne in His Times*. Boston: Houghton Mifflin, 1980.



MILLINGTON, Richard H., ed. *The Cambridge Companion to Nathaniel Hawthorne*. Cambridge: Cambridge UP, 2004.

MITCHELL, Thomas R. *Hawthorne's Fuller Mystery*. Amherst: U of Massachusetts P, 1998.

MOORE, Margaret B. *The Salem World of Nathaniel Hawthorne*. Missouri: U of Missouri P, 1998.

NORMAND, Jean. *Nathaniel Hawthorne: an Approach to an Analysis of Artistic Creation*. London: P of Case Western Reserve U, 1970.

PFISTER, Joel. *The Production of Personal Life: Class, Gender, and the Psychological in Hawthorne's Fiction*. Stanford: Stanford U, 1991.

REYNOLDS, Larry J., ed. *A Historical Guide to Nathaniel Hawthorne*. NY: OUP, 2001.

RUBY, Pollock Beth. "The Representation of Utopia: Hawthorne and the Female Medium". Diss. U of California, 1988.

STEWART, Randall. *Nathaniel Hawthorne: a Biography*. New Haven: Yale UP, 1948.

THARPE, Jac. *Nathaniel Hawthorne: Identity and Knowledge*. Carbondale: Southern Illinois UP, 1967.

TURNER, Arlin. *Nathaniel Hawthorne: a Biography*. NY: OUP, 1980.

---. *Nathaniel Hawthorne: an Introduction and Interpretation*. NY: Holt, 1961.

WAGONNER, Hyatt H. *Hawthorne: A Critical Study*. Cambridge: Belknap P of Harvard UP, 1963.

Geral

ADAMS, Dena Wills. "Female Inheritors of Hawthorne's New England Literary Tradition". Diss. U of North Texas, 1994.

ALLEN, Margaret Vanderhaar. *The Achievement of Margaret Fuller*. University Park: Pennsylvania State UP, 1979.

ALSEN, Eberhard. "The Ambitious Experiment of Dr. Rappaccini". *American Literature* (1971): 430-31.

ARAC, Jonathan. "The Politics of *The Scarlet Letter*". *Ideology and Classic American Literature*. Ed. Sacvan Bercovitch and Myra Jehlen. NY: Cambridge UP, 1986. 247-66.

ARMSTRONG, Judith. *The Novel of Adultery*. London: Macmillan, 1976.

ARVIN, Newton, ed. "Lady Eleanore's Mantle". *Hawthorne's Short Stories*. NY: Knopf, 1946. 108-21.

---. "Rappaccini's Daughter". *Hawthorne's Short Stories*. NY: Knopf, 1946. 206-34.

AUERBACH, Nina. *Woman and the Demon: the Life of a Victorian Myth*. Cambridge: Harvard UP, 1982.

BARDES, Barbara, and Suzanne Gossett. *Declarations of Independence: Women and Political Power in Nineteenth-Century American Fiction*. New Brunswick: Rutgers UP, 1990.

BARLOWE, Jamie. "Rereading Women: Hester Prynne-ism and the Scarlet Mob of Scribblers". *American Literary History* 9 (1997): 197-225.

---. *The Scarlet Mob of Scribblers: Rereading Hester Prynne*. Carbondale: Southern Illinois UP, 2000.

BARNETT, Louise K. *Authority and Speech: Language, Society and Self in the American Novel*. Athens: U of Georgia P, 1993.

BAYM, Nina. "Hawthorne's Women: The Tyranny of Social Myths". *Centennial Review* 15 (1971): 250-72.

---. "Melodramas of Beset Manhood: How Theories of American Fiction Exclude Women Authors". *American Quarterly* 33 (1981): 123-39.

---. *Novels, Readers, and Reviewers: Responses to Fiction in Antebellum America*. Ithaca: Cornell UP, 1984.

---. "Passion and Authority in *The Scarlet Letter*". *New England Quarterly* 43 (1970): 209-30.

---. *"The Scarlet Letter": a Reading*. Boston: Twayne, 1986.

BELL, Millicent, ed. "Introduction". *New Essays on Hawthorne's Major Tales*. NY: Cambridge UP, 1993. 1-35.

---. "World Lit Hawthorne: Or, Re-Allegorizing 'Rappaccini's Daughter'". *New Essays on Hawthorne's Major Tales*. NY: Cambridge UP, 1993. 67-79.

BERCOVITCH, Sacvan and Myra Jehlen, eds. *Ideology and Classic American Literature*. NY: Cambridge UP, 1986

BERCOVITCH, Sacvan. *The Office of "The Scarlet Letter"*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1991.

BERLANT, Lauren. "Fantasies of Utopia in *The Blithedale Romance*". *American Literary History* 1 (1989): 30-62.

---. *The Anatomy of National Fantasy: Hawthorne, Utopia, and Everyday Life*. Chicago: U of Chicago P, 1991.

BIGSBY, Christopher. *Hester: A Novel*. Hammondsworth: Penguin, 1994.

BLOOM, Harold, ed. *Major Literary Characters: Hester Prynne*. NY: Chelsea House, 1990.

---. *Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter": Bloom's Notes*. N.p.: Chelsea House, 1996.

BOMARITO, Jessica, and Jeffrey W. Hunter, eds. "Women's Literature in the 19<sup>th</sup> Century: Introduction". *Feminism in Literature*. N.p.: Thomson Gale, 2006.

BOYD, Anne E. *Writing for Immortality: Women Writers and the Emergence of High Literary Culture in America*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 2004.

BRENZO, Richard. "Beatrice Rappaccini: A Victim of Male Love and Horror". *American Literature* (1976): 152-64.

BRODHEAD, Richard H. "Veiled Ladies: Toward a History of Antebellum Entertainment". *American Literary History* (1989): 273-94.

BROWNMILLER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. NY: Bantam, 1975.

BROWNSTEIN, Rachel. *Becoming a Heroine: Reading about Women in Novels*. NY: Viking P, 1992.

BRUCE, F.F. *The English Bible: a History of Translations*. NY: OUP, 1961.

BRUMM, Ursula. *American Thought and Religious Typology*. New Brunswick: Rutgers UP 1970.

BUDICK, Emily Miller. *Engendering Romance: Women Writers and the Hawthorne Tradition, 1850-1990*. New Haven: Yale UP, 1994.

BUREN, Jane Silverman Van. *The Modernist Madonna: Semiotics of the Maternal Metaphor*. Bloomington: Indiana UP, 1989.

CAMFIELD, Gregg. *Necessary Madness: the Humour of Domesticity in Nineteenth-Century American Literature*. NY: OUP, 1997.

CAPPER, Charles M. *Margaret Fuller: an American Romantic Life*. NY: OUP, 1992.

CARTON, Evan. *The Marble Faun: Hawthorne's Transformations*. NY: Twayne, 1992.

CHARVAT, William. *The Profession of Authorship in America, 1800-1870: The Papers of William Charvat*. Ed. Matthew J. Bruccoli. Columbus: Ohio State UP, 1968.

CHERRY, Fanny N. "A Note on the Source of Hawthorne's 'Lady Eleanore's Mantle'". *American Literature* (1999): 437-39.

CLACK, Randall A. *The Marriage of Heaven and Hearth: Alchemical Regeneration in the Works of Taylor, Poe, Hawthorne and Fuller*. Westport: Greenwood P, 2000.

CLINTON, Catherine, and Christine Lunardini. *The Columbia Guide to American Women in the Nineteenth Century*. NY: Columbia UP, 2000.

COALE, Samuel Chase. *Mesmerism and Hawthorne: Mediums of American Romance*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 1998.

COHEN, B. Bernard, ed. "Hyatt H. Waggoner, *The Marble Faun* (Hawthorne, 1963)". *The Recognition of Nathaniel Hawthorne*. Ann Arbor: U of Michigan P, 1969. 243-57.

---. "William Dean Howells, From *Heroines of Fiction* (1901)". *The Recognition of Nathaniel Hawthorne*. N.p.: U of Michigan P, 1969. 134-38.

COLACURCIO, Michael J. "Footsteps of Ann Hutchinson: The Context of *The Scarlet Letter*". *ELH* 39 (1972): 459-92.

---. *The Province of Piety: Moral History in Hawthorne's Early Tales*. Cambridge: Harvard UP, 1984.

---. "The Woman's Own Choice: Sex, Metaphor and the Puritan 'Sources' of *The Scarlet Letter*". *New Essays on "The Scarlet Letter"*. Ed. Michael J. Colacurcio. NY: Cambridge UP, 1985. 101-36.

COOPER, Allene. "The Discourse of Romance, Truth and Fantasy in Hawthorne's Point of View". *Studies in Short Fiction* (1991): 500-01.

COTT, Nancy. *The Bonds of Womanhood*. New Haven: Yale UP, 1977.

CURTIS, George W. "The Works of Nathaniel Hawthorne". *North American Review* 99 (1864): 539-57.

DANIELS, Bruce C. "Hollywood's Hester Prynne: *The Scarlet Letter* and Puritanism in the Movies". *Canadian Review of American Studies* (1999): 27-56.

DERRICK, Scott S. *Monumental Anxieties: Homoerotic Desire and Feminine Influence in 19<sup>th</sup> Century U.S. Literature*. NJ: Rutgers UP, 1997.

DICKENSON, Donna. *Woman in the Nineteenth Century and Other Writings*. NY: OUP, 1994.

DOREN, Mark Van. "*The Scarlet Letter*": *Nathaniel Hawthorne*. NY: William Sloane, 1949. 146-56.

DOUBLEDAY, Neal Frank. "Lady Eleanore's Mantle". *Hawthorne's Early Tales: a Critical Study*. Durham: Duke UP, 1972. 128-30.

DOWD, Wienk Marilyn. "Hawthorne's Heroines and the Feminine Ideal: the Four Major Romances in the Context of Nineteenth-Century Women's Novels". Diss. State U of New York, 1989.

ELBERT, Monika M., ed. *Encoding the Letter "A": Gender and Authority in Hawthorne's Early Fiction*. Germany: Haag und Herchen, 1990.

---, ed. *Separate Spheres no More: Gender Convergence in American Literature, 1830-1930*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 2000.

EMERSON, Ralph Waldo, William Henry Channing, and James Freeman Clarke. *Memoirs of Margaret Fuller Ossoli*. 2 vols. NY: Burt Franklin, 1972.

ERLICH, Gloria. *Family Themes and Hawthorne's Fiction: the Tenacious Web*. New Brunswick: Rutgers UP, 1984.

FETTERLEY, Judith. *The Resisting Reader: A Feminist Approach to American Fiction*. Bloomington: Indiana UP, 1978.

FIEDLER, Leslie A. *Love and Death in the American Novel*. NY: Stein, 1966.

FISHER, Jerilyn, and Ellen S. Silber, eds. *Women in Literature: Reading through the Lens of Gender*. Westport: Greenwood P, 2003.

FLEISCHMANN, Fritz, ed. *American Novelists Revisited: Essays in Feminist Criticism*. Boston: G. K. Hall, 1982.

FLEISCHNER, Jennifer. "Hawthorne and the Politics of Slavery". *Studies in the Novel* 4 (1991): 96-106.

FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish*. Trans. Alan Sheridan. NY: Pantheon, 1977.

FOWLER, Lois Josephs, ed. *Insight: American Literature*. NY: Noble, 1968.

FOWLKES, Diane and Charlotte S. McClure, eds. *Feminist Visions: Toward a Transformation of the Liberal Arts Curriculum*. University: U of Alabama P, 1984.

FRYER, Judith. *The Faces of Eve: Women in the Nineteenth-Century American Novel*. NY: Oxford UP, 1976.

FULLER, Margaret. *The Essential Margaret Fuller*. Ed. Jeffrey Steele. NJ: Rutgers UP, 1992.

GABLER-HOVER, Janet. *Truth in American Fiction: the Legacy of Rhetorical Idealism*. Athens: U of Georgia P, 1990.

GATTA, John. *American Madonna: Images of the Divine Woman in Literary Culture*. NY: OUP, 1997.

GEDGE, Karin E. *Without Benefit of Clergy: Women and the Pastoral Relationship in Nineteenth-Century American Culture*. NY: OUP, 2003.

GERBER, John C., ed. *Twentieth-Century Interpretations of "The Scarlet Letter"*. NJ: Prentice, 1968.

GIBALDI, Joseph. *MLA Handbook for Writers of Research Papers*. 6<sup>th</sup> ed. NY: MLA, 2003.

GILMORE, Michael T. *Surface and Depth: The Quest for Legibility in American Culture*. NY: OUP, 2003.

GOLLIN, Rita, ed. *The Scarlet Letter*. Boston: Houghton, 2001.

GRASSO, Linda M. *The Artistry of Anger: Black and White Women's Literature in America, 1820-1860*. Chapel Hill: U of North Carolina P, 2002.

GREENWALD, Elissa. "Hawthorne and Judaism: Otherness and Identity in *The Marble Faun*". *Studies in the Novel* (1991): 128-37.

GROSS, Seymour L., ed. *A Scarlet Letter Handbook*. Belmont: Wadsworth, 1960.

---. *The Scarlet Letter: An Authoritative Text, Essays in Criticism and Scholarship*. NY: Norton, 1988.

HALLER, John and Robin Hailer. *The Physician and Sexuality in Victorian America*. Urbana: U of Illinois P, 1978.

HARAP, Louis. *The Image of the Jew in American Literature*. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1974.

HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs, and Women: the Reinvention of Nature*. NY: Routledge, 1991.

HARRIS, Kenneth Marc. *Hypocrisy and Self-Deception in Hawthorne's Fiction*. Charlottesville: UP of Virginia, 1988.

HARRIS, Sharon M., ed. *American Women Writers to 1800*. NY: OUP, 1996.

HAWTHORNE, Nathaniel. *The Blithedale Romance*. NY: Norton, 1978.

---. *The Marble Faun*. NY: Dell, 1960.

---. *The Scarlet Letter*. Hertfordshire: Wordsworth Classics, 1992.

HEILBRUN, Carolyn G. *Toward a Recognition of Androgyny*. NY: Knopf, 1972.

HERBERT, T. Walter. "Pornographic Manhood and *The Scarlet Letter*". *Studies in the Novel* 29 (2001): 113-20.

- HODGES, Elizabeth Perry. "The Letter of the Law: Reading Hawthorne and the Law of Adultery". *Law and Literature Perspectives*. NY: Peter Lang, 1996.
- HOWE, Irving. *Politics and the Novel*. NY: Horizon P, 1957.
- HOWELLS, W. D. *Heroines of Fiction*. NY: Harper, 1901.
- HUDSPETH, Robert N., ed. *The Letters of Margaret Fuller*. 6 vols. NY: Cornell UP, 1983.
- HUTNER, Gordon. *Secrets and Sympathy: Forms of Disclosure in Hawthorne's Novels*. Athens: U of Georgia P, 1988.
- JACKSON, Carl T. *The Original Religions in American Thought*. London: Greenwood, 1981.
- JOHNSON, Claudia Durst. *The Productive Tension of Hawthorne's Art*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 1981.
- . *Understanding "The Scarlet Letter": A Student Casebook to Issues, Sources, and Historical Documents*. Westport: Greenwood P, 1995.
- JONES, E. Michael. "The Blithedale Romance and the Wreck of Human Nature". *The Angel and the Machine: the Rational Psychology of Nathaniel Hawthorne*. Illinois: Sherwood, 1991. 175-87.
- JONES, Ernest. *Hamlet and Oedipus*. NY: n.p., 1959.
- KARLSEN, Carol F. *The Devil in the Shape of a Woman: Witchcraft in Colonial New England*. Scranton: W.W. Norton, 1998.
- KEARNS, Francis E. "Margaret Fuller As a Model for Hester Prynne". *Jahrbuch fur Amerikastudien* 10 (1965): 191-97.
- KENNEDY-ANDREWS, Elmer. *Nathaniel Hawthorne: "The Scarlet Letter"*. NY: Columbia UP, 1999.
- KERKERING, John D. *The Poetics of National and Racial Identity in Nineteenth-Century American Literature*. Cambridge: Cambridge UP, 2003.
- KERTZER, David I. *The Kidnapping of Edgardo Mortara*. NY: Knopf, 1997.
- KESTERSON, David B., ed. *Critical Essays on Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Boston: G. K. Hall, 1988.
- KNIGHT, Denise D., and Emmanuel S. Nelson, eds. *Nineteenth-Century American Women Writers: A Bio-bibliographical Critical Sourcebook*. Westport: Greenwood P, 1997.

KOLICH, Augustus M. "Miriam and the Conversion of the Jews in Nathaniel Hawthorne's *The Marble Faun*". *Studies in the Novel* (2001): 430-40.

KRADITOR, Aileen S. *Up from the Pedestal: Selected Writings in the History of American Feminism*. Chicago: Quadrangle, 1968.

LANG, Amy. *Prophetic Woman: Anne Hutchinson and the Problem of Dissent in the Literature of New England*. Berkeley: U of California P, 1987.

LEVERENZ, David. "Mrs. Hawthorne's Headache: Reading *The Scarlet Letter*". *Nineteenth-Century Fiction* 37 (1983): 552-75.

LUEDTKE, Luther S. *Nathaniel Hawthorne and the Romance of the Orient*. Bloomington: Indiana UP, 1989.

MANNINO, Mary Ann Vigilante. *Revisionary Identities: Strategies of Empowerment in the Writing of Italian/American Women*. NY: Peter Lang, 2000.

MARTIN, Robert K. "Hester Prynne, C'est Moi: Nathaniel Hawthorne and the Anxieties of Gender". *Engendering Men: The Question of Male Feminist Criticism*. Eds. Joseph A. Boone and Michael Cadden. NY: Routledge, 1990. 122-39.

MCNEAL, Thomas H. "Poe's Zenobia: An Early Satire on Margaret Fuller". *Modern Language Quarterly* (1980): 214-16.

MILDER, Robert. "*The Scarlet Letter* and Its Discontents". *Nathaniel Hawthorne Review* 22 (1996): 9-25.

MILLIMAN, Craig A. "Hawthorne's *The Scarlet Letter*". *Explicator* (1995): 83-05.

MILLINGTON, Richard H. *Practicing Romance: Narrative Form and Cultural Engagement in Hawthorne's Fiction*. NJ: Princeton UP, 1992.

MOORE, Thomas R. *A Thick and Darksome Veil: the Rhetoric of Hawthorne's Sketches, Prefaces, and Essays*. Boston: Northeastern UP, 1994.

MURFIN, Ross C., ed. *Nathaniel Hawthorne: Scarlet Letter, Case Studies in Contemporary Criticism*. NY: St. Martin's, 1991.

NEWMAN, Lea Vortani Bezar. *A Reader's Guide to the Short Stories of Nathaniel Hawthorne*. Boston: G. K. Hall, 1979.

PEARSON, Carol, and Katherine Rope. *The Female Hero in American and British Literature*. NY: Bowker, 1981.

PONDER, Melinda. *Hawthorne's Early Narrative Art*. Lewinston: Edwin Mellen, 1990.

POWERS, Meredith A. *The Heroine in Western Literature: the Archetype and her Reemergence in Modern Prose*. Jefferson: McFarland, 1991.



RAILTON, Stephen. *Authorship and Audience: Literary Performance in the American Renaissance*. NJ: Princeton UP, 1991.

REID, Alfred S. "*The Yellow Ruff*" & "*The Scarlet Letter*": *A Source of Hawthorne's Novel*. Gainesville: U of Florida P, 1955.

RETALLACK, Joan. *The Poetical Wager*. Berkeley: U of California P, 2003.

REYNOLDS, David. *Beneath the American Renaissance: the Subversive Imagination in the Age of Emerson and Melville*. NY: Knopf, 1988.

REYNOLDS, Larry J. *European Revolutions and the American Literary Renaissance*. New Haven: Yale UP, 1988.

SAMUELS, Shirley, ed. *The Culture of Sentiment: Race, Gender, and Sentimentality in Nineteenth-Century America*. NY: OUP, 1992.

SCHARNHORST, Gary, ed. *The Critical Response to Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Westport: Greenwood, 1992.

SCHILLER, Emily. "The Choice of Innocence: Hilda in *The Marble Faun*". *Studies in the Novel* (1994): 372-88.

SEGAL, Naomi. *The Adulteress's Child: Authorship and Desire in the Nineteenth-Century Novel*. Cambridge: Polity, 1992.

SHELDON, Sara. *Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Woodbury: Barron's, 1984.

SHINN, Thelma. *Radiant Daughters: Fictional American Women*. NY: Greenwood, 1986.

SMITH, Allan Gardner Lloyd. *Eve Tempted: Writing and Sexuality in Hawthorne's Fiction*. NJ: Barnes, 1984.

SMITH, Stephanie A. *Conceived by Liberty: Maternal Figures and Nineteenth-Century American Literature*. Ithaca: Cornell UP, 1994.

SOFER, Naomi Z. *Making the "America of Art": Cultural Nationalism and Nineteenth-Century Women Writers*. N.p.: Ohio State UP, 2005.

SOUSA, Alice Manuela Martins Guimarães Alves de. "Escritores Puritanos Menores: Reflexos do Modo de Vida Ascético e do Panorama Social na Escrita Colonial". Diss. Universidade Aberta, 2001.

SPRINGER, Marlene, ed. *What Manner of Woman: Essays on English and American Life and Literature*. NY: New York UP, 1977.

STEELE, Jeffrey, ed. *The Essential Margaret Fuller*. NJ: Rutgers UP, 1992.

STEINER, Wendy. *Pictures of Romance: Form Against Context in Painting and Literature*. Chicago: U of Chicago P, 1988.

STERN, Milton. *Contexts for Hawthorne: The Marble Faun and the Politics of Openness and Closure in American Literature*. Urbana: U of Illinois P, 1991.

STODDARD, Hope. *Famous American Women*. NY: Thomas Y. Crowell, 1970.

STUBBS, John Caldwell. *The Pursuit of Form: a Study of Hawthorne and the Romance*. Urbana: U of Illinois P, 1970.

SUNSTEIN, Cass K., ed. *Feminism and Political Theory*. Chicago: U of Chicago P, 1989.

SWANN, Charles. "Hester and the Second Coming: A Note on the Conclusion to *The Scarlet Letter*". *Journal of American Studies* 21 (1987): 264-68.

THICKSTUN, Margaret Olofson. *Fictions of the Feminine: Puritan Doctrine and the Representation of Women*. Ithaca: Cornell UP, 1988.

THORNTON, Ellen. "Hawthorne's *The Blithedale Romance*". *Explicator* (1998): 188-89.

TONKOVICH, Nicole. *Domesticity with a Difference: the Nonfiction of Catherine Beecher, Sarah J. Hale, Fanny Fern, and Margaret Fuller*. Jackson: UP of Mississippi, 1997.

TURNER, Arlin. *The Merrill Studies in "The Scarlet Letter"*. Ohio: C. E. Merrill, 1970.

WALLACE, James D. "Hawthorne and the Scribbling Women Reconsidered". *American Literature* 62 (1990): 201-22.

WARREN, Joyce W. *The American Narcissus: Individualism and Women in Nineteenth-Century American Fiction*. NJ: Rutgers UP, 1984.

WEINAUER, Ellen. "Considering Possession in *The Scarlet Letter*". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 93-112.

WELTER, Barbara. *Dimity Convictions: The American Woman in the Nineteenth Century*. Athens: Ohio UP, 1976.

WHITE, Sidney Howard. *Barron's Simplified Approach to Hawthorne: "The Scarlet Letter"*. NY: Barron's Educational Series, 1967.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism in Literature*. NY: OUP, 1977.

YELLIN, Jean Fagan. *Women and Sisters: the Antislavery Feminists in American Culture*. New Haven: Yale UP, 1989.

ZWARG, Christina. "Womanizing Margaret Fuller: Theorizing a Lover's Discourse". *Cultural Critique* 16 (1990): 161-91.

### **Webgrafia:**

LEIGH, L. "Disruptive Absolutism in *The Blithedale Romance*". *AYJW*. 2002. 10 Dec. 2006  
<<http://ayjw.org/articles.php?id=553695>>.

BATTAN, Jesse F. "You cannot fix the scarlet letter on my breast!": Women Reading, Writing, and Reshaping the Sexual Culture of Victorian America". *Journal of Social History* 37 (2004): 1-43. *FindArticles*. 2004. Gale Group. 10 Dec. 2006  
<[http://www.findarticles.com/p/articles/mi\\_m2005/is\\_3\\_37/ai\\_n6137073](http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2005/is_3_37/ai_n6137073)>.

EVE, Gil. "Gloria Trevi: la Hester Prynne Contemporánea". *Goliath*. 2006. 20 Dec. 2006  
<[http://www.goliath.ecnext.com/coms2/summary\\_0199-1540356\\_itm&referid=2090](http://www.goliath.ecnext.com/coms2/summary_0199-1540356_itm&referid=2090)>.

EATON, Cathy, and Melissa Pennell. "Women in Hawthorne: Introduction". *HawthorneinSalem*. 2006. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/10010/>>.

MILLINGTON, Richard H. "The Meanings of Hawthorne's Women". *HawthorneinSalem*. 2000. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/10482/>>.

PENNELL, Melissa McFarland. "Subverting the Subversive: Hawthorne's Containment of Hester Prynne in *The Scarlet Letter*". *HawthorneinSalem*. 2004. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/12184/>>.

JONES, Emma. "A Comparison Between Hester Prynne, of Nathaniel Hawthorne's *The Scarlet Letter*, and Margaret Fuller, the Mid-Nineteenth-Century Campaigner for the Rights of Women". *Literature-Study-Online*. 2003. 13 Dec. 2006  
<<http://www.literature-study-online.com/essays/hawthorne.html>>.

HEYRMAN, Christine Leigh. "Religion, Women, and the Family in Early America". *NHC*. 2000. 15 Dec. 2006  
<<http://www.nhc.rtp.nc.us:8080/tserve/eighteen/ekeyinfo/erelwom.htm>>.

BELL, Millicent. "The Prophecy of Hester Prynne". *NYT*. 2000. 16 Dec. 2006  
<<http://www.nytimes.com/books/00/06/11/bookend.html>>.

BARNA, Mark Richard. "Nathaniel Hawthorne and the Unpardonable Sin". *World and I* Mar. 1998: 325+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002217230>>.

CROUSE, Jamie S. "If They Have a Moral Power': Margaret Fuller, Transcendentalism, and the Question of Women's Moral Nature". *American Transcendental Quarterly* 19 (2005): 259+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5013940334>>.

DONOGHUE, Denis. "Hawthorne and Sin". *Christianity and Literature* 52 (2003): 215+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002539423>>.

FARR, Judith. "Haunted Hawthorne". *The Wilson Quarterly* Winter 2004: 121+. *Questia*. 2006. Gale Group. 13 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002069235>>.

JR., Ken Egan. "The Adulteress in the Market-Place: Hawthorne and *The Scarlet Letter*". *Studies in the Novel* 27 (1995): 26-41. *Questia*. 2006. Gale Group. 13 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5000309989>>.

LINGEMAN, Richard. "The Haunting". *The Nation* 12 Jan. 2004: 38. *Questia*. 2006. Gale Group. 14 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002575169>>.

ONDERDONK, Todd. "The Marble Mothers': Hawthorne's Iconographies of the Feminine". *Studies in American Fiction* 31 (2003): 73-100. *Questia*. 2006. Gale Group. 14 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001963204>>.

PERSON, Leland S. "The Dark Labyrinth of Mind: Hawthorne, Hester and the Ironies of Racial Mothering". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 33+. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001998725>>.

PRITCHARD, William H. "Hawthorne: Shy Writer Was Enchantingly Apart". *World and I* Dec. 2004: 18. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5009049134>>.

REISS, John. "Hawthorne's *The Scarlet Letter*". *Explicator* 53 (1995): 200+. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=98292539>>.

TIMKO, Michael. "Margaret Fuller- Forgotten American Heroine". *World and I* Nov. 2002: 290+. *Questia*. 2006. Gale Group. 16 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002500815>>.

WINSHIP, Michael. "Hawthorne and the Scribbling Women: Publishing *The Scarlet Letter* in the Nineteenth Century United States". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 37. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001998717>>.

GRANT, William E. "Hawthorne's *Hamlet*: The Archetypal Structure of *The Blithedale Romance*". *RMMLA*. 2006. 17 Dec. 2006 <<http://rmmla.wsu.edu/ereview/archives/31/grant.asp>>.

HEATH, William. "The Power of Passion: Hawthorne's Tales of Thwarted Desire". *The Cortland Review*. 1999. 16 Dec. 2006  
<<http://cortlandreview.com/issuethree/heath3.htm>>.

GOODWIN, Joan. "Margaret Fuller". *UUHS*. 1999. 17 Dec. 2006  
<<http://www.uua.org/uuhs/duub/articles/margaretfuller.html>>.

RITCHIE, Susan. "The Peabody Sisters". *UUHS*. 1999. 17 Dec. 2006  
<<http://www.uua.org/uuhs/duub/articles/peabodysisters.html>>.

ELLIS, Barbara. "Some Observations About Hawthorne's Women". *Willa*. Ed. Patricia Kelly. 1993. 16 Dec. 2006  
<<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/old-willa/fall93/k-ellis.html>>.

### **Filmografia:**

*The Scarlet Letter*. Dir. Roland Joffé. Perf. Demi Moore, Gary Oldman. Hollywood Pictures Home Video, 2002.



































































































**Bibliografia:**

Sobre Nathaniel Hawthorne

BAYM, Nina. "Nathaniel Hawthorne and His Mother: A Biographical Speculation". *American Literature* 54 (1982): 1-27.

---. *The Shape of Hawthorne's Career*. Ithaca: Cornell UP, 1976.

BELL, Michael Davitt. *Hawthorne and the Historical Romance of New England*. NJ: Princeton UP, 1971.

BELL, Millicent, ed. *Hawthorne and the Real: Bicentennial Essays*. Columbus: Ohio State UP, 2005.

---. *Hawthorne's View of the Artist*. Albany: State U of New York P, 1962.

CADY, Edwin H., and Louis J: Budd, eds. *On Hawthorne: The Best from American Literature*. Durham: Duke UP, 1990.

CARLSON, Patricia Ann. *Hawthorne's Functional Settings: a Study of Artistic Method*. Amsterdam: Rodopi, 1977.

CHARVAT, William, et al., eds. *The Centenary Edition of the Works of Nathaniel Hawthorne*. 23 vols. Columbus: Ohio State UP, 1963.

CREWS, Frederick. *The Sins of the Fathers: Hawthorne's Psychological Themes*. Berkeley: U of California P, 1989.

CROWLEY, J. Donald. *Nathaniel Hawthorne: The Critical Heritage*. London: Routledge, 1997.

DAUBER, Kenneth. *Rediscovering Hawthorne*. NJ: Princeton UP, 1977.

DESALVO, Louise. *Nathaniel Hawthorne*. Atlantic Highlands: Humanities P International, 1987.

DONOHUE, Agnes McNeill. *Hawthorne: Calvin's Ironic Stepchild*. Kent: Kent State UP, 1985.

EASTON, Alison. *The Making of the Hawthorne Subject*. Columbia: U of Missouri P, 1996.

FICK, Leonard J. *The Light Beyond: a Study of Hawthorne's Theology*. Westminster: Newman P, 1955.

GALE, Robert L. *A Nathaniel Hawthorne Encyclopedia*. Westport: Greenwood, 1991.

GOLLIN, Rita. *Nathaniel Hawthorne and the Truth of Dreams*. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1979.

GOLLIN, Rita, and John Idol. *Prophetic Pictures: Nathaniel Hawthorne and the Uses of the Visual Arts*. NY: Greenwood, 1991.

GORMAN, Herbert. *Hawthorne: A Study in Solitude*. NY: Biblo, 1966.

GREENWALD, Elissa. *Realism and the Romance: Nathaniel Hawthorne, Henry James, and American Fiction*. Ann Arbor: UMI Research, 1989.

HALL, Lawrence Sargent. *Hawthorne: Critic of Society*. New Haven: Yale UP, 1944.

HAWTHORNE, Julian. *Nathaniel Hawthorne and His Wife: A Biography*. 2 vols. Boston, 1884.

HERBERT, T. Walter. *Dearest Beloved: The Hawthornes and the Making of the Middle-Class Family*. Berkeley: U California P, 1993.

IDOL, John L., Jr., and Buford Jones, eds. *Nathaniel Hawthorne: The Contemporary Reviews*. NY: Cambridge UP, 1994.

IDOL, John L., Jr., and Melinda Ponder, eds. *Hawthorne and Women: Engendering and Expanding the Hawthorne Tradition*. Amherst: U of Massachusetts P, 1999.

JACOBSEN, Richard J. *Hawthorne's Conception of the Creative Process*. Cambridge: Harvard UP, 1965.

JR., Person Leland S. *Aesthetic Headaches: Women and a Masculine Poetics in Poe, Melville, and Hawthorne*. Athens: U of Georgia P, 1988.

KESSELRING, Marion L. *Hawthorne's Reading, 1828-1850*. NY: New York Public Library, 1949.

LATHROP, George P. *A Study of Hawthorne*. Boston, 1876.

LATHROP, Rose Hawthorne. *Memories of Hawthorne*. Boston, 1897.

LEE, A. Robert, ed. *Nathaniel Hawthorne: New Critical Essays*. NY: Barnes, 1982.

LLOYD- Smith, A.G. *Eve Tempted: Writing and Sexuality in Hawthorne's Fiction*. London: Croom Helm, 1984.

MALE, Roy R. *Hawthorne's Tragic Vision*. NY: Norton, 1957.

MCFARLAND, Philip. *Hawthorne in Concord*. NY: Grove P, 2004.

MELLOW, James R. *Nathaniel Hawthorne in His Times*. Boston: Houghton Mifflin, 1980.

MILLINGTON, Richard H., ed. *The Cambridge Companion to Nathaniel Hawthorne*. Cambridge: Cambridge UP, 2004.

MITCHELL, Thomas R. *Hawthorne's Fuller Mystery*. Amherst: U of Massachusetts P, 1998.

MOORE, Margaret B. *The Salem World of Nathaniel Hawthorne*. Missouri: U of Missouri P, 1998.

NORMAND, Jean. *Nathaniel Hawthorne: an Approach to an Analysis of Artistic Creation*. London: P of Case Western Reserve U, 1970.

PFISTER, Joel. *The Production of Personal Life: Class, Gender, and the Psychological in Hawthorne's Fiction*. Stanford: Stanford U, 1991.

REYNOLDS, Larry J., ed. *A Historical Guide to Nathaniel Hawthorne*. NY: OUP, 2001.

RUBY, Pollock Beth. "The Representation of Utopia: Hawthorne and the Female Medium". Diss. U of California, 1988.

STEWART, Randall. *Nathaniel Hawthorne: a Biography*. New Haven: Yale UP, 1948.

THARPE, Jac. *Nathaniel Hawthorne: Identity and Knowledge*. Carbondale: Southern Illinois UP, 1967.

TURNER, Arlin. *Nathaniel Hawthorne: a Biography*. NY: OUP, 1980.

---. *Nathaniel Hawthorne: an Introduction and Interpretation*. NY: Holt, 1961.

WAGONNER, Hyatt H. *Hawthorne: A Critical Study*. Cambridge: Belknap P of Harvard UP, 1963.

Geral

ADAMS, Dena Wills. "Female Inheritors of Hawthorne's New England Literary Tradition". Diss. U of North Texas, 1994.

ALLEN, Margaret Vanderhaar. *The Achievement of Margaret Fuller*. University Park: Pennsylvania State UP, 1979.

ARAC, Jonathan. "The Politics of *The Scarlet Letter*". *Ideology and Classic American Literature*. Ed. Sacvan Bercovitch and Myra Jehlen. NY: Cambridge UP, 1986. 247-66.

ARMSTRONG, Judith. *The Novel of Adultery*. London: Macmillan, 1976.

ARVIN, Newton, ed. "Lady Eleanore's Mantle". *Hawthorne's Short Stories*. NY: Knopf, 1946. 108- 21.

---. "Rappaccini's Daughter". *Hawthorne's Short Stories*. NY: Knopf, 1946. 206-34.

AUERBACH, Nina. *Woman and the Demon: the Life of a Victorian Myth*. Cambridge: Harvard UP, 1982.

BARDES, Barbara, and Suzanne Gossett. *Declarations of Independence: Women and Political Power in Nineteenth-Century American Fiction*. New Brunswick: Rutgers UP, 1990.

BARLOWE, Jamie. "Rereading Women: Hester Prynne-ism and the Scarlet Mob of Scribblers". *American Literary History* 9 (1997): 197-225.

---. *The Scarlet Mob of Scribblers: Rereading Hester Prynne*. Carbondale: Southern Illinois UP, 2000.

BARNETT, Louise K. *Authority and Speech: Language, Society and Self in the American Novel*. Athens: U of Georgia P, 1993.

BAYM, Nina. "Hawthorne's Women: The Tyranny of Social Myths". *Centennial Review* 15 (1971): 250-72.

---. "Melodramas of Beset Manhood: How Theories of American Fiction Exclude Women Authors". *American Quarterly* 33 (1981): 123-39.

---. *Novels, Readers, and Reviewers: Responses to Fiction in Antebellum America*. Ithaca: Cornell UP, 1984.

---. "Passion and Authority in *The Scarlet Letter*". *New England Quarterly* 43 (1970): 209-30.

---. *"The Scarlet Letter": a Reading*. Boston: Twayne, 1986.

BELL, Millicent, ed. "Introduction". *New Essays on Hawthorne's Major Tales*. NY: Cambridge UP, 1993. 1-35.

---. "World Lit Hawthorne: Or, Re-Allegorizing 'Rappaccini's Daughter'". *New Essays on Hawthorne's Major Tales*. NY: Cambridge UP, 1993. 67-79.

BERCOVITCH, Sacvan and Myra Jehlen, eds. *Ideology and Classic American Literature*. NY: Cambridge UP, 1986

BERCOVITCH, Sacvan. *The Office of "The Scarlet Letter"*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1991.

BERLANT, Lauren. "Fantasies of Utopia in *The Blithedale Romance*". *American Literary History* 1 (1989): 30-62.

---. *The Anatomy of National Fantasy: Hawthorne, Utopia, and Everyday Life*. Chicago: U of Chicago P, 1991.

BIGSBY, Christopher. *Hester: A Novel*. Hammondsworth: Penguin, 1994.

BLOOM, Harold, ed. *Hester Prynne*. NY: Chelsea House, 1990.

---. *Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter": Bloom's Notes*. N.p.: Chelsea House, 1996.

BOMARITO, Jessica, and Jeffrey W. Hunter, eds. "Women's Literature in the 19<sup>th</sup> Century: Introduction". *Feminism in Literature*. N.p.: Thomson Gale, 2006.

BOYD, Anne E. *Writing for Immortality: Women Writers and the Emergence of High Literary Culture in America*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 2004.

BROWNMILLER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. NY: Bantam, 1975.

BROWNSTEIN, Rachel. *Becoming a Heroine: Reading about Women in Novels*. NY: Viking P, 1992.

BRUCE, F.F. *The English Bible: a History of Translations*. NY: OUP, 1961.

BRUMM, Ursula. *American Thought and Religious Typology*. New Brunswick: Rutgers UP 1970.

BUDICK, Emily Miller. *Engendering Romance: Women Writers and the Hawthorne Tradition, 1850-1990*. New Haven: Yale UP, 1994.

BUREN, Jane Silverman Van. *The Modernist Madonna: Semiotics of the Maternal Metaphor*. Bloomington: Indiana UP, 1989.

CAMFIELD, Gregg. *Necessary Madness: the Humour of Domesticity in Nineteenth-Century American Literature*. NY: OUP, 1997.

CAPPER, Charles M. *Margaret Fuller: an American Romantic Life*. NY: OUP, 1992.

CARTON, Evan. *The Marble Faun: Hawthorne's Transformations*. NY: Twayne, 1992.

CHARVAT, William. *The Profession of Authorship in America, 1800-1870: The Papers of William Charvat*. Ed. Matthew J. Bruccoli. Columbus: Ohio State UP, 1968.

CLACK, Randall A. *The Marriage of Heaven and Hearth: Alchemical Regeneration in the Works of Taylor, Poe, Hawthorne and Fuller*. Westport: Greenwood P, 2000.

CLINTON, Catherine, and Christine Lunardini. *The Columbia Guide to American Women in the Nineteenth Century*. NY: Columbia UP, 2000.

COALE, Samuel Chase. *Mesmerism and Hawthorne: Mediums of American Romance*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 1998.

COHEN, B. Bernard, ed. "Hyatt H. Waggoner, *The Marble Faun* (Hawthorne, 1963)". *The Recognition of Nathaniel Hawthorne*. Ann Arbor: U of Michigan P, 1969. 243-57.

---. "William Dean Howells, From *Heroines of Fiction* (1901)". *The Recognition of Nathaniel Hawthorne*. N.p.: U of Michigan P, 1969. 134-38.

COLACURCIO, Michael J. "Footsteps of Ann Hutchinson: The Context of *The Scarlet Letter*". *ELH* 39 (1972): 459-92.

---. *The Province of Piety: Moral History in Hawthorne's Early Tales*. Cambridge: Harvard UP, 1984.

---. "The Woman's Own Choice: Sex, Metaphor and the Puritan 'Sources' of *The Scarlet Letter*". *New Essays on "The Scarlet Letter"*. Ed. Michael J. Colacurcio. NY: Cambridge UP, 1985. 101-36.

COTT, Nancy. *The Bonds of Womanhood*. New Haven: Yale UP, 1977.

CURTIS, George W. "The Works of Nathaniel Hawthorne". *North American Review* 99 (1864): 539-57.

DICKENSON, Donna. *Woman in the Nineteenth Century and Other Writings*. NY: OUP, 1994.

DOUBLEDAY, Neal Frank. "Lady Eleanore's Mantle". *Hawthorne's Early Tales: a Critical Study*. Durham: Duke UP, 1972. 128-30.

---. "Old Esther Dudley". *Hawthorne's Early Tales: a Critical Study*. Durham: Duke UP, 1972. 130-37.

DOWD, Wienk Marilyn. "Hawthorne's Heroines and the Feminine Ideal: the Four Major Romances in the Context of Nineteenth-Century Women's Novels". Diss. State U of New York, 1989.

ELBERT, Monika M., ed. *Encoding the Letter "A": Gender and Authority in Hawthorne's Early Fiction*. Germany: Haag und Herchen, 1990.

---, ed. *Separate Spheres no More: Gender Convergence in American Literature, 1830-1930*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 2000.

EMERSON, Ralph Waldo, William Henry Channing, and James Freeman Clarke. *Memoirs of Margaret Fuller Ossoli*. 2 vols. NY: Burt Franklin, 1972.

ERLICH, Gloria. *Family Themes and Hawthorne's Fiction: the Tenacious Web*. New Brunswick: Rutgers UP, 1984.

FETTERLEY, Judith. *The Resisting Reader: A Feminist Approach to American Fiction*. Bloomington: Indiana UP, 1978.

FIEDLER, Leslie A. *Love and Death in the American Novel*. NY: Stein, 1966.

FISHER, Jerilyn, and Ellen S. Silber, eds. *Women in Literature: Reading through the Lens of Gender*. Westport: Greenwood P, 2003.

FLEISCHMANN, Fritz, ed. *American Novelists Revisited: Essays in Feminist Criticism*. Boston: G. K. Hall, 1982.

FLEISCHNER, Jennifer. "Hawthorne and the Politics of Slavery". *Studies in the Novel* 4 (1991): 96-106.

FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish*. Trans. Alan Sheridan. NY: Pantheon, 1977.

- FOWLER, Lois Josephs, ed. *Insight: American Literature*. NY: Noble, 1968.
- FOWLKES, Diane and Charlotte S. McClure, eds. *Feminist Visions: Toward a Transformation of the Liberal Arts Curriculum*. University: U of Alabama P, 1984.
- FRYER, Judith. *The Faces of Eve: Women in the Nineteenth- Century American Novel*. NY: Oxford UP, 1976.
- FULLER, Margaret. *The Essential Margaret Fuller*. Ed. Jeffrey Steele. NJ: Rutgers UP, 1992.
- GABLER-Hover, Janet. *Truth in American Fiction: the Legacy of Rhetorical Idealism*. Athens: U of Georgia P, 1990.
- GATTA, John. *American Madonna: Images of the Divine Woman in Literary Culture*. NY: OUP, 1997.
- GEDGE, Karin E. *Without Benefit of Clergy: Women and the Pastoral Relationship in Nineteenth-Century American Culture*. NY: OUP, 2003.
- GERBER, John C., ed. *Twentieth-Century Interpretations of "The Scarlet Letter"*. NJ: Prentice, 1968.
- GIBALDI, Joseph. *MLA Handbook for Writers of Research Papers*. 6<sup>th</sup> ed. NY: MLA, 2003.
- GILMORE, Michael T. *Surface and Depth: The Quest for Legibility in American Culture*. NY: OUP, 2003.
- GOLLIN, Rita, ed. *The Scarlet Letter*. Boston: Houghton, 2001.
- GRASSO, Linda M. *The Artistry of Anger: Black and White Women's Literature in America, 1820-1860*. Chapel Hill: U of North Carolina P, 2002.
- GROSS, Seymour L., ed. *A Scarlet Letter Handbook*. Belmont: Wadsworth, 1960.
- . *The Scarlet Letter: An Authoritative Text, Essays in Criticism and Scholarship*. NY: Norton, 1988.
- HALLER, John and Robin Hailer. *The Physician and Sexuality in Victorian America*. Urbana: U of Illinois P, 1978.
- HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs, and Women: the Reinvention of Nature*. NY: Routledge, 1991.
- HARRIS, Kenneth Marc. *Hypocrisy and Self-Deception in Hawthorne's Fiction*. Charlottesville: UP of Virginia, 1988.
- HARRIS, Sharon M., ed. *American Women Writers to 1800*. NY: OUP, 1996.



- HAWTHORNE, Nathaniel. *The Blithedale Romance*. NY: Norton, 1978.
- . *The Marble Faun*. NY: Dell, 1960.
- . *The Scarlet Letter*. Hertfordshire: Wordsworth Classics, 1992.
- HEILBRUN, Carolyn G. *Toward a Recognition of Androgyny*. NY: Knopf, 1972.
- HERBERT, T. Walter. "Pornographic Manhood and *The Scarlet Letter*". *Studies in the Novel* 29 (2001): 113-20.
- HODGES, Elizabeth Perry. "The Letter of the Law: Reading Hawthorne and the Law of Adultery". *Law and Literature Perspectives*. NY: Peter Lang, 1996.
- HOWE, Irving. *Politics and the Novel*. NY: Horizon P, 1957.
- HOWELLS, W. D. *Heroines of Fiction*. NY: Harper, 1901.
- HUDSPETH, Robert N., ed. *The Letters of Margaret Fuller*. 6 vols. NY: Cornell UP, 1983.
- HUTNER, Gordon. *Secrets and Sympathy: Forms of Disclosure in Hawthorne's Novels*. Athens: U of Georgia P, 1988.
- JACKSON, Carl T. *The Original Religions in American Thought*. London: Greenwood, 1981.
- JOHNSON, Claudia Durst. *The Productive Tension of Hawthorne's Art*. Tuscaloosa: U of Alabama P, 1981.
- . *Understanding "The Scarlet Letter": A Student Casebook to Issues, Sources, and Historical Documents*. Westport: Greenwood P, 1995.
- JONES, E. Michael. "The Blithedale Romance and the Wreck of Human Nature". *The Angel and the Machine: the Rational Psychology of Nathaniel Hawthorne*. Illinois: Sherwood, 1991. 175-87.
- KARLSEN, Carol F. *The Devil in the Shape of a Woman: Witchcraft in Colonial New England*. Scranton: W.W. Norton, 1998.
- KEARNS, Francis E. "Margaret Fuller As a Model for Hester Prynne". *Jahrbuch für Amerikastudien* 10 (1965): 191-97.
- KENNEDY-ANDREWS, Elmer. *Nathaniel Hawthorne: "The Scarlet Letter"*. NY: Columbia UP, 1999.
- KERKERING, John D. *The Poetics of National and Racial Identity in Nineteenth-Century American Literature*. Cambridge: Cambridge UP, 2003.

KESTERSON, David B., ed. *Critical Essays on Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Boston: G. K. Hall, 1988.

KNIGHT, Denise D., and Emmanuel S. Nelson, eds. *Nineteenth-Century American Women Writers: A Bio-bibliographical Critical Sourcebook*. Westport: Greenwood P, 1997.

KRADITOR, Aileen S. *Up from the Pedestal: Selected Writings in the History of American Feminism*. Chicago: Quadrangle, 1968.

LANG, Amy. *Prophetic Woman: Anne Hutchinson and the Problem of Dissent in the Literature of New England*. Berkeley: U of California P, 1987.

LEVERENZ, David. "Mrs. Hawthorne's Headache: Reading *The Scarlet Letter*". *Nineteenth-Century Fiction* 37 (1983): 552-75.

LUEDTKE, Luther S. *Nathaniel Hawthorne and the Romance of the Orient*. Bloomington: Indiana UP, 1989.

MANNINO, Mary Ann Vigilante. *Revisionary Identities: Strategies of Empowerment in the Writing of Italian/American Women*. NY: Peter Lang, 2000.

MARTIN, Robert K. "Hester Prynne, C'est Moi: Nathaniel Hawthorne and the Anxieties of Gender". *Engendering Men: The Question of Male Feminist Criticism*. Eds. Joseph A. Boone and Michael Cadden. NY: Routledge, 1990. 122-39.

MILDER, Robert. "*The Scarlet Letter* and Its Discontents". *Nathaniel Hawthorne Review* 22 (1996): 9-25.

MILLINGTON, Richard H. *Practicing Romance: Narrative Form and Cultural Engagement in Hawthorne's Fiction*. NJ: Princeton UP, 1992.

MOORE, Thomas R. *A Thick and Darksome Veil: the Rhetoric of Hawthorne's Sketches, Prefaces, and Essays*. Boston: Northeastern UP, 1994.

MURFIN, Ross C., ed. *Nathaniel Hawthorne: Scarlet Letter, Case Studies in Contemporary Criticism*. NY: St. Martin's, 1991.

NEWMAN, Lea Vortani Bezar. *A Reader's Guide to the Short Stories of Nathaniel Hawthorne*. Boston: G. K. Hall, 1979.

PEARSON, Carol, and Katherine Rope. *The Female Hero in American and British Literature*. NY: Bowker, 1981.

PONDER, Melinda. *Hawthorne's Early Narrative Art*. Lewinston: Edwin Mellen, 1990.

POWERS, Meredith A. *The Heroine in Western Literature: the Archetype and her Reemergence in Modern Prose*. Jefferson: McFarland, 1991.

RAILTON, Stephen. *Authorship and Audience: Literary Performance in the American Renaissance*. NJ: Princeton UP, 1991.

REID, Alfred S. "*The Yellow Ruff*" & "*The Scarlet Letter*": *A Source of Hawthorne's Novel*. Gainesville: U of Florida P, 1955.

RETALLACK, Joan. *The Poetical Wager*. Berkeley: U of California P, 2003.

REYNOLDS, David. *Beneath the American Renaissance: the Subversive Imagination in the Age of Emerson and Melville*. NY: Knopf, 1988.

REYNOLDS, Larry J. *European Revolutions and the American Literary Renaissance*. New Haven: Yale UP, 1988.

SAMUELS, Shirley, ed. *The Culture of Sentiment: Race, Gender, and Sentimentality in Nineteenth-Century America*. NY: OUP, 1992.

SCHARNHORST, Gary, ed. *The Critical Response to Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Westport: Greenwood, 1992.

SEGAL, Naomi. *The Adulteress's Child: Authorship and Desire in the Nineteenth-Century Novel*. Cambridge: Polity, 1992.

SHELDON, Sara. *Nathaniel Hawthorne's "The Scarlet Letter"*. Woodbury: Barron's, 1984.

SHINN, Thelma. *Radiant Daughters: Fictional American Women*. NY: Greenwood, 1986.

SMITH, Allan Gardner Lloyd. *Eve Tempted: Writing and Sexuality in Hawthorne's Fiction*. NJ: Barnes, 1984.

SMITH, Stephanie A. *Conceived by Liberty: Maternal Figures and Nineteenth-Century American Literature*. Ithaca: Cornell UP, 1994.

SOFER, Naomi Z. *Making the "America of Art": Cultural Nationalism and Nineteenth-Century Women Writers*. N.p.: Ohio State UP, 2005.

SOUSA, Alice Manuela Martins Guimarães Alves de. "Escritores Puritanos Menores: Reflexos do Modo de Vida Ascético e do Panorama Social na Escrita Colonial". Diss. Universidade Aberta, 2001.

SPRINGER, Marlene, ed. *What Manner of Woman: Essays on English and American Life and Literature*. NY: New York UP, 1977.

STEELE, Jeffrey, ed. *The Essential Margaret Fuller*. NJ: Rutgers UP, 1992.

STEINER, Wendy. *Pictures of Romance: Form Against Context in Painting and Literature*. Chicago: U of Chicago P, 1988.

STERN, Milton. *Contexts for Hawthorne: The Marble Faun and the Politics of Openness and Closure in American Literature*. Urbana: U of Illinois P, 1991.

STODDARD, Hope. *Famous American Women*. NY: Thomas Y. Crowell, 1970.

STUBBS, John Caldwell. *The Pursuit of Form: a Study of Hawthorne and the Romance*. Urbana: U of Illinois P, 1970.

SUNSTEIN, Cass K., ed. *Feminism and Political Theory*. Chicago: U of Chicago P, 1989.

SWANN, Charles. "Hester and the Second Coming: A Note on the Conclusion to *The Scarlet Letter*". *Journal of American Studies* 21 (1987): 264-68.

THICKSTUN, Margaret Olofson. *Fictions of the Feminine: Puritan Doctrine and the Representation of Women*. Ithaca: Cornell UP, 1988.

TONKOVICH, Nicole. *Domesticity with a Difference: the Nonfiction of Catherine Beecher, Sarah J. Hale, Fanny Fern, and Margaret Fuller*. Jackson: UP of Mississippi, 1997.

TURNER, Arlin. *The Merrill Studies in "The Scarlet Letter"*. Ohio: C. E. Merrill, 1970.

WALLACE, James D. "Hawthorne and the Scribbling Women Reconsidered". *American Literature* 62 (1990): 201-22.

WARREN, Joyce W. *The American Narcissus: Individualism and Women in Nineteenth-Century American Fiction*. NJ: Rutgers UP, 1984.

"Character". Def. *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language*. 1996.

WEINAUER, Ellen. "Considering Possession in *The Scarlet Letter*". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 93-112.

WELTER, Barbara. *Dimity Convictions: The American Woman in the Nineteenth Century*. Athens: Ohio UP, 1976.

WHITE, Sidney Howard. *Barron's Simplified Approach to Hawthorne: "The Scarlet Letter"*. NY: Barron's Educational Series, 1967.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism in Literature*. NY: OUP, 1977.

YELLIN, Jean Fagan. *Women and Sisters: the Antislavery Feminists in American Culture*. New Haven: Yale UP, 1989.

ZWARG, Christina. "Womanizing Margaret Fuller: Theorizing a Lover's Discourse". *Cultural Critique* 16 (1990): 161-91.

**Webgrafia:**

BATTAN, Jesse F. "You cannot fix the scarlet letter on my breast!": Women Reading, Writing, and Reshaping the Sexual Culture of Victorian America". *Journal of Social History* 37 (2004): 1-43. *FindArticles*. 2004. Gale Group. 10 Dec. 2006  
<[http://www.findarticles.com/p/articles/mi\\_m2005/is\\_3\\_37/ai\\_n6137073](http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2005/is_3_37/ai_n6137073)>.

EATON, Cathy, and Melissa Pennell. "Women in Hawthorne: Introduction". *HawthorneinSalem*. 2006. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/10010/>>.

MILLINGTON, Richard H. "The Meanings of Hawthorne's Women". *HawthorneinSalem*. 2000. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/10482/>>.

PENNELL, Melissa McFarland. "Subverting the Subversive: Hawthorne's Containment of Hester Prynne in *The Scarlet Letter*". *HawthorneinSalem*. 2004. North Shore Community College. 11 Dec. 2006  
<<http://www.hawthorneinsalem.org/page/12184/>>.

JONES, Emma. "A Comparison Between Hester Prynne, of Nathaniel Hawthorne's *The Scarlet Letter*, and Margaret Fuller, the Mid-Nineteenth-Century Campaigner for the Rights of Women". *Literature-Study-Online*. 2003. 13 Dec. 2006  
<<http://www.literature-study-online.com/essays/hawthorne.html>>.

HEYRMAN, Christine Leigh. "Religion, Women, and the Family in Early America". *NHC*. 2000. 15 Dec. 2006  
<<http://www.nhc.rtp.nc.us:8080/tserve/eighteen/ekeyinfo/erelwom.htm>>.

BARNA, Mark Richard. "Nathaniel Hawthorne and the Unpardonable Sin". *World and I* Mar. 1998: 325+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002217230>>.

CROUSE, Jamie S. "If They Have a Moral Power': Margaret Fuller, Transcendentalism, and the Question of Women's Moral Nature". *American Transcendental Quarterly* 19 (2005): 259+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5013940334>>.

DONOGHUE, Denis. "Hawthorne and Sin". *Christianity and Literature* 52 (2003): 215+. *Questia*. 2006. Gale Group. 12 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002539423>>.

FARR, Judith. "Haunted Hawthorne". *The Wilson Quarterly* Winter 2004: 121+. *Questia*. 2006. Gale Group. 13 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002069235>>.

JR., Ken Egan. "The Adulteress in the Market-Place: Hawthorne and *The Scarlet Letter*". *Studies in the Novel* 27 (1995): 26-41. *Questia*. 2006. Gale Group. 13 Dec. 2006  
<<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5000309989>>.

LINGEMAN, Richard. "The Haunting". *The Nation* 12 Jan. 2004: 38. *Questia*. 2006. Gale Group. 14 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5002575169>>.

ONDERDONK, Todd. "The Marble Mothers': Hawthorne's Iconographies of the Feminine". *Studies in American Fiction* 31 (2003): 73-100. *Questia*. 2006. Gale Group. 14 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001963204>>.

PERSON, Leland S. "The Dark Labyrinth of Mind: Hawthorne, Hester and the Ironies of Racial Mothering". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 33+. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001998725>>.

PRITCHARD, William H. "Hawthorne: Shy Writer Was Enchantingly Apart". *World and I* Dec. 2004: 18. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5009049134>>.

REISS, John. "Hawthorne's *The Scarlet Letter*". *Explicator* 53 (1995): 200+. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=98292539>>.

WINSHIP, Michael. "Hawthorne and the Scribbling Women: Publishing *The Scarlet Letter* in the Nineteenth Century United States". *Studies in American Fiction* 29 (2001): 37. *Questia*. 2006. Gale Group. 15 Dec. 2006 <<http://www.questia.com/pm.qst?a=o&d=5001998717>>.

HEATH, William. "The Power of Passion: Hawthorne's Tales of Thwarted Desire". *The Cortland Review*. 1999. 16 Dec. 2006 <<http://cortlandreview.com/issuethree/heath3.htm>>.

GOODWIN, Joan. "Margaret Fuller". *UUHS*. 1999. 17 Dec. 2006 <<http://www.uua.org/uuhs/duub/articles/margaretfuller.html>>.

RITCHIE, Susan. "The Peabody Sisters". *UUHS*. 1999. 17 Dec. 2006 <<http://www.uua.org/uuhs/duub/articles/peabodysisters.html>>.

ELLIS, Barbara. "Some Observations About Hawthorne's Women". *Willa*. Ed. Patricia Kelly. 1993. 16 Dec. 2006 <<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/old-willa/fall93/k-ellis.html>>.

### **Filmografia:**

*The Scarlet Letter*. Dir. Roland Joffé. Perf. Demi Moore, Gary Oldman. Hollywood Pictures Home Video, 2002.

